



PUC-SP
1946-2006

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Marcílio Ribeiro de Godoi

**"Escrita e sobrevivência em *Cartas da Prisão* (Frei Betto):
o absurdo como origem e deslimite"**

MESTRADO EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA

SÃO PAULO

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Marcílio Ribeiro de Godoi

**Escrita e sobrevivência em *Cartas da Prisão* (Frei Betto):
o absurdo como origem e deslimite**

MESTRADO EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Literatura e Crítica Literária, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Segolin.

SÃO PAULO

2013

Banca Examinadora:

*À dona Etelvina,
cujos verbos sempre se conjugam no presente.*

*A Mônica, Isadora e Pedro,
por me presentificarem o verbo – sempre.*

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Fernando Segolin, por atar os fios dispersos e desatar coreograficamente os nós semióticos.

Às Prof^{as}. Dr^{as}. Olga de Sá e Neiva Pitta Kadota, pelos valiosos apontamentos destacados quando da qualificação deste trabalho.

À Profa. Dra. Juliana Loyola, pelo desafio incomunicável do deslimite como possibilidade narrativa.

À Profa. Dra. Maria Aparecida Junqueira, pela delicadeza atualíssima do olhar crítico-poético.

À Profa. Dra. Maria José Palo, pelo rigor na imensidão de Bakhtin.

À Profa. Dra. Maria Rosa Duarte, pelo desenho heurístico e a lógica imaginativa.

À Profa. Dra. Vera Bastazin, pela descoberta do absurdo na derrelição.

A Ana Albertina, pelo carinho tipo pronto-astral e o indefectível sorriso.

Ao seu Marciano da Costa Godoi, pelas horas de noturna reflexão e encontro com o silêncio mais difícil e necessário.

Aos meus irmãos, pelo longe, sem distância alguma.

Ao sobrinho e amigo Marciano Seabra de Godoi, pela torcida.

A Mônica Kalil, pelas horas de intensa descoberta e comunhão, entre tantas outras.

À CAPES, pela oportunidade da bolsa concedida.

*(...) Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas. (...)*

(Carlos Drummond de Andrade, em Mãos dadas)

Diante de tanta dor, o humano degradado em lixo, a voracidade satânica deglute o que antes nos parecia angélico; a tortura provoca uma maldita ópera de tenores, barítonos e contraltos enlouquecidos; o teatro arde em chamas. Resta-nos a esfinge. Quem haverá de decifrar seu enigma?

(Frei Betto, em Diários de Fernando)

GODOI, Marcílio Ribeiro de. **Escrita e sobrevivência em *Cartas da Prisão* (Frei Betto): o absurdo como origem e deslimite**. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2013. 140f.

RESUMO

A presente dissertação representa a busca por uma narrativa. O que propomos demonstrar aqui é que há uma história por detrás de um conjunto de histórias aparentemente desconexas. E que o feixe dessas histórias não se refere unicamente à descrição simbólica ou ao registro de um importante período histórico brasileiro, mas, também, a despeito de sua incipiente carga literária, à trajetória que obrigatoriamente um homem deve traçar em sua travessia sobre o absurdo do mundo.

Quando imaginamos escrita e sobrevivência em *Cartas da prisão*, de Frei Betto, procuramos identificar em que medida se dava, nesse jogo de forças, o movimento de equilíbrio dinâmico da origem do autor na negação da morte. Pelo alto grau de subjetividade da proposta, o conceito de Neutro, de Roland Barthes, mostrou-se metodologia efetiva, pois que nos forneceu o atributo do impasse e, em consequência disso, o direito a novos caminhos, o acesso a respostas surpreendentes e, sobretudo, a experiência estético-crítico-criativa “cintilante”, para aplicar a expressão do próprio Barthes.

A lucidez que prende Sísifo ao seu destino sob a pedra imensa de sua condenação ou Camus à sua humana revolta pela condenação da espécie é da mesma ordem da que liga Betto à literatura, representando sua única possibilidade real de conquista da verdadeira liberdade: pela consciência.

Palavras-chave: Frei Betto. Cartas da prisão. Literatura no cárcere. Neutro como método. Absurdo. Origem. Deslimite

GODOI, Marcílio Ribeiro de. **Writing and surviving in *Cartas da Prisão* [Letters from prison], (Frei Betto): absurdity as the origin and the unlimited.** Master's thesis. Program of Post-Graduate Studies on Literature and Literary Criticism. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brazil, 2013. 140f.

ABSTRACT

This master's thesis represents the search for a narrative. We aim to demonstrate that there is a story behind a set of apparently unrelated stories and that what bundles these stories is not only the symbolic description or records of an important period of the history of Brazil, but also, despite its incipient literary load, the path a man must necessarily follow in order to accomplish his journey under the absurdity of the world.

When we think about writing and surviving in *Cartas da prisão* [Letters from prison], by Frei Betto, we try to identify, in this tug-of-war, in what measure would there be a movement of dynamic balance of the origin of the author in the denial of death. For the high degree of subjectivity we aim for here, Roland Barthes' concept of Neutral has proved to be an efficient methodology, having provided us with the attribute of the impasse and, therefore, the right to news paths, the access to surprising answers and, above all, a sparkling creative-critical-aesthetic experience, to use an expression of Barthes himself.

The lucidity that ties Sisyphus to his destiny under the huge rock of his condemnation or Camus to his human rebellion in face of the race condemnation is of the same order of the one that connects Betto to literature and which represents his only real possibility of achieving true freedom: through consciousness.

Key words: Frei Betto. *Cartas da prisão*. Letters from prison. Literature in prison. The neutral as a method. Absurdity. Origin. Unlimited.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

ESPECULAÇÕES SOBRE A UTILIDADE DE UMA HISTÓRIA.....	10
--	-----------

1. DESTINATÁRIO: TEMPO

1.1 – Das intercorrespondências narrativas.....	16
1.2 – Carta: um ensaio narrativo.....	18
1.3 – O grau zero da solidão.....	23

2. CARTAS APRISIONADAS

2.1 - Do Neutro como possível método heurístico.....	28
2.2 - As figuras do Neutro.....	34
2.3 - Cartas em cintilação.....	36

3. EM BUSCA DA NARRATIVA IMPLÍCITA

3.1 - O castelo das cartas cruzadas.....	87
3.2 – Sísifo: mito e figuração.....	91
3.3 – A escritura diante do absurdo.....	96

CONSIDERAÇÕES FINAIS

UMA HISTÓRIA DE ORIGEM E DESLIMITE.....	101
--	------------

LISTA DE REFERÊNCIAS.....	109
----------------------------------	------------

ANEXO I

MONÓLOGO - A criação como exercício de análise crítica.....	113
--	------------

INTRODUÇÃO

ESPECULAÇÕES SOBRE A UTILIDADE DE UMA HISTÓRIA

“Nada me expurga o sentimento de profundo fracasso, a derrelição, o desespero d’alma, a certeza de que meu ser, sequestrado, agora exige a morte como resgate.”

(Frei Betto, em *Diário de Fernando*)

O frade dominicano Frei Betto foi preso pelo regime militar brasileiro em novembro de 1969 por sua atuação revolucionária em apoio à ALN – Ação Libertadora Nacional, comandada por Carlos Marighella.

As cartas redigidas por ele nos três presídios pelos quais passou (Tiradentes, Carandiru, Presidente Venceslau) datam do período de 1969 a 1973 e foram publicadas primeiramente na Itália, sob o título *Dai sotterranei della storia [Nos subterrâneos da história]*, em 1971, e depois no Brasil, em dois volumes: *Cartas da prisão*, 1977, e *Das catacumbas*, 1978. Para além de seu conteúdo particular, a maior parte de caráter pessoal, estabelecido com diversos interlocutores, as cartas captam, em seu todo, uma narrativa subjacente. Que relato seria esse? Como se opera, do ponto de vista narrativo, em paralelo com o original das cartas propriamente ditas, esse dialogismo intratextual? Estamos diante de que espécie de obra artística?

A análise intersemiótica dos textos, isoladamente e em seu conjunto, aponta, sim, para um movimento estético-literário, incipiente, mas auspiciosamente estruturado de maneira quase invisível em uma primeira leitura, de modo a nos revelar, em uma apreensão mais detida, a urdidura secreta por detrás dos planos narrativos aparentemente desconexos. Ali está sendo contada uma história subterrânea, em princípio, como dissemos, de modo não aparente, que trata do nascimento do autor.

Para que essa figura de estranho narrador de sua própria gênese epistolar aqui se revele, é necessário, inicialmente, que o tomemos parcimoniosamente no que diz respeito a suas linhas biográficas, para que, mais tarde, eliminando por completo o desenho de sua identidade como personagem de um momento político, sociocultural,

religioso de forte teor simbólico na recente história brasileira, reste-nos o desenho do que aqui nos interessa apresentar: a trajetória de uma narrativa.

Por sua contingência de repressão ideológica, de restrição espacial e de suspensão da liberdade de expressão, associadas a maus-tratos e tortura psicológica, a literatura produzida no cárcere é muita vez considerada como manifestação não artística, uma espécie de grito, naturalmente vocacionada ao libelo libertário, irreversivelmente vórtice de um manifesto panfletário. Com raras exceções, observa-se na voz do autor preso apenas o espaço possível de preservação da manifestação de sua consciência em risco, de sua existência sequestrada, de seus valores ameaçados, mas definitivamente afastada de qualquer possibilidade artística.

Apesar de estarmos diante de uma das necessidades primordiais do ser humano - qual seja, contar histórias, narrar uma experiência qualquer, relatar o vivido ao outro, testemunhar -, muito pouca luz se projeta efetivamente sobre o debate do valor da linguagem da missiva como possibilidade real na construção dos tempo-espacos literários.

Esses sentidos estão presentes na etimologia da palavra missiva, que vem de missa, originariamente 'preces', e que possui também, como duplo sentido, o particípio do verbo *mittere*, *missus*, que significa enviar, enviado, em latim. Há também, em diversos dicionários de etimologia, uma ligação remota com o termo missão, que derivou missionário e que aqui também poderia ser referido como uma forma de estreitar o sentido da carta como o envio de uma ideia, como uma representação de um discurso intencional, uma narrativa.

No artigo "Cartas e literatura: reflexões sobre pesquisa do gênero epistolar", Emerson Tin, apresenta uma defesa do gênero epistolar e cita Marie-Claire Grassi no estabelecimento de possíveis normas para uma definição: "Não há de um lado cartas reais, ordinárias e não literárias e, de outro, cartas fictícias e literárias. Cada tipo de carta, fictícia ou real, testemunha certo grau de literariedade, quer dizer, certos traços que põem em relevo mais ou menos de uma estética universal".

Ora, a carta se apresenta desde bem antes da imprensa como a forma usual escrita dessa transmissão de experiência entre os grupos de narradores e sua audiência, os leitores. Em outras palavras, a carta sempre foi o meio, a média, a mídia mais vocacionada para a representação escrita inicial das histórias mais simples, semente do

que viria a ser depois, nos últimos séculos, a definitiva formulação literária do romance.

O que se projeta neste trabalho não é a análise do referido grau de literariedade definido no material produzido na prisão, de aparente frágil musculatura literária, mas a incipiente pulsação temática da qual sobrevém uma linha narrativa potente ou linhas narrativas que, em seu feixe, potencializam-se. O que se propõe aqui é flagrar o enredo claro, coerente que, embora imperceptível se tomado em parte, na miríade de seus múltiplos destinatários – mesmo se considerada em seu avesso pessoal ou tornada pelo tempo histórico e jornalístico como contraponto cultural –, constitui o bordado indelével de uma obra essencial para a compreensão do caminho percorrido pelo autor na assunção plena de sua condição vital, escritor.

Ao longo do presente trabalho, propomos flagrar os pontos e os nós de tal bordadura, os elementos constitutivos desse desvelado romance-não-romance de formação que ao final dá, ao protagonista, uma perspectiva absolutamente nova e evoluída de seu processo de crescimento nos mais diferentes planos da expressão humana.

Sob a luz dessa transformação e da fundamentação teórica, centrada nas variações de percepção de tempo-espço do discurso narrativo, nos conceitos de dialogia e sobretudo na ideia do Neutro barthesiano, entre outras referências, propomos identificar aqui o que há de indizível, mas que, no entanto, está efetivamente sendo dito entre uma carta e outra. Como um estrangeiro exilado que se apegava ao tronco invisível do que está entre as palavras e as coisas, num socorro absurdo do nada a que desesperadamente se agarra, ele vai descobrir, ao final, que era à sua própria história.

Em outras palavras, este projeto encontrará êxito caso consiga demonstrar e estabelecer equilíbrio entre as supostas duas trajetórias de análise crítica e literária a saber, uma historiográfica (do romance histórico) e outra memóriográfica (do mito do nascimento do escritor). Se houver esse caminho do meio, ele apontará a saída.

Há que se notar de início, entretanto, como nos ensina Rancière (1998, p.212), quais são os sintomas da palavra, ou seja, que indicadores nos revelam o que ela sente, que marcas nos sugerem de quem ela está grávida, que vestígio ou fóssil nos afirmam de qual mal ela padece, de onde vem sua dor:

A escrita não quer dizer simplesmente uma forma de manifestação da palavra. Quer dizer uma ideia da própria palavra e de sua potência intrínseca. Em Platão sabe-se que a escrita não é simplesmente a materialidade do signo escrito sobre um suporte material, mas um estatuto específico da palavra. Para ele a escrita é o logos, a palavra que não pode nem dizer de outro modo o que diz, nem parar de falar: nem dar conta do que profere, nem discernir aqueles aos quais convém ou não convém ser endereçada. A essa palavra, ao mesmo tempo muda e tagarela, opõe-se uma palavra em ato, uma palavra guiada por um significado a ser transmitido e um efeito a ser assegurado.

O discurso literário, qualquer um e por mais elaborado que seja, e mesmo que se estruture de forma muito complexa, nascerá disso que Rancière chama de "palavra muda", espécie de semente da "palavra em ato", formalmente mais próxima do status literário convencional. Ele prossegue diagnosticando os sintomas:

À palavra viva que regulava a ordem representativa, a revolução estética opõe o modo da palavra que lhe corresponde, o modo contraditório de uma palavra que ao mesmo tempo fala e se cala, que sabe e não sabe o que diz. Ou seja, a escrita. Mas ela o faz segundo duas grandes figuras que correspondem às duas formas opostas da relação entre pensamento e não pensamento. E a polaridade dessas figuras descreve o espaço de um mesmo domínio, o da palavra literária como palavra do sintoma.

A escrita muda, num primeiro sentido, é a palavra que as coisas mudas carregam em si mesmas. É a potência de significação inscrita em seus corpos, e que resume o "tudo fala" de Novalis, o poeta mineralogista. Tudo é rastro, vestígio ou fóssil. Toda forma sensível, desde a pedra ou a concha, é falante. Cada uma traz consigo, inscritas em estrias e volutas, as marcas de sua história e os signos de sua destinação. A escrita literária se estabelece assim, como decifração e reescrita dos signos de história escritos nas coisas.

A palavra das cartas de Frei Betto está plena dessas estrias e volutas, seu conteúdo é originalmente história e destinação. Enfim, são esses sintomas que nos fornecerão, em imagens, sua cota literária mínima, seu peso, a gravidade que o fará pousar no planeta literatura. Esse jogo será sempre jogado em um campo híbrido, situado às margens do real e do ficcional. Afinal, o que há de ficcional no conjunto de *Cartas da prisão*?

Sem sabermos ainda efetivamente em qual grau se dão ou se darão em processo de análise os parâmetros de construção literária nesses termos, se mais estética, se mais política, se mais humana, se mais religiosa, se mais pessoal ou ética, o fato é que há, no caso específico dos presos políticos brasileiros, que se tomar sua escrita como recurso de sobrevivência psíquica, mas também de sobrevivência da própria expressão humana.

Se tomarmos esses aspectos aqui apresentados de modo unívoco, teríamos algumas pistas de que o autor está trabalhando um texto destacado de seu valor intrínseco a cada carta individualmente. Em outras palavras, entre receitas de família, instrução e orientação dos irmãos mais novos, reflexões teológicas, descrições das condições carcerárias, notações acerca do comportamento dos agentes penitenciários, despertadas pela saudade dos amigos ou pelo relato de rebeliões, atividades e greves internas, nasce uma espécie de silêncio capaz de moldar um todo compacto, que é o que queremos demonstrar neste trabalho, a existência de uma protoliteratura que nos fala de seus subterrâneos.

É como se tivéssemos no texto um branco da cor da prisão, da dor da prisão, um texto silencioso, construído a partir das cores de uma roda policromática, suas partes isoladas, as cartas, cada uma em sua coloração específica, em giro constante, resultando no referido silêncio de brancura policromática. Nesse ponto, Roland Barthes (2000, p. 67) cita Mallarmé, colocando-o como um Hamlet da escrita, um assassino da linguagem, como escreveu Maurice Blanchot.

A agraphia tipográfica de Mallarmé quer criar em torno das palavras rarefeitas uma zona vazia na qual a palavra, libertada de suas harmonias sociais e culpadas, felizmente não ressoe mais. O vocábulo, dissociado da ganga dos clichês habituais, dos reflexos técnicos do escritor, é então plenamente irresponsável por todos os contextos possíveis; aproxima-se de um ato breve, singular, cuja opacidade afirma uma solidão, portanto uma inocência.

É exatamente por essa natural vocação de múltiplos sentidos confrontados na arqueologia das cartas que acabamos encontrando, na desembocadura opulenta da semiologia, em Barthes, uma solução de análise pelo conceito do Neutro, evolução natural do olhar inquieto do autor de *O grau zero da escrita*. Suas figuras estabelecem, como veremos a seguir, um importante e inspirador plano de ordenação e deciframento dos vestígios moventes que temos nas mãos, as *Cartas da prisão*.

Os demais presos do grupo de frades dominicanos, como de resto todos os outros perseguidos pela ditadura, tiveram cada um e a seu modo trajetórias distintas, mais ou menos dramáticas quando de sua reintegração à sociedade. Não cabe aqui nenhuma digressão sobre o poder da literatura como forma de cura ou de expressão da sanidade mental ou espiritual dos presos, antes, durante ou depois do período de encarceramento.

Muito menos interessa-nos produzir um auto de denúncia dos maus-tratos sofridos. Se o fizéssemos, estaríamos certamente nos inscrevendo em um campo de análise psicológica ou histórica alheio aos limites do campo da crítica literária.

A história em questão é bem outra e se apresentará nas páginas subsequentes deste trabalho que pretende circunscrever-se a uma investigação sobre uma camada de texto ulterior a ele mesmo, em um contexto restrito ao original e suas correlações estéticas, buscando revelar o mito que se desdobra em suas diversas faces, como dissemos, o de uma possível gênese da escritura.

Pois bem, para que consigamos estabelecer essas conexões entre o texto escrito por um jovem religioso dos vinte e seis aos vinte e nove anos de idade e sua significação temporal na construção de uma narrativa pessoal de superação, voltemos ao problema central: a estruturação crítica de seu conjunto seria capaz de erguer uma polifonia de vozes poéticas?

Essas camadas temporais que se justapõem no conjunto ordenado de missivas, ou seja em um livro que reunindo as cartas da prisão, agem de forma a multiplicar a voz do missivista no tempo, unindo os três conceitos principais da obra de Bakhtin, o dialogismo inicial, a polifonia de vozes e, por fim, a ideia do cronótopo, núcleo temporal de uma narrativa, que buscaremos analisar aqui.

Em seu todo, esses registros sedimentariam exatamente que tipo de narrativa? Estaríamos criando com essa espécie de crítica “estruturalista”, para utilizar uma figura cara aos críticos, uma segunda obra? A crítica pode ser uma obra que se deita sobre o original e cava analiticamente em seu corpo as bases de outro corpo?

O pressuposto que norteou a tese do trabalho a seguir vem da percepção de que essa justaposição de corpos é a própria função da crítica e colabora para a reflexão sobre essa partitura de silêncios em que resulta, proporcionando a tela ou o palco em que os significados poderão projetar novas luzes sobre a obra de um autor à procura de si mesmo como um lugar em seu tempo.

1. DESTINATÁRIO: TEMPO

1.1 - Das intercorrespondências narrativas

Aquele que é testemunha de sua própria busca, isto é, de sua desordem interior, não pode de modo algum sentir-se herdeiro dos homens perfeitos cujos nomes vê-se escritos nessas paredes. Se, ainda mais, é filósofo, ou seja, se sabe que nada sabe, como se julgará capaz de ocupar esta cátedra e como ousou sequer desejá-la?"

(Merleau-Ponty, em seu discurso inaugural na cadeira de filosofia do Collège de France)

Quando o Barão de Montesquieu publicou anonimamente, em 1721, uma compilação de seus relatos imaginários sobre a visita que dois fictícios amigos persas fizeram à Europa, escrevendo a seus conhecidos sobre o que lá viveram, estava urdindo uma espécie de manual do Iluminismo. As famosas *Cartas persas*, de Montesquieu, são a voz de uma intimidade ressoando crítica e filosoficamente, sob a forma de relato pessoal, assuntos de interesse universal.

Rica e Usbeck desnudam com suas correspondências o reinado de Luís XIV e outras instituições europeias com um espírito irreverente e uma linguagem revolucionária para a época, habituada ao realismo inquestionável das correspondências reais, forma usual de documentação e, por que não dizer, de relacionamento humano. Na verdade, o filósofo estava reproduzindo, em jogo irônico invulgar à forma primeva da escrita, nascida simultaneamente ao próprio nascimento da escrita, a epístola, que outrora se riscava nas tábuas de argila, nossos primeiros papéis-carta.

Cerca de sessenta anos depois, Choderlos de Laclos publica a obra-prima do romantismo francês do século XVIII, *As ligações perigosas*, livro em que as intrigas, malícias e seduções entre nobres aristocratas franceses são desfiadas com cuidadosa construção dos personagens pelas minúcias das cartas trocadas entre eles. O Visconde de Valmont e a Marquesa de Merteuil são tão plausíveis que, mesmo em face da maior maldade de seus atos, são tidos como humanos, demasiado humanos.

Poderíamos aqui citar as memórias das *Jovens esposas*, de Balzac, o *Drácula*, de Bram Stoker, ou *A caixa preta*, de Amóz Oz, lançando mão, através dos séculos, da força de verossimilhança dos testemunhos e da razoabilidade mais crível que só as cartas possuem. Aristóteles já referia, em sua *Poética*, como os argumentos humanos eram vistos: “de preferir às coisas possíveis mas incríveis as impossíveis mas críveis” (2005, p. 265). O grego alerta para a necessidade de a poesia ser constituída apenas de partes racionais ou, ao menos, de que as partes irracionais apenas tivessem lugar fora da representação escrita. A carta ficcional é o espaço de maior plausibilidade no jogo de “dentro e fora” entre o real e o imaginário.

Por outro lado, afora o uso literário que se faz de sua forma e invenção, tomemos agora a realidade das cartas de Théo a seu irmão, Van Gogh, dos relatos de Dostoiévski e Graciliano Ramos na prisão e do precioso incontornável desenho que Pero Vaz de Caminha fez do Brasil a Dom Manuel, rei de Portugal, dentre outros exemplos infindáveis.

Estes configuram não apenas documentos dos períodos a que se referem, mas detalham com temperatura incomum o que só se pode dizer no registro mais íntimo da escritura pessoal, a mais confessional e cúmplice de todas as formas de transmissão escrita, a representação imbatível, por mais fidedigna, de nossos desejos de entrega e confiança: a carta.

Muito bem. E se pensássemos, em um exercício de integração conceitual, na fusão dos dois axiomas acima? Se admitíssemos, em princípio, a existência de cartas escritas e reunidas em um contexto histórico específico, com toda a sua carga simbólica representativa do momento, mas que estas também gerassem, em seu conjunto outra narrativa, que contivesse - acoplada a seu feixe epistolar datado - uma espécie de romance de formação (referido ao personagem que surge do autor) descrevendo a trajetória de um escritor em processo de autoconhecimento e afirmação?

Assim como o caráter acanônico do romance foi-se dando na medida de sua evolução como gênero literário ao longo dos séculos, talvez estejamos premidos, à luz de novas formas de expressão contemporânea da escrita, a outras análises do tema da epístola como forma literária.

No exemplo aqui em estudo, apesar de terem sido produzidas no calor (frio) da hora como anotações muitas vezes fragmentadas e trazerem do período em questão um

olhar particularmente importante do ponto de vista sociocultural e político, quando observadas em seu todo semiológico, para além da carga testemunhal factual do ocorrido, depreende-se delas uma construção narrativa inquestionável, um périplo a ser decifrado por seu significado etimológico mesmo, ou seja, pelo sentido que têm, na circum-navegação antiga dos fenícios até os romanos, do documento que registrava a sequência dos portos e outros pontos geográficos ao longo das costas descritas em distâncias e outros pormenores até que se retornasse à origem.

Descritivos, mas detalhados com o sopro da respiração viva da fala; simbólicos, mas não propriamente ficcionais, plenos de imagens potentes das “margens abissais da condição humana” (Dostoiévski, *Recordações da casa dos mortos*); estado mínimo de expressão vital absoluta, ossatura da palavra, esses relatos de Frei Betto devem ser vistos como uma espécie de reduto adverso da língua, apontando para uma imagem invisível, um som inaudito que aqui tentaremos revelar e fazer merecer a alcunha, por ora instável, de “escritura e sobrevivência”.

1.2 - Carta: um ensaio narrativo

E, se forma longa e difícil, a dor abre uma brecha para as palavras.

(VIRGÍLIO, Eneida, XI, 151)

Estamos no contexto das cartas, do qual analisamos alguns aspectos ligados a sua linguagem, a seu leitor, a seu tempo-espço. O que diferencia definitivamente uma carta de qualquer outro gênero literário, se é que a podemos chamar assim, é sua natural vocação para o espontâneo, para o pouco calculado, para o resíduo involuntário de linguagem plena, desgarrada de artifícios, no gesto mais puro da palavra, o mais próximo da fala.

Nesse panorama de desprendimento formal que envolve a correspondência, notamos que, ao contrário do senso comum – de que a linguagem de todos os dias está em um polo oposto ao da poesia –, há nela uma vocação natural para um tipo muito especial de movimento poético. Ou seja, toda correspondência guarda o gesto

do corpo de quem a escreve, reproduz, mesmo que muitas vezes indiretamente, a angústia e a visão de mundo do destinador ao destinatário, congela esse sentido no tempo e abre uma janela de realidade ficcional para que os leitores de todos os tempos ali se expressem. O que é isso senão a própria literatura?

Com efeito, ao deslocarmos uma carta ao longo de anos, encontramos nela um encantador e surpreendente reforço de sua frágil carga literária. O tempo vai depositando sobre a leitura de terceiros, e em diferentes contextos, o deslocamento de sentidos - próprios da literatura contemporânea - e encerra, nesse paradoxo, algum sentido de experiência relacional no tempo-espço muito rico de significados, sobretudo ao estudioso, ao crítico.

Em um recente ensaio publicado no caderno "Ilustríssima", da *Folha de São Paulo*, o autor catarinense Cristóvão Tezza aponta-nos aspectos importantes sobre as questões que valoram um texto literário sob o ponto de vista de seu autor.

Na ficção, mantém-se um eixo de valor que dá sentido global ao texto e que permite a constituição deste ponto de vista único sobre o mundo que é a literatura, mas a voz que pensa (ou as vozes que pensam) nunca é a mesma que escreve. A consciência dos outros é um pressuposto absoluto do espírito da prosa, não apenas referencial, mas organicamente linguístico.

Toda carta que se escreve, excetuando-se evidentemente aquelas em que se procuram expressar apenas conteúdos documentais, técnicos ou burocráticos, tem em quem a escreve um autor produzindo-a, pensando-a, evidentemente, em um discurso específico na direção do(s) outro(s). Nesse caso, temos nas epístolas uma dinâmica ainda mais estreita autor-leitor. Tezza prossegue:

A fissão não é mais apenas entre a realidade e as palavras (uma separação de qualquer modo invencível), mas entre sujeitos. O escritor tem de saber que a voz que ele escreve em cada instante do texto não pode ser completamente a dele.

O exercício da carta, sobretudo a produzida em circunstâncias limítrofes - como a iminência da morte ou a prisão - é o momento em que se pratica a interlocução mais direta das vozes escritor-leitor-autor. E é também uma inspiradora simulação de um contexto literário, aproximando-se dele pela via da

narrativa pessoal, o tom coloquial da prosa, as figuras poéticas. É nessa divisa que escolhe habitar o escritor, em diferentes níveis de autoria, está claro. Deixemos que Tezza termine seu raciocínio:

Se essa separação se apaga, morre o prosador. Na hipótese melhor, nascerá o poeta; na hipótese comum, simplesmente retiramo-nos do mundo estético e nos fundimos com a vida, como na cena de um filme fantástico em que alguém, diáfano, atravessa uma parede dando um passo tranquilo e silencioso para fundir consigo mesmo.

Eis um dos pilares do pensamento literário autoral atual: não há literatura sem que não se estenda definitivamente o discurso a esse outro vértice, a esse outro vórtice, o leitor. Esse partícipe da estrutura narrativa contemporânea assume novos papéis na visão poliédrica e dinâmica da literatura. O leitor passa a ter um espaço aberto na composição: compõe, decompõe, desconstrói e produz uma nova construção. Cocriador, o leitor ganha contornos de autor, mas desde que, evidentemente, esse autor seja um prosador, no sentido ambicionado por Tezza.

Pode a dinâmica de transitoriedade, de descontinuidade, de fratura e de natural desenredo de uma carta nos ensinar algo sobre as novas lógicas estruturalizantes dessa rede de sistemas paradoxais chamada contemporaneidade? Que tipo de livro seria uma carta nesse universo mais que multifragmentado, atomizado?

Uma imagem: "as vértebras quebradas do século e sua sutura, obra do indivíduo". Assim, talvez profetizado, talvez teleguiado pelos conceitos das propostas de Italo Calvino (1991,76) para o milênio atual, sobretudo as que se situam na análise da multiplicidade ("No momento em que a ciência desconfia das explicações gerais e das soluções que não sejam setoriais e especialísticas, o grande desafio para a literatura é o de saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo..."), Giorgio Agamben (2009, p.99) nos apresenta seu cartão de visitas para adentrarmos o lugar instável da compreensão desses paradoxos da contemporaneidade. Ele prossegue:

Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo. Por isso os contemporâneos são raros. E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa

ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar.

Na inexorabilidade de um encontro fracassado com nosso próprio tempo, a literatura contemporânea parece ser, para Agamben, essa mensagem na garrafa, essa carta perdida no oceano, essa inequívoca certeza de que as relações com o tempo no texto só se darão obrigatoriamente por meio de intensa dissociação e de intencional anacronismo. O autor quer nos mostrar a necessidade de um olhar movente da literatura para se fotografar um mundo em movimento:

Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela.

Tomemos algumas características tempo-espaciais da missiva. Usualmente, a maior parte das cartas possui domínio espacial e temporal muito bem definido. Quando escrevo, escrevo em um contexto de tempo-espço próprio ao entendimento de meu interlocutor-leitor-destinatário. Sob essa ótica, há na correspondência uma fixidez encimada pelo pronto estabelecimento de local e data (dêitico temporal e figurativização do espaço), que é o início de todas as cartas convencionais.

Aos deslocamentos naturais de nossa sociedade-fragmento a carta responde com um sedimentar de pequenas histórias desfiadas de um grande novelo, com alta carga simbólica e experiência coloquial incomum. Temos aqui aberto, portanto, um panorama diferente do usualmente esperado em qualquer tipo de carta produzida, seja a mais prosaica, cotidiana, seja aquela mais densa, carregada de política, história ou denúncia.

Roman Jakobson é categórico sobre a relação entre som e sentido – "tudo na linguagem é, nos seus diversos níveis, significante" –, mas o teórico é também muito direto ao definir que "o que dá valor a um poema é a estrutura dos significados". Aparentemente fora desse debate literário muito útil à análise da contemporaneidade, encontra-se esquecida a missiva, destituída de prestígio literário. Eventualmente usada em romances epistolares, possível fonte de inspiração para roteiristas e historiadores, a carta está solitária no debate mesmo em

se considerando sua dinâmica insubstituível e originalíssima, sua força estética quase gestual e sua intimidade lírica. (As cartas parecem ter sido todas extraviadas: desperdiçadas, despedaçadas em mensagens instantâneas pelo celular.)

Ao tomarmos as cartas do ponto de vista de sua construção simbólica e da representação literária de um tempo comprometido com a história, a língua e o estilo, surge-nos uma espécie de nó górdio: como operar essa visada de raio X das possibilidades narrativas implícitas em *Cartas da prisão*? Foi no olhar barthesiano de *Escritura no grau zero* que nos apoiamos para a recuperação desse teor de representação inquestionável geral e particular das cartas. Barthes trabalha a ideia da língua, como bem recorta Leyla Perrone-Moisés (2012, p. 75-77), “como um código prévio, anterior à fala, coletivo, nacional, ‘um corpo de prescrições e de hábitos, comum a todos os escritores de uma época’. [...] provém da zona individual que seria a do estilo e, mais ainda, a do transindividual e trans-histórico, que seria o domínio da arte”. Esse aporte em muito nos interessa, pois está nele a base da interpretação que Barthes (2000, p. 154) faz de Proust.

Os dois discursos, o do narrador e o de Marcel Proust, são homólogos, mas não são análogos. O narrador vai escrever, e esse futuro o mantém numa ordem da existência, não da palavra; está a braços com uma psicologia, não com uma técnica. Marcel Proust, ao contrário, escreve; luta com as categorias da linguagem, não com as do comportamento.

Isso nos faz pensar na existência de não apenas duas narrativas no cárcere, mas, igualmente, dois discursos sendo operados por dois narradores em constante aprendizagem, como ressaltou Gilles Deleuze, apresentando sempre dois momentos: uma ilusão e uma decepção.

Se as cartas de Betto (esses dois narradores) funcionam como espécie de registro memóriográfico do cárcere, em que medida poderiam vir a ser um material que revela o nascimento dele como autor? A vontade de liberdade, que é própria de todo autor, coexiste no preso, evidentemente, mas em que ponto seria ela deflagradora do escritor, como pressupomos?

Isso é o que desenvolveremos ao longo dos próximos capítulos, mas o que podemos registrar de antemão é que a literatura nasce quando o escritor se dá essa prerrogativa de, em sendo narrador, ser uma espécie de eu comprometido com o autor:

um eu descobrindo um outro, que é ele mesmo.

Na busca da literariedade nas cartas, notamos esse movimento de parto, não apenas no sentido de partida, mas no sentido de nascimento da escritura já em si, literatura, pois toda literatura, direta ou indiretamente, fala de seu parto, de sua gênese.

É Lukács (2000, p.124) quem nos lembra que o desafio aventureiro presente no mundo épico tinha sua “segurança anterior” garantida pelos deuses, interna e externamente. Isso dava ao herói a passividade exigida por Goethe e Schiller:

O romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade; seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesma, que busca aventuras para por ela ser provada e, pondo-se à prova, encontrar a sua própria essência.

Aí está nosso autor, sob a égide do fracasso anunciado, sob o peso do silêncio imposto, sob a pena de não mais existir, tendo em mãos apenas uma caneta esferográfica traficada para dentro da cela, a mesma que servirá de mula para o papel de seda finíssimo enrolado em lugar de sua carga. Dessas cartas surgirá a metonímia de um processo narrativo.

1.3 - O grau zero da solidão

“É necessário conservar-se livre, conservar-se para a própria existência; subtrair-se das responsabilidades demasiado grandes do mecanismo, não se atar a isso ou aquilo; ‘la plus grande chose du monde c’est de savoir être à soi’.”

(Erich Auerbach, citando Montaigne, em Mimesis)

É Bakhtin (2006, 49) quem nos pergunta, no início de tudo, “o que garante o nexo interno entre os elementos do indivíduo?”. E, de modo bastante confessional, responde: “Só a unidade da responsabilidade. Pelo que vivenciei e compreendi na arte, devo responder com a minha vida para que todo o vivenciado e compreendido nela não permaneçam inativos”. Mais adiante, considera, envolto às leis sociológicas, psicológicas

e biológicas: “É a interpretação como diálogo a única que permite recobrar a liberdade humana”.

Há que se ressaltar nessa verdadeira “profissão de fé” do crítico russo a inexistência de paradigmas ideológicos e religiosos. É esse, precisamente, o recorte que nos interessa da obra em questão, pois apenas um olhar estritamente literário dessa possibilidade de união corpo-espírito no texto pode nos trazer resposta para as inquietações aqui dispostas.

O que se há de fazer quando nada mais há a fazer? Como proceder ante um estado de coisas e de sentidos em que não há mais trajetória ou caminho aparente? Perante o vazio, qual próximo passo restará em função do nada que se nos apresenta inteiro acabado, inteiro rematado? Apenas a trajetória da invenção.

Não se trata de tomar a literatura como cura ou como espécie de panaceia, receita espiritual de luz, “alta” ou autoajuda, diante do escuro do chão, dos abismos inevitáveis, embora inegavelmente as artes tenham se prestado ao longo da história a essa busca de sentido existencial, a esse socorro d’alma.

Nesse ponto, tomemos os vestígios, recolhamos os pedaços caídos no chão da cela, transfiguremos silêncios em ruídos, prisão em ação, morte em vida, enfim, transformemos a negativa do cárcere em afirmação e ao final, por que não dizer, tornemos também o sim em não.

Esse estado, no qual o autor se encontra emudecido, silente pelas circunstâncias ou por sua própria incapacidade de encontrar em si narrativa que o desvende ou o refaça de sentido, é o próprio desafio de retomada de sua própria trajetória, desencaixada das pequenas histórias que a constituem. Como disse Luiz Costa Lima (2003, p. 88):

Para nosso propósito, basta notar que a compreensão do homem como animal simbólico significa postular que não há zonas isentas ao simbólico. A sociedade respira e transpira representações.

O autor trabalha uma formulação de Marx no *18 Brumário* para o entendimento do que determina essas representações com a vida material da sociedade:

"Sobre as diferentes formas de propriedade, sobre as condições sociais da existência, ergue-se toda uma superestrutura de concepções de vida, de modo de pensar, de ilusões e sentimentos diferentes e peculiarmente constituídos. A classe inteira os cria e os forma a partir de suas condições materiais e das relações sociais correspondentes. O indivíduo isolado, que as incorpora pela tradição e pela educação, pode crer que elas constituem os fundamentos verdadeiros e o ponto de vista de sua ação." (Marx, Karl: 1852, p. 139).

Toda representação implicará, portanto, e ainda mais em um contexto de desterritorialização como o do cárcere, no surgimento de várias formas de expressão decorrentes da necessidade de representação social.

Como ordenar um conjunto de experiências particulares, desafiadoramente deslocadas de sentido, em uma circular espiralada de cartas que nos inaugure uma narrativa plena de significação? Afinal, se somos todos frutos de nossa própria invenção literária, de uma história que formulamos a nós mesmos, haveremos de encontrar nessa busca, justamente aqui, o território em que nos encontramos no grão de uma formulação literária.

Não tomemos a sombra do desespero por sua aparente via de resposta vingativa aos deuses, mas apenas e tão somente pelo atalho do sublime da invenção. Todorov nos aponta um primeiro caminho em seu ensaio "Os homens-narrativas", em que recorta do célebre artigo de Henry James, "The Art of Fiction", uma importante ligação entre os constituintes de uma narrativa:

Que é uma personagem senão um determinante da ação? Que é a ação senão a ilustração da personagem? O que é um quadro ou um romance que não seja uma descrição de caracteres? Que outra coisa nele procuramos, nele encontramos?

Ora, se não é justamente essa a mirabolante e desejável saída do autor? Não há, segundo ele, personagens fora da ação, nem ação independente de personagem. Tautologicamente, poderíamos concluir que, em havendo uma ação, haverá, evidentemente, uma personagem? Diante do vazio, o que mais importaria a um condenado senão a tentativa de inventar a si mesmo?

A negação da morte por essa espécie de estabelecimento ficcional da vida faz-se de modo muito interessante em Sherazade. Começemos aí um interessante alinhar (e encaixar) de conjecturas, guiados pelo raciocínio de Todorov:

Uma história segunda é englobada na primeira; esse processo se chama encaixe. (...) As mil e uma noites contém exemplos de encaixe não menos vertiginosos. [...] Com efeito, nela

Sherazade conta que

Dja'far conta que

O alfaiate conta que

o barbeiro conta que

seu irmão (ele tem seis) conta que...

A última história é uma história em quinto grau; mas é verdade que os dois primeiros graus são completamente esquecidos e não representam mais nenhum papel. O que não é o caso de uma das histórias do Manuscrito encontrado em Saragoça (Jan Potocki) , onde

Alphonse conta que

Avadoro conta que

Dom Lope conta que

Busqueros conta que

Frasqueta conta que...

e onde todos os graus, a partir do primeiro, estão estreitamente ligados e incompreensíveis se os isolarmos uns dos outros.

O processo de encaixe chega a seu apogeu com o autoencaixe, isto é, quando a história encaixante se encontra, num quinto ou sexto grau, encaixada por ela mesma. Esse "desnudamento do processo" se apresenta tanto nas Mil e uma noites quanto no Manuscrito; e conhece-se o comentário que faz Borges a respeito do primeiro texto: 'Nenhuma [interpolação] é mais perturbadora que a da seiscentésima segunda noite, noite mágica entre as noites. Essa noite, o rei ouve da boca da rainha sua própria história. Ouve a história inicial, que abrange todas as outras, que - monstruosamente - abrange a si mesma [...].

A vertigem das narrativas se torna angustiante; e nada mais escapa ao mundo narrativo, recobrindo o conjunto da experiência. [...] A opacidade do processo de enunciação recebe, no conto árabe, uma interpretação que não deixa dúvidas quanto à sua importância. Se todas as personagens não cessam de contar histórias é que esse ato recebeu uma suprema consagração: contar é igual a viver.

As cartas de Frei Betto poderiam se encaixar nessa categoria do narrar urgente-essencial, do voltar-se desesperadamente para a vida e agarrar-se ao último fio que dela resiste, uma história, uma lembrança ou mesmo qualquer registro produzido ante a

percepção de morte ou tragédia iminente. Essas iniciativas “miméticas” de produção artística nos fazem voltar ao termo da representação em Luiz Costa Lima, tratando o “produto mimético como um modo de estabelecimento da identidade social” (2003, p. 45):

A mimésis, se ainda cabe insistir, não é a imitação porque não se confunde com o que a alimenta. A matéria que provoca a sua forma discursiva aí se deposita como um significado, apreensível pela semelhança que mostra com uma situação externa conhecida pelo ouvinte ou receptor, o qual será substituído por outro desde que a mimésis continue a ser significativa perante um novo quadro histórico, que então lhe emprestará outro significado.

No capítulo “Rimbaud, o poético desventrado”, Luiz Costa nos apresenta com um exercício crítico literário associado às avessas ao processo de representação da sobrevivência pela palavra que aqui estamos tentando construir. Trata-se da análise do poema “Une saison en enfer”, que, segundo ele, apesar de não possuir o mesmo “delírio imagético” de “Le bateau ivre”, é também produto de “uma experiência que se quer libertadora”. Ele prossegue:

Através de uma ascese perversa, Rimbaud procura expulsar os valores dos assentados na vida – a beleza, a justiça – aprofundar-se no sofrimento, destacar-se da inteligência. [...] procura, em suma desfazer-se dos pequenos recursos à disposição da persona, para que de sua exaustão tenha acesso ao extravio do eu: “Car je est un autre”.

Diríamos que a solidão compulsória do escritor belo-horizontino decorre de efeito inverso: Betto quer reunir os valores assentados na vida, não quer aprofundar-se no sofrimento batendo-lhe à porta, quer refazer todos os pequenos recursos de sua persona, pois sua intenção é ter acesso ao outro: “Betto sou os outros”.

Exatamente por desprezar qualquer sobressalto alucinatório em sua solidão, Frei Betto quer transcender pela consciência, por isso escreve.

2. CARTAS APRISIONADAS

2.1 - Do Neutro como um possível método heurístico

"O paradoxo [do escritor] são duas coisas ao mesmo tempo verdadeiras e contraditórias. Uma é que ele tem de ser profundamente ele mesmo e ter um testemunho pessoal a oferecer. A outra é que ele tem de se esquecer de si mesmo, sair de si mesmo, fazer tábua rasa de si mesmo."

(Marguerite Yourcenar, em entrevista: *Le paradoxe de l'écrivain*)

Na sistematização do conteúdo das cartas, deparamo-nos com a natural e já esperada pulverização dos temas ali abordados. Essa espécie de atomização de conteúdos tão diversos, quais sejam, família, religião, política, o dia a dia na cela, filosofia, etc. se nos figuraram, em princípio, como um empecilho à percepção de uma eventual história contada em seu todo. Referimo-nos à narrativa subliminar às cartas, não especificamente à história do período, mas a uma outra, subjacente e subjetiva, tecida intimamente aos temas e sobre todos eles, e que queremos demonstrar aqui: a gênese do escritor a partir de sua experiência vivida no cárcere.

Nesse processo, muitas vezes nos vimos ludibriados por tentativas de aplicação de metodologias que se mostraram fracassadas quando postas em uso efetivo. Podemos citar, por exemplo, a proposta de sujeição dos temas a uma matriz de incidências ao longo dos quatro anos de reclusão. O método se mostrou burocrático e estanque, já que compartimentar o sentido das cartas não ajudava em nada, mesmo depois, em seu inter cruzamento, na construção do sentido ulterior que ansiávamos encontrar, um tecido permeado de todos os temas, em diálogo permanente.

Outra tentativa de prospecção das cartas, que infelizmente se mostrou frustrada, foi a correlação de suas ideias por via da construção interpretativa do mito, baseada nas experiências arquetípicas de Claude Lévi-Strauss. O chamado método estruturalista do antropólogo não se prestou a nosso caso por sua rigidez na correlação entre mito e linguagem encadeada sistematicamente em eixos que impediam a percepção essencial da natureza multifacetada das falas dirigidas a diversos tipos de audiência.

Com efeito, essa análise por demais objetiva e “estrutural”, enfrentada no percurso crítico das cartas não se mostrou produtiva. Isso, de certa forma, vai ao encontro das palavras de Bakhtin (1998, p.404):

Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros dos discursos (orais e escritos) nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano (saliente-se que a diversidade das modalidades de diálogo cotidiano é extraordinariamente grande em função do seu tema, da situação e da composição dos participantes), o relato do dia a dia, a carta (em todas as suas diversas formas) [...] e aí devemos incluir as variadas formas das manifestações científicas e todos os gêneros literários (do provérbio ao romance de muitos volumes).

Desse modo, procuramos compreender o porquê das estratégias iniciais não terem se mostrado adequadas para a codificação do discurso em questão, enquanto discurso não completamente sedimentado literariamente, como consideramos ser o volume das *Cartas da prisão*.

Voltamo-nos a outras formas de percepção crítica do objeto enquanto discurso, amparando-nos inicialmente na definição que Bakhtin (2006, p. 262) faz do enunciado, ato de expressão, anúncio ou transmissão de pensamentos ou sentimentos em palavras, para, desta, compreender um pouco mais sobre a riqueza e a diversidade infinitas dos gêneros do discurso:

Pode parecer que a heterogeneidade dos gêneros discursivos é tão grande que não há nem pode haver um plano único para o seu estudo: porque, neste caso, em um plano de estudo aparecem fenômenos puramente heterogêneos, como as réplicas monovocais do dia a dia e o romance de muitos volumes, a ordem militar padronizada e até obrigatória por sua entonação e uma obra lírica, profundamente individual, etc. A heterogeneidade funcional, como se pode pensar, torna os traços gerais dos gêneros discursivos demasiadamente abstratos e vazios.

Bakhtin reforça o fato de que a questão geral dos gêneros discursivos até então nunca fora verdadeiramente colocada pelo fato de os estudos literários estarem todos em vista de um corte de especificidade artístico-literária, sempre no âmbito da literatura e não também em função de determinados enunciados de outros tipos, que possuem natureza verbal (linguística) comum e uma incipiente força “artística”. O autor prossegue seu estudo das formas dos gêneros do discurso, mas o que nos ficou suficientemente claro em sua fala é que, na análise dos pontos de transformação, da

passagem do discurso cotidiano para seu encontro marcado com a literatura, precisaríamos demandar ferramentas mais afeitas aos parafusos híbridos dessa nossa estranha máquina de desdizer, a carta.

Quando de um exercício de construção de um monólogo baseado nas cartas, iniciativa que buscava extrair o sentido da fala do autor a partir de uma roteirização cênica, descobrimos que uma codificação mais aberta e mais fluida, em visão assumidamente subjetiva dos conteúdos, possibilitaria um repertório amplificado de descobertas e ampliaria assim as vertentes de análise literária das diversas vozes, digamos, em sua decupagem e posterior remontagem de sentido.

Desse modo, encontramos na leitura de *Com Roland Barthes* (2012, p. 77), de Leyla Perrone-Moisés, além da identificação coincidente do formato confessional das cartas trocadas entre o teórico francês e a professora brasileira, uma amostra das inquietações analíticas de ambos que apontaram para o núcleo do problema que atravessávamos e que se encontrava em diversas falas de seu primeiro livro, *O grau zero da escritura*:

A escritura não é, de modo algum, um instrumento de comunicação [...] A escritura é uma linguagem endurecida que vive sobre ela mesma e não tem a tarefa de confiar sua própria duração a uma série móvel de aproximações, mas, pelo contrário, de impor pela sombra dos signos a imagem de uma fala construída muito antes de ser inventada. (DZ, p. 21)

O pensamento barthesiano de uma "*écriture*" em que o estilo vai sendo capturado e transformado em "vozes de uma polifonia", como aponta Leyla Perrone-Moisés, sob clara e declarada inspiração da teoria psicanalítica de Lacan, Sade, Fourier e Loyola, todos inventores de linguagem, encaixa-se como uma luva para o propósito que nos inquieta, a visão do texto a partir de seus significantes. No caso específico das *Cartas* em questão, mais especificamente a representação do corpo, da fala, dos sons e ritmos na construção de uma interpretação da linguagem em processo de construção autoral.

Da imensa obra de Roland Barthes, vários pontos se ajuntavam para a construção desse referencial crítico, sempre propondo, ao longo dos anos, seus famosos "deslocamentos da noção de escritura". Desde o "grau zero" até o "prazer do texto", suas "mitologias" todas foram sempre se articulando, como um núcleo teórico, em que a

linguagem e seus sentidos espocavam artesanalmente como pequenas rupturas no tecido do texto bordado pelo exercício de sua decifração.

É Leda Tenório da Motta (2011, p.124) quem analisa o intrincado mapa das relações que há entre as obras de Proust e Barthes: “poderemos pensar que se endereçam principalmente a Proust certas palavras da abertura de *O prazer do texto*...”. Segundo a autora, o texto de Proust “se apodera do Neutro”, um conceito pensado, segundo o próprio criador, Barthes, para que uma obra – que “se inscreve no fundo da negatividade da escritura” e “implica uma opacidade da forma” – possa enfim ser revelada. No capítulo “As razões do Neutro” (2011, p.119), ela toca o ponto-chave:

Se Roland Barthes releva, no Neutro, a ideia de estabelecer um dicionário de cintilações, é com o cuidado de alojar aí alguma coisa em estado de perpétua variação (‘e não em busca de um sentido final’). Desse duplo ângulo, as superfícies interessam porque são neutras e cintilantes.

Diante dos processos de aceleração da subjetivação e dessubjetivação das sociedades contemporâneas, cindidas pelos “dispositivos” diagnosticados por Foucault numa entrevista de 1977 (2010, p.28), Giorgio Agambem identifica nossa sociedade como modelada, contaminada, controlada por essa marca de crise do sujeito (2010, p.47):

O que acontece agora é que processos de subjetivação e processos de dessubjetivação parecem tornar-se reciprocamente indiferentes e não dão lugar à recomposição de um novo sujeito, a não ser de forma larvar e, por assim dizer, espectral.

Nessa espécie de “contradispositivo” em que vivemos, no jogo de opostos típico da eliminação de fronteiras e do ultrapassamento de espaços de definição simbólica da contemporaneidade, é que vislumbramos o Neutro.

Mutante e avesso a dogmatismos, Barthes, embora colocado em questão por alguns que insistem em destituir o semiólogo por sua proposta de fusão do ensaio com a ficção e a poesia, é autor que se mostra incontornável na discussão do futuro da crítica. No dizer de Leyla Perrone-Moisés (2012, p.125):

O trabalho de Barthes era trançar e destrançar a trama da linguagem, livrando-a dos fios mortos do estereótipo, para que o texto pudesse aflorar com seu brilho renovado e, nele, um novo sujeito pudesse finalmente surgir, desembaraçado de suas ilusões representativas. Com graça e teimosia, deslocando as acepções oficiais, modulando a enunciação, Barthes subvertia os discursos dominantes, engajando-se na “revolução permanente da linguagem”, que para ele era a literatura.

No livro *O Neutro* (ou "O desejo de Neutro"), que sintetiza um curso ministrado por Barthes no Collège de France, em 1978, vimos uma possibilidade efetiva de exploração de sua estrutura como método de análise. Já nos primeiros ensaios de aplicação, ela se mostrou bastante eficaz como forma de traduzir o imenso leque de temas abordados nas cartas como urdidura heurística de captura de seu *modus operandi*, como já dissemos, implícito, na construção in-consciente de uma outra narrativa, no plano invisível de uma história, pressuposto do presente trabalho.

Ao definir o Neutro para fora de seu conceito lexical inicial, ou seja, o registro linguístico conhecido como ação sem objeto ou como os sentidos comuns de indiferença ou neutralidade política, física, química, etc., Barthes chega a um interessante conceito para "seu" Neutro: estados intensos, fortes, inauditos, feitos para se esquivar do paradigma, "burlar o paradigma" em uma atividade ardente, candente.

O que ele define como paradigma – "oposição de dois termos virtuais dos quais atualiza um, para falar, para produzir sentido [...] dito elipticamente: o sentido assenta no conflito (escolha de um termo contra o outro), e todo conflito é gerador de sentido" (2003, p. 20) – abre, em sua contraposição, neutra, uma paradoxal forma de não-neutralidade ante nosso tempo, tão fragmentado de sentidos:

Digo mais: uma reflexão sobre o Neutro, para mim: um modo de procurar – de modo livre – meu próprio estilo de presença nas lutas de meu tempo.

A partir daí, o semiólogo inicia a construção de um estranho dicionário de não-definições, mas de “cintilações”, palavra que ele mesmo elege para definir o estado de descontinuidade constante de seu conceito tão fluido, mas que aqui se mostra de extrema utilidade na pesquisa a que nos propusemos a seguir.

Cabe lembrar que esse período representa uma das fases mais originais e criativas da biografia de Barthes, tendo se produzido por ocasião desse trabalho, segundo Thomas Clerc, apresentador e organizador do *Neutro*, a ideia e a imagem, únicas na literatura, do professor-artista.

A natureza fragmentária das cartas dá a conta exata da aplicabilidade do emprego de uma ordem “aleatória” de seus referenciais desse tipo de análise pelo “*Neutro*”, aplicável, segundo Barthes, a todo sintagma articulado pelo sentido:

Textos literários, filosóficos, místicos, mas também gestos, comportamentos e condutas codificados pela sociedade, moções interiores do sujeito. Sobre este último ponto, foi lembrado (ao longo do curso) que toda pesquisa, em se tratando pelo menos dos problemas da discursividade, deve assumir sua originalidade fantasmagórica: as pessoas estudam o que desejam ou temem.

A carta, por seu apelo emergencial e sua voluntária expressividade discursiva livre, muitas das vezes sem amarras formais, suscita uma análise assumida naquilo que Barthes chama de “originalidade fantasmagórica”. Afinal, as cartas de Frei Betto, tal como na definição intertextual do *Neutro* de Barthes, dizem respeito a várias disciplinas (gramática, lógica, filosofia, pintura, direito internacional).

Desse modo, livres de todas as matrizes que nos impusemos no início do presente trabalho, pudemos sentir que a análise textual e a leitura do incipiente estado literário do livro como um todo – sua trama transparente nos sendo contada em forma de relatos isolados, sobrepostos – viram-se mais explicitamente acessíveis quando expostas a partir dessas “cintilações” referidas. Elas estão condensadas em *O Neutro*, aqui usado como inspiração metodológica, que estabelece as chamadas “figuras do *Neutro*”, espécie de glossário de experiências com a linguagem, pleno de imagens cifradas de altíssima voltagem analítica que nos servirão de apoio para organização e aprofundamento dialético, para que deixemos aflorar a língua, como disse Barthes em *Aula*: “... porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo de palavras do qual ela é o teatro”.

2.2 - As figuras do Neutro

"A escritura é esse Neutro, esse compósito, esse oblíquo para o qual ruma nosso sujeito, esse branco e preto em que vem se perder toda identidade."

(Roland Barthes, em *A morte do autor*, texto de *O Rumor da língua*)

Como o argumento de sua criativa "metodologia" visa, como já dissemos aqui, a encontrar toda e qualquer inflexão que se esquive das estruturas paradigmáticas – “burlando” opositivamente o sentido, visando à suspensão dos dados conflituosos do discurso –, suas figuras - "guia" não poderiam seguir nenhuma ordem ou regra por demais rigorosa, sob pena de, como referenciais que são, esvaírem-se em sua natureza não impositiva de sentido, o que colocaria a perder a necessária dose experimental do "método".

Barthes, apenas para emprestar maior clareza, reuniu em dois grupos suas figuras de "inflexões": as que remetem aos modos "conflituosos" do discurso (Afirmação, Adjetivo, Cólera, Arrogância, etc.) e as que refletem estados ou condutas que "suspendem o conflito" (Benevolência, Fadiga, Silêncio, Delicadeza, Sono, Oscilação, Retirar-se, etc.).

Eis a lista a que chegou e na qual pretendemos nos inspirar para a sequência da análise das cartas. Note-se que, coincidentemente, em muito os ânimos aqui referenciados nas figuras se assemelham àqueles vividos por Frei Betto, ao longo de seus quatro anos no cárcere:

1. A benevolência
2. A fadiga
3. O silêncio
4. A delicadeza
5. O sono
6. A afirmação

- 7. A cor
- 8. O adjetivo
- 9. A cólera
- 10. As ideosferas
- 11. A consciência
- 12. A resposta
- 13. Os ritos
- 14. O conflito
- 15. A oscilação
- 16. O retirar-se
- 17. O panorama
- 18. A arrogância
- 23. O andrógino

Ao contrário do que possa indicar, o Neutro não é uma imagem destituída de sentido, pobre, ou aleatória, essencialmente depreciada, “como a *doxa* muitas vezes quer nos fazer ver”, prega Barthes, eterno cantor da revolta. Acreditamos que o Neutro pode se constituir, sim, em uma forma importante de tradução não apenas do esqueleto, mas do corpo e do movimento desse corpo, que é a obra, e dos sentidos múltiplos que a situam, por detrás dela mesma, em uma nova e ansiada ordem de exegese, cifrada pelo crítico, que retira as camadas submersas no tempo e as põe no quaradouro.

Mesmo alertados pelo próprio Barthes, e seus eventuais detratores, de que podemos obter como resultado o alojamento de “alguma coisa em estado de perpétua variação”, seguimos na busca do sentido final dos conteúdos com a ajuda dessas “fagulhas de desordem”, que, de início, já operam uma importante ordenação temática.

Poderíamos, pelo aparente descompromisso formal do método, propor a análise em qualquer ordem e até mesmo introduzir ou cortar as figuras matrizes. Optamos, no entanto, pela preservação da ordem de análise do curso proferido por Barthes e sua manutenção exata, até como forma de testá-la, como veremos a seguir, e vê-la se transformar, como nos garante o semiólogo, em um “valor forte, ativo” do texto.

A ideia é que, no intercruzamento das figuras, teçamos uma malha que filtre o jorro das informações e análises obtidas e destile (preservando e revelando) a essência da narrativa que buscamos.

2.3 - Cartas em cintilação

*"Porque o poeta fez da fala uma barragem contra o esquecimento,
e a morte gasta o fio de seus dentes em sua palavra."*

(George Steiner, em *Linguagem e Silêncio*)

2.3.1. A BENEVOLÊNCIA

O sentido dessa figura nos remete inicialmente à biografia do autor dessas cartas, à sua visão pessoal do mundo, remete-nos não apenas ao político-ativista, mas sobretudo à sua vocação espiritual no mundo. Vocação não necessariamente religiosa, mas antes de tudo aquela baseada em sua íntima posição de filósofo humanista, altruísta, inserido conscientemente na sociedade e em seu tempo. Como disse Ênio Silveira, na apresentação do livro *Cartas da prisão*, a consciência não amortecida, não comprada, não prostituída.

Há nesse conceito de benevolência também um "deslizamento ideológico", interessante duplo proposto por Barthes, sobre Baudelaire:

Uma benevolência mole, preguiçosa, muda e derivada do abrandamento dos nervos [...]. Uma benevolência singular, aplicada até aos desconhecidos, uma espécie de filantropia mais feita de piedade que de amor [...] mas que chega ao medo de ferir quem quer que seja.

Imagem: emotividade do corpo (os nervos) transformada em sentimento: próximo, visivelmente da comoção amorosa: desejo sublimado por difusão, flutuação: Agape (Em grego, "amor afetuoso, fraterno, divino").

Em muitas passagens das cartas, antevemos esse mesmo sentido aqui proposto e que de resto de certo modo antecipa o desenho do personagem Frei Betto, posto que

essa é a base de seu pensamento, o que moldará, ao menos em essência, o caráter de tudo o que escreve. Tomemos algumas passagens em que a tônica desse olhar empático mais explicitamente se expressa para que não retiremos do autor as idiossincrasias que tanto buscamos revelar aqui.

Mesmo em um contexto absurdamente adverso, Betto encara a experiência como algo que possa fazê-lo aperfeiçoar-se como pessoa¹:

A prisão não nos proporciona muitas alegrias, até pelo contrário, mas permite grandes descobertas. Esse período é tão importante para mim quanto o ano de 1965, quando fiz o noviciado. Em 65 descobri a dimensão da fé; agora, sei como vivê-la. Pode ser que não consiga levar muito adiante essa descoberta. Mas não terei a consciência tranquila de um cristão dominical, acostumado à espiritualidade do mínimo. Entre grades, encara-se a liberdade humana na sua radicalidade. Impossível ser livre por mero acaso, muitas vezes aprisionado por limitações supérfluas que a vida impõe. Pelo menos aqui a limitação física completa – viver indeterminadamente entre quatro paredes – dilui todas as outras herdadas de uma educação burguesa. Não há como trapacear. O jogo é limpo, a verdade de cada um é o que vale. As palavras inócuas, as aparências, as ilusões, perdem o sentido. Cada um é reduzido à sua condição mais humana e, portanto, mais significativa. O homem se vê face a face, sem rodeios ou fantasias. Restam então dois caminhos: de um lado, a fuga, o ócio, o medo, a loucura; de outro, a ruptura com o passado, o compromisso com o futuro, mesmo que esse futuro signifique a morte. [...] Daqui a pouco iniciaremos a nossa roda de samba. Todos os presos, de dentro de suas celas, num mesmo rito da mesma música.

Em suas primeiras cartas na prisão, já percebemos esse tom de aceitação como assimilação de um desafio, uma visão mais que compreensiva, ultrarrealística dos fatos, uma visão de boa-vontade (*benevolentia*) até para com seus algozes, no sentido mais resignado do termo. Essa posição, não funciona apenas como cortesia, parece tratar-se mesmo de uma inconsciente estratégia espiritual de sobrevivência. A compreensão de que a experiência faz parte de um todo, de um sistema no qual ele se insere irrefutavelmente se reincide em muitas de suas correspondências. A figura do Neutro nesse ponto pode trabalhar como uma interessante, embora aqui ainda incipiente, terceira via de compreensão do paradoxo preso-algoz a que nos remete o senso comum da prisão: o que nos pareceu é que esse tom de íntima resignação pode vir a ser indício de uma percepção estratégica voluntária, subjacente e ampla, como se localizada fora (ou acima) da punição representada pela prisão. Notemos o tom de indestrutível

¹ Sábado 31 de janeiro de 1969, carta a Aída Tavares Paes, amiga dos dominicanos. (p.19)

compreensão e altruísmo mesmo na comparação entre uma de suas primeiras cartas e uma das últimas:

Uma liberdade egocêntrica não exerce sobre mim nenhuma atração. Ser livre é poder viver por uma fé ou uma causa comum. Ninguém se faz a si mesmo. Cada um representa o esforço e o trabalho de uma comunidade. Na solidariedade nos realizamos como pessoas, no outro encontramos a nós mesmos. Nisso se baseia a mais fundamental e elementar relação humana – o amor².

De certas comidas já nem sei o gosto. Mas isso não é o pior. Não tenho a menor ideia do preço de uma passagem de ônibus. Esqueci o que é um sorvete. Mas não lamento a minha situação Apesar de tudo, sou livre. Lamento é a situação desses que estão aqui há 15, 18, 20 anos, e nem sabem quando sairão!³

Segundo Barthes, o indivíduo tomado pela benevolência está diante de uma aporia: a vontade de um “monstro” lógico, a dose certa de comoção e de distância. Esse equilíbrio é demonstrado por Frei Betto todo o tempo, não fazendo juízo dos outros e dos acontecimentos em momento algum, ao contrário, buscando sempre posicionar-se em ponto de equilíbrio. O que não o impede, evidentemente, de registrar discordância em sua escrita. Mas mesmo sua indignação é benevolente:

Por que homens prendem homens e os enjaulam como animais selvagens? Não há explicação, senão considerando que vivemos em um estágio primitivo [...] Olho para o que está aí e olho para o Flavinho; sinto vergonha por não lhe oferecer coisa melhor. A razão de ser de nossa luta e de nosso sacrifício está no Flavinho, nos filhos pequenos de nossos companheiros de prisão, nas crianças brasileiras que aprendem na escola que somos uma nação livre porque um monarca português deu um grito de independência à beira de um rio⁴...

Estado de abstração da revolta ou puro discurso sinceramente fundado na benevolência? Isso nos remete a uma reflexão sobre aspectos comuns à arte retórica e poética, na eloquência de um pensamento. Já em sua *Poética*, Aristóteles (2005, p.48) considera essa perspectiva:

O poeta (todo escritor daquele tempo) é imitador, como o pintor ou qualquer outro imaginário; por isso, sua imitação incidirá num desses três objetos: coisas quais eram ou

² Segunda, 16 de fevereiro de 1969, carta à família (p.21)

³ Quinta-feira, 05 de julho de 1973, carta à Márcia (p. 242)

⁴ Domingo, 22 de fevereiro de 1969, carta à família, (p.23)

quais são, quais os outros dizem que são ou quais parecem, ou quais deveriam ser [...] Para reconhecer se bem ou mal falou ou agiu uma personagem importa que a palavra ou o ato não sejam exclusivamente considerados na sua elevação ou baixeza; é preciso também observar o indivíduo que agiu ou falou, e a que, quando, como e para quê, se para obter maior bem ou para evitar mal maior.

Mal ou bem disfarçadas do discurso filosófico que pretensamente as ampara, as cartas são sustentadas em verdade pela expressão mais humana de seu conflito, recheado de boas e más vontades. É essa expressão, feita de muitas vozes desconexas voltadas para públicos desconexos, que vai aos poucos nos fornecendo a pegada literária em que se a reconheça, emergindo pouco a pouco como obra, insuspeita:

Os mosquitos perturbam o dia inteiro, sobretudo à noite. A formiga lava-pés se reproduz com rapidez e quantidade impressionantes. Resultado: como ninguém aqui é tatu, o jeito é comer formiga escaldada. Outro dia, chegou-nos ravióli; amanheceu coberto de formigas. Comemos ao molho de tomate e formiga.

2.3.2. A FADIGA

“O pintor emprega o corpo.”

(Paul Valéry, em *Filosofia da Dança*)

Quando uma peça de uma máquina se encontra prestes a estourar, dizemos tecnicamente da “fadiga”, do “estresse” do material. Barthes também relaciona a essa figura a ideia durativa de fadiga, ao “infinito paradoxal da fadiga, do cansaço – processo infinito do fim”.

Betto parece trabalhar a maioria das cartas para não deixar vir à tona nenhum sinal de cansaço aparente. Na verdade, o cansaço físico é muitas vezes referido, mas nunca de modo que se ligue definitivamente à derrelição ou ao esvaziamento de seu ânimo. Sua ideia talvez esteja em não suscitar a vitimização, a autocomiseração ou a preocupação de familiares, mas a eventual assunção de um espírito deprimido seria

tomada por ele como o mais evidente sinal de derrota, daí a inexistência de descrição de estados de cansaço como entrega moral.

Há, no entanto, algumas passagens que, reunidas, ajudam-nos a compreender o sentido desse componente inerente a sua escrita, uma espécie de honra, de orgulho pela consciência do momento pelo qual passa.

*Há muito tempo não vejo o verde. A paisagem que me envolve é toda ela cimento e ferro. Uma atmosfera opressiva. Sinto falta de ar e espaço onde a vista possa se perder no infinito. Nasci numa terra de montanhas.*⁵

*Não dormi bem à noite. Mesmo encerrada a greve, continuo sem vontade de comer. No café serviram-nos torradas. No almoço, tomei um pouco de caldo de feijão. À tarde, esperamos a transferência. Nada.*⁶

*Medo a gente perde aos poucos. Não me tornei excepcionalmente corajoso, mas dois anos e meio de grade dá para nos temperar bastante, o próprio organismo modifica seus reflexos, adapta-se à insegurança, à incerteza, ao clima de terror. E de que vale o medo quando não há alternativa?*⁷

Não se encontrará nas cartas um apelo por socorro, um pedido que seja, muito menos uma queixa do inevitável cansaço de se estar preso. Ao contrário, há em algumas passagens uma estranha sensação de prazer⁸:

Essa luta pela existência é, ao mesmo tempo, árdua e divertida. Sinto-me como quem viaja num veleiro, ao sopro dos ventos da história, balançando sobre as ondas do tempo. Não importa se, de vez em quando, sou atirado às águas. Sei nadar.

Note-se que não se trata de uma pergunta: saberei nadar? Resistirei a esse desafio? Esse tom afirmativo, não soa, no entanto, como uma espécie velada de provocação, mais parece emergir dos sentidos pacificadores do cristianismo, em que “dar a outra face” (Mateus 5:39) não tem nada de submissão, bem ao contrário, pode ser revelador da insurgência mais íntima do que não se pode calar.

Poderíamos também eventualmente inferir aí uma leve tentativa de heroicização do personagem, o texto tomando assim aspectos de um grande roteiro. Socorremo-nos

⁵ Domingo, 20 de junho de 1971, Carta a Marlene (p. 107)

⁶ Quinta-feira, 18 de maio de 1972, carta à família (p. 134)

⁷ Sábado, 3 de junho de 1972, Carta à família (p. 138)

⁸ Quinta, 11 de março de 1971, Carta à família (p.91)

novamente de Aristóteles, lembrando da “grandeza” associada às narrativas épicas ou trágicas com personagens esféricos de vulto, os heróis, chave da “elevação” da história.

Mas o radical deslocamento da fala de Betto para o contrário de qualquer individualismo elimina a plausibilidade desse tipo de consideração. A fadiga em Betto parece encontrar repouso e ao mesmo tempo contraposição em sua escritura, onde não há espaço para a entrega ou o desprezo a eventuais “engrandecimentos” heroicos. Betto escreve como quem responde à morte. Suas cartas são o lugar que criou para manifestar mais diretamente sua resiliência:

É preciso confiança, a existência humana é radicalmente transcendente, e essa transcendência, sentida mesmo por quem não tem fé, é o que nos impede o suicídio⁹.

2.3.3. O SILÊNCIO

"Torna-te quem tu és."

(Nietzsche, em *Assim falava Zarathustra*.)

Há dois silêncios muito facilmente identificáveis em *Cartas da prisão*. O que cala, mas não consente, e o que se contrai, silêncio exterior, em reflexão. Em ambos não há vestígio de restrição mental, representando mais o uso que deles se faz na música, como parte formal da composição, do que propriamente um sintoma de aceitação calada¹⁰:

O silêncio reflete o clima úmido desse dia cinza. Não é um silêncio de calma, de paz interior. É quase uma sufocação. Tantos juntos e poucos falam. Alguns talvez gostassem de gritar bem alto. Mas engolem esse desejo e aguardam. O quê? Não sei, ninguém sabe. Na prisão sempre se aguarda. É como uma plataforma de uma estação sem trem e trilhos.

É um silêncio triste, de alguém que, sentindo-se provocado, resiste, acumula forças para uma investida posterior.

⁹ Domingo, 29 de novembro de 1970, carta a Christina (p. 77)

¹⁰ Domingo, 22 de fevereiro de 1969, Carta a Christina (p. 22)

Há, sim, uma tática aparente no método de silenciar-se. Mas esse silêncio grita mais do que uma multidão. Quem nos ensina essa força que há por dentro do silêncio é George Steiner (1988, p.30):

Vivemos no interior do ato do discurso. Mas não devemos pressupor que uma matriz verbal seja a única em que as articulações e o comportamento da mente são concebíveis. Existem modalidades de realidade intelectual e sensória baseadas, não na linguagem, mas em outras energias comunicativas, tais como o ícone ou a nota musical. E existem atividades do espírito enraizadas no silêncio. É difícil falar delas, pois como poderia a fala transmitir adequadamente a forma e a vitalidade do silêncio?

Não está aí, na transcendência da linguagem muito comum aos monges e outros religiosos, a resposta dada por Frei Betto. Bem ao contrário, percebemos nele a disposição para a reflexão filosófica, a contraposição dialógica e a transmissão de suas experiências, traço marcante na maioria de suas notas:

Aqui são muitas as novidades. O curso supletivo afinal nasceu, depois de longa e atribulada gravidez, seguida de um parto não menos doloroso (eta! burocracia!) A criança ainda apresenta problemas, mas o importante é que nasceu. Para a surpresa geral (principalmente do diretor), 64 presidiários se inscreveram. Isso quebra a falsa ideia de que esses homens não se interessam pela atividade intelectual e as oportunidades de encontrar novos caminhos na vida. Respira-se agora um clima de entusiasmo generalizado; contamina até mesmo aqueles que viam a iniciativa com pessimismo¹¹.

E há o silêncio criativo, aquele que parece permitir que uma tela branca, uma folha em branco se abram para que as imagens tomem o rumo de sua dança, na incipiente escritura de Betto, que tateia as palavras como se nelas começasse a se reconhecer:

Ao cair da noite o silêncio retorna, aos poucos. Ouve-se o ressoar dos pulos de quem faz ginástica na galeria superior. O ruído prolongado da água correndo nos canos indica que alguém toma banho. Com certeza muitos estão sentados, lendo, estudando, escrevendo cartas ou poesias, e outros deitados, dormindo, sonhando. É o que fazem até que a liberdade retorne. Em geral, consideram o tempo de prisão um vácuo em suas existências. Aqui apenas esperam, estoicamente.

¹¹ Quinta-feira, 24 de maio de 1973, Carta à família (p. 232)

Além desse pendor pelas palavras e as ideias como redenção, fica, nos momentos de maior solidão, não o silêncio, mas a contrição musical, suplicante e palavrosa de suas preces, o mantra íntimo de sua fé.

Experiência ao mesmo tempo rica e assustadora. Não havia muito a fazer, ou mais propriamente, não havia nada. De modo que me entreguei mais afoitamente à oração¹².

2.3.4. A DELICADEZA

“A comida é a alma de nosso agasalho”

(Maria Stella Libânio Christo, culinária, mãe de Frei Betto, em *Fogão de Lenha*)

De todas as cintilações existentes em meio às cartas de Frei Betto, as que mais se assemelham ao sal da terra, ao brilho do homem simplesmente sendo homem – tanto no sentido da minúcia e da descrição, como da polidez e da brandura –, a que mais perfeitamente se rende à ideia de delicadeza é seu humilde fazer culinário.

Betto tem na cozinha o índice arquetípico que mais o liga à mãe. Entre as mães, habitualmente, a comida é o meio mais comum de manifestação de carinho e, conseqüentemente, depositário de toda memória afetiva.

Como Barthes vive a repetir, “minha perspectiva é a do desejo, não da lei”, assim, creio que a figura da delicadeza se manifesta nos diversos momentos em que o autor das cartas reproduz nelas suas experiências com os pratos e guloseimas, como a compor um mosaico de lembranças ultrassensoriais.

Obrigado pelas receitas. Ainda não tentei o arroz com brócolis.¹³

Recebi os doces de leite na Palha.¹⁴

P.S. A goiabada fez sucesso.¹⁵

¹² Domingo, 11 de outubro, de 1970, carta a Rodrigo (p.67)

¹³ Domingo, 22 de fevereiro de 1970, carta a Christina (p. 23)

¹⁴ Terça-Feira, 3 de março, Carta à família (p. 26)

*Agradeça à Bertula as balas delícia. O doce de leite estava ótimo também.*¹⁶

*Eu preparo as refeições. Aqui o leite é leite hoje, coalhada amanhã, queijo depois de amanhã (enrolo num pano e deixo desidratar) e manteiga na semana que vem (Giulio me ensinou a fazer). É o sistema Lavoisier, nada se perde, tudo se transforma.*¹⁷

Há delicadezas nessa troca operada pelo sistema de afinidades que engloba tanto o trato com os outros presos, como as recordações de família. Do mesmo modo, há também sintomas de delicadeza nesses referenciais pelo simples fato de eles escaparem do debate social, da ordem repressiva do cânone ou mesmo do ponto de vista ideológico. Nesse campo semântico, qual seja, o da comida, fundam-se novas gramática e ortografia, faz-se com mágica e naturalidade todas as relações, assim, instintivas.

*Aprendi a fazer café e coá-lo em pé de meia; arroz "unidos venceremos"; feijão com terra; e a comer doce com formiga. Deixei de lado aquele negócio de "isso eu não como", "aquilo eu não gosto", "mãe, o café tá frio", "faz outro bife pra mim" e outras manhas.*¹⁸

Barthes teria criado seu Neutro, segundo olhar de Leda Tenório da Mata (2001, p.126) para cingir *Em busca do tempo perdido*. Com efeito, Proust representa uma espécie de alicerce do edifício barthesiano. Leda lembra uma emblemática entrevista de Barthes:

Proust é um sistema completo de leitura do mundo. Isso significa que, se admitirmos minimamente esse sistema, ainda que seja só porque ele nos seduz, não haverá em nossa vida cotidiana, acontecimento, incidente, encontro, situação que não tenha sua referência em Proust: Proust pode ser a minha memória, a minha cultura, a minha linguagem; posso a qualquer momento rememorar Proust, como fazia a avó do narrador com Madame de Sévigné. O prazer de ler Proust – ou melhor, de relê-lo – tem, pois, o caráter do sagrado ou, ao menos, da consulta bíblica.

A citação acima se situa, evidentemente, apenas no plano da ilustração da importância de considerarmos esses aspectos, digamos, memoriográficos do cotidiano tão presentes nas cartas e que funcionam como um roteiro no caminho de decifrá-las.

¹⁵ Segunda-feira 3 de agosto de 1970, carta à família (p. 55)

¹⁶ Quarta-feira, 25 de novembro de 1970, carta à família (p. 75)

¹⁷ Quinta-feira, 27 de maio de 1970, carta à família (p. 101)

¹⁸ Quinta-feira, 5 de julho de 1973, Carta a Márcia (p.242)

Uma gaveta aberta com uma Madeleine à espera, sobre um pacote de cartas, numa curva do tempo.

2.3.5. O SONO

*“... De repente
nos longes da noite
um sino...”*

(Manoel Bandeira, em *Evocação do Recife*)

Entre os duplos – ou múltiplos – sentidos apresentados por Barthes para a figura do sono, um em especial se mostra muito fecundo para a análise dos fragmentos epistolares de Frei Betto: a suspensão do tempo. Essa visão que se tem do tempo vivido e não percebido no sono, muito comum ao cárcere, como se a estadia fosse um hiato na existência, é metáfora aqui de seu sentido maior, a reclusão.

É madrugada, o sono me foge. Pouco acima de minha cama estende-se a grade pela qual se vê o soldado dormitando na guarita. Um cochilo apreensivo, sem dúvida, como convém a uma sentinela que se faz de calma para disfarçar os receios que o serviço lhe impõe [...] Ouço latido de cães, ignoro se no presídio, onde baionetas e metralhadoras nos guardam¹⁹.

Por outro lado – sempre o outro lado do Neutro –, deve-se somar a essa “inconsciência” momentânea seu segundo sentido, o torpor de se habitar apenas certas partes de si mesmo quando da passagem do sono ao tempo acordado.

Como distração cantava as poucas músicas que sei, inventava outras, deixava a memória bailar por fatos que renasciam com vivacidade fotográfica. Um dia refiz todo o trajeto que, aluno do Barão do Rio Branco, eu percorria para ir do grupo escolar à nossa casa²⁰.

A sensação do despertar neutro, em um tempo estanque, identificada por Barthes, é um estado “em que a vida, o viver se dá a ver (a sorver) em sua pureza, ou

¹⁹ Domingo, 30 de agosto de 1970, Carta a Liana e Marlene (p. 59)

²⁰ Domingo, 11 de outubro de 1970, carta a Rodrigo (p. 67)

seja, fora do querer viver” e contrasta com a ideia de um sono com sonho, utópico. Todas essas variações não configuram estados possíveis ao plano do narrável em Frei Betto, não em suas cartas, que, entre outras funções, tinham a meta de noticiar a seus amigos e familiares seu estado de saúde. Betto sonha acordado.

2.3.6. A AFIRMAÇÃO

*“O que chamamos de desenvolvimento nada mais é do que a aliança
entre surpresa e recorrência, invenção e repetição,
ruptura e continuidade.”*

(Octávio Paz, em *A outra voz*)

Na fala coloquial das cartas de Frei Betto, para além da interlocução evidente, aquela travada entre remetente e destinatário, nota-se uma espécie de fala a seu tempo, a seu contexto sociocultural e político. Na interação dos falantes, constrói-se naturalmente o que chamamos de língua coletiva, nascida das falas individuais, para uma outra audiência, remota, mas, de algum modo, ali presente.

Sobre essas definições de sujeito falante e massa falante, conceitos da linguística formulados por Saussure e posteriormente reavaliados por Derrida e Lacan, entre outros, repousa o olhar neutro de Barthes, propondo dois lugares em relação dialética: a Língua e o Discurso.

Para ele, a primeira seria uma espécie de tabernáculo, uma reserva onde são guardadas as leis da linguagem de uma comunidade; a segunda abrigaria regras “mundanas” de combinação, como escuta, jogo de imagens, etc.

O que se pretende aqui não é propriamente nos aprofundar nesses conceitos e paradigmas, mesmo porque a ideia do Neutro é justamente baseada no seu, por assim dizer, “desmonte”, em uma ordem que repele o sim/não. Bem anteriormente a esse maniqueísmo – que reduziria seu arcabouço de possibilidades –, busca-se aqui notar a presença dessas afirmações e discursos articulados na fala prosaica da escrita epistolar de Betto, sua incipiente escrita literária.

Dentre os matizes recolhidos das cartas, podemos confrontar os modos de discurso que modulam humildade, pirronismo (que o faz questionar duramente o sistema), orgulho de sua origem ou mesmo dramaticidade no jogo das peripécias musicais da língua. Como disse Barthes, “interroguemos” essas formas pessoais de escrita sob o aspecto da afirmação.

*E os doces? Cada um mais pralém de bão que l'outro. (Cê se a carta num tá com cheiro de linguça. É que tô de mão toda linguçada, as voltas com o molho do macarrão domingueiro.)*²¹

O grau de solenidade de sua fala varia evidentemente com o grau de intimidade entre ele e os interlocutores. Aqui a linguagem de Betto se abre em uma prosódia que explora a sonoridade da fala coloquial e revela seu estado de humor. Mas não é apenas o humor que pode ser inferido dessas leves digressões na estrutura da linguagem:

*A gente acha que mãe não entende os nossos babados. (...) E no fim de quatro dias o pai do cara ganha uma mixaria (...) de vez em quando, adiantasse um café, já era u'a mão na roda. E quando mais tarde casar não fará da mulher empregada.*²²

Nesses excertos, retirados de uma carta escrita ao jovem Léo, percebe-se, na escolha de gírias, na entonação e na quase displicente descontração, a intenção do remetente de se aproximar do leitor e tornar-se assim mais confiável preceptor.

Tomemos uma delicada passagem ao final de uma carta a uma amiga:

*De você, muita saudade.*²³

Na breve inversão da forma convencional da fala “Tenho muita saudade de você” e na supressão de seu verbo, Betto deixa entrar por essa fresta um singelo feixe de luz que ilumina toda a sua fala. Há um calar-se nessa frase tão curta, silêncio que abre um verdadeiro poço entre o remetente e a destinatária. Sem esgotar aqui as imagens

²¹ Missiva sem data exata, fevereiro de 1972, carta à família. (p. 117)

²² Sábado, 26 de fevereiro de 1972, carta a Léo (pp. 122-123)

²³ Domingo, 29 de novembro de 1970, carta a Christina (p. 75)

suscitadas por essa despedida, socorre-nos agora uma carga pesadíssima de impossibilidade excludente, como se ele dissesse: “não posso ter com você nada mais do que seja esse sentimento de muita saudade”. O curto espaço da frase permite inferir também superlativos (a maior, uma imensa), sem haver necessidade de citá-los.

Outras formas de falas prosaicas dão sonoridade melódica ao seu discurso, emprestando um bastante crível de otimismo:

*Chamamos essas coisas de ziquizira de cadeia. Para a qual só há um remédio eficaz: alvará de soltura*²⁴.

*Êta mundo bão! Só de pensar num franguinho assado com farofa de ovo...*²⁵

*No início, essas coisas me impressionavam. Com o tempo aprendi que quem vive na selva não pode ter medo de cobra*²⁶.

*O pessoal é de uma voracidade canina. Se servir pedra encopada, não fica sobra*²⁷.

2.3.7. A COR

“O que funda a dignidade humana senão o fato de que cada ser humano é uma pessoa aberta a algo mais alto e maior que ela própria?”

(Carlo Maria Martini, em *Em que crêem os que não crem?*)

Das diversas relações que poderíamos construir para a ideia de cor em uma escritura, aquela interpretação que mais diretamente salta às nossas vistas é a da oposição entre o colorido e o incolor.

Dessa oposição surgem diversas outras metáforas contrastantes, como avesso-direito, riqueza-pobreza, justiça-injustiça, etc., que caminham para um inevitável

²⁴ Segunda-feira, 20 de novembro de 1972 (p. 194)

²⁵ Quinta-feira, 22 de junho de 1972, carta à família, (p. 143)

²⁶ Quarta-feira, 19 de maio de 1971, carta a Ana & Nando (p. 100)

²⁷ Sábado, 16 de maio de 1970, carta a Christina (p. 46)

encontro com a alma inquieta e filosófica do autor. Temos aí também outra contraposição: o filósofo humanista coloridíssimo e o frio relator das realidades mais cruas e cinzentas.

Cremos que dessa interpolação de cores do humano é que nasce o espiritual nele. Note-se, não referimos aqui ao religioso - entre as cartas, há mais críticas dele acerca da atuação da Igreja do que propriamente elogio a sua existência. Mas o teólogo crítico nasce desses contrastes cromáticos que moldaram, na riqueza de suas nuances existenciais, a fé no homem e na palavra de Deus.

Minha tranquilidade e alegria continuam porque sei que aqui estou pelo “crescimento do evangelho”. Rezo para que o Senhor faça de nós, dominicanos presos, instrumentos de sua justiça e de sua paz.²⁸

O aporte dessa certeza no divino estabelece o tom de todas as cartas, sem exceção. É o antídoto de sua derrelição a certeza de que passa por “uma importante experiência”²⁹. Em seu conjunto, as cartas parecem apontar para uma espécie de romance de formação, em que um processo de desenvolvimento (se apenas pessoal ou se também literário é o que nos propomos analisar aqui) vai claramente sendo descrito. Tomemos um trecho de carta escrita no Natal de 1970:

É tempo de revisão, de exame de consciência. O cárcere é uma espécie de genuflexório onde ajoelhamos diante da própria vida. É uma janela do mundo, da qual vemos tudo e todos. É, sobretudo, a reunião dos segregados, banidos do convívio social. Na carência da liberdade reside a nossa solidariedade³⁰.

Muitas das cartas, sobretudo aquelas dirigidas a religiosos de diversas congregações ligadas aos dominicanos, contêm esse tom marcadamente evangelizador. E há aquelas em que surge mesmo a discordância:

A vida religiosa assemelha-se mais ao sepulcro caiado que à comunidade dos apóstolos; ela não pode pairar acima do comum dos mortais. Há que tirar a máscara que encobre a face de Cristo. É claro que tudo tem seu tempo. O lamentável é que a Igreja Católica

²⁸ Segunda-feira, 12 de janeiro de 1970, Carta à família. (p. 18)

²⁹ Primeira carta de Betto na prisão, domingo, 7 de dezembro de 1969 (sem destinatário definido (p. 13)

³⁰ Sexta-feira, 25 de dezembro de 1970, carta a Liana (p. 78)

quase sempre caminha a reboque do tempo. Agora parece que despertamos de um longo período de sonolência. De início, houve ímpetos de correr; vimos depois não adiantar pôr o carro na frente dos bois. Resta-nos ter muita paciência e assumir o trabalho de renovação junto a um povo cuja religiosidade tem raízes tortas, mas seculares. Não adianta cortar a velha árvore. Nasceria uma nova, tendo na base a velha raiz. A própria raiz precisa ser atingida.³¹

O que nos importa ressaltar aqui é como se processa esse Deus em Frei Betto, como se desenha a fé em seus escritos no desenho da narrativa inventada por ele, individualmente, de sua própria sobrevivência.

Assim como a doença leva-nos a reconhecer o valor da saúde, a prisão revela-nos o valor da liberdade. Mas só se é livre dentro do risco histórico: ao decidir alterar as coisas de tal forma que sejam transfiguradas por nossa ação. Pode ser (e é provável) que, por enquanto, essa ação permaneça um mistério para alguns, mas do mistério surgem as realidades mais puras e verdadeiras. Não havia alternativa: Deus não poderia pairar metafisicamente sobre nós. Era inevitável que ele mergulhasse na história e, revelando-se, revelasse o homem a si mesmo. Todo diálogo pressupõe encontro³².

Não se pode relacionar a fé apenas como busca de significado ou como forma de amenizar o inexplicável dentro do absurdo de sua permanência no cárcere. A fé não é isoladamente uma explicação para a superação de seus dramas. Isso seria tomá-lo como um autômato. Notemos, com a ajuda do aspecto dialogístico do Neutro, como seu sentimento do mundo e do outro é sempre rico de significados, ou seja, o fato de ser naturalmente tomado pela presença da fé não reduz o sentido complexo de suas múltiplas significações. Notemos este outro trecho da carta, escrita na Semana Santa:

Inserido na história, Cristo a transcende. Nesse ponto a liberdade do cristão se completa. A encarnação é seguida da ressurreição. Por isso falamos aos nossos companheiros que, enquanto houver um homem oprimido, seremos sempre subversivos. Nosso compromisso não é com essa forma de governo, aquelas relações de trabalho ou tal ideologia. É com a pessoa humana, cuja dignidade conhecemos na mesma medida em que é negada em nós. Sem dúvida, o purgatório deve existir como momento de tensão entre o amor e o desamor. Aqui, porém, já não optamos. O que nos precede decide por nós. Deus decide por nós. Decide mesmo contra nós, como ocorreu com alguns profetas recalcitrantes.

³¹ Terça-feira, 21 de novembro de 1972, carta às irmãs E. e H. (pp. 195-196)

³² Terça-feira, 10 de março de 1970, carta a Frei Carlos (p. 30)

A ideia que aqui propomos, da espiritualidade e da fé ligada à cor, reforça-se na definição que Barthes faz do Neutro como um pensamento-limite. Para ele, na margem da linguagem e na margem da cor, é preciso pensar a não-linguagem e a não-cor, formas não da ausência da cor, mas da transparência, ou melhor, o branco que advém do movimento de girarmos um disco cromático que contém em feixe todas as cores. Essa é a definição mais próxima, embora pouco precisa, que podemos fazer do que é enxergar, do que é para um crente viver a fé.

2.3.8. O ADJETIVO

*“Como nos ensinam as mais laicas entre as ciências humanas, é o outro,
é seu olhar, que nos define e nos forma.”*

(Humberto Eco, em *Em que crêem os que não crem?*)

Talvez seja essa a figura mais complexa para a tradução dos sentidos barthesianos do Neutro. Barthes aponta a ambivalência do adjetivo como Neutro em sua expressão de substância, tornando-se uma espécie de substantivo, por combatê-lo em sua valoração qualitativa das coisas, sua predicação. O Neutro, no mundo barthesiano, é organizado por uma língua sem predicação, sem temas, sem fichas que, pregadas sobre as coisas e os homens, classificassem-nos por categorias.

Nesse jogo de recusa do adjetivo e de sua aceitação como elogio, surge o olhar que nos interessa para traduzir a complexidade dos sentimentos que se instalaram na alma desse narrador flutuando entre diversos fragmentos de discurso, Frei Betto.

Barthes (p. 125) situa a teologia como campo exemplar da remoção do adjetivo, pois “toda a experiência mística consiste em não pregar Deus”. Ele aponta duas formas para essa remoção, sendo uma afirmativa (catáfase, Deus considerado como causa universal) e outra negativa (apófase, Deus que ultrapassa, que prescinde da causalidade).

Com efeito, a manifestação de Deus nos escritos bettianos se dá de maneira enfática, por vezes enérgica, noutras adocicada, em torno da ideia do amor.

É preciso estar alegre, saber amar com todas as forças para que o desespero e o ódio não nos dominem. É preciso serenidade, senão o vasto corredor que atravessa essas celas nos engole. É preciso paciência, senão o barulho de portas e chaves que não nos pertencem nos ensurdece³³.

Deus, em princípio, é uma espécie de plataforma onde se manifesta seu discurso amoroso. Aos poucos, nós, leitores das cartas, vamos entretanto situando melhor onde esse Deus, fiel depositário de suas falas mais humanizadas, amorosamente humanizadas de empatia e altruísmo, encontra-se, operando em um lugar quase fora dele de tão dentro, tão amplificado pela experiência vocacional de amar que vai se transformando no outro, por amor.

Quem põe a mão no fogo se queima. Se formos iludidos sobre o amor, não podemos viver senão de ilusões amorosas e de amores ilusórios. Não podemos nos libertar dessa alienação, onde nossa egolatria chafurda como um porco no chiqueiro, se não descobrirmos a dimensão social da existência. O heroísmo, então, passa a ser o de um povo que concretiza suas aspirações. O poder torna-se sinônimo de serviço; o amor, de dom³⁴.

Em uma justaposição a esse, digamos, amor social, podemos colocar as cartas escritas a sua amiga Christina. Notamos ali que Betto a recobre de delicadezas, proporcionando outra visão do amor, casto, sempre o amor ágape, mas dessa vez um amor docemente individualizado, sem o alcance genérico do amor ao mundo todo, ao ser humano como uma entidade, defendido nas outras cartas. Desfrutemos um pouco dessas belas passagens do amor fraternal (em algumas passagens, ele a chama carinhosamente de “mana”):

Como aqui levantamos antes do sol, fiquei no pátio à espera de vê-lo resplandecer no horizonte para não perder o espetáculo de flagrar a noite toda ruborizada ao ser

³³ Domingo, 29 de novembro de 1970, carta a Christina, (p. 77)

³⁴ Domingo, 20 de junho de 1971, carta a Marlene (p. 110)

*surpreendida por ele. Quando essa manhã de domingo ardia de luz, me recolhi à cela e reli sua carta cheia de flores [...]*³⁵

Em outra carta, o amor está revelado continuamente no ato de consolar a amiga pela morte recente de sua mãe. Nessas passagens, podemos perceber a ideia que o autor das cartas tem do desaparecimento, o que nos poderá ser útil na fase das considerações finais acerca do presente trabalho.

*Há muitas maneiras de amar; nem todas têm a grandeza do amor paciente, silencioso e profundo que sua mãe devotou a vocês. [...] não teve tempo senão para amar, e a rapidez com que a morte a surpreendeu me faz pensar que também não teve tempo para aguardar o amor. Foi transfigurada em plena caminhada. [...] A morte é apenas a irrupção definitiva de Deus em nós.*³⁶

2.3.9. A CÓLERA

“Em todo homem, é claro, habita um demônio oculto: o demônio da cólera, o demônio do prazer voluptuoso frente aos gritos da vítima torturada, o demônio da luxúria sem peias.”

(Dostoiévski, em *Os irmãos Karamázov*)

As várias (re)significações que Barthes reúne para a cólera têm um ponto em comum: todas elas se referem a um estar sendo, a um estado da existência. Ele reúne três versões para a cólera, sempre no sentido mitológico grego de páthos (não exatamente com o sentido de “adoecido”, mas mais propriamente com a ideia de “afetado”), como uma mudança que ocorre nas coisas.

Senão, vejamos: a cólera como fuga, uma espécie de desfalecimento; a cólera como higiene, como uma sangria que faz bem; e a cólera como fogo, naquele sentido operístico que remete no senso comum a uma energia, não necessariamente má, ruim, a um ardor inquieto, furor.

³⁵ Domingo, 3 de setembro de 1972, carta a Christina (p. 173)

³⁶ Sexta-feira, 20 de outubro de 1972, carta a Christina (pp. 188-189)

Em Frei Betto, essas sutis variações de significação da cólera se encaixam perfeitamente à maneira do nada raivoso. Talvez pelo modo sempre pacífico, comum aos religiosos, Betto não infere, não ameaça, não destila ódio, não julga. Sua pena guarda essa, digamos, passividade pacífica, a despeito de sua verve crítica inconteste. Mas suas palavras não estão, evidentemente, infensas a alterações tonais perceptíveis. Como acudirmo-nos desse paradoxo? A figura maleável do Neutro sem dúvida nos ajuda a colar importantes partes desse quebra-cabeças. Onde estará a figura da cólera, portanto?

Durante a ditadura de Getúlio Vargas, o doutor Sobral Pinto invocou a Lei de Proteção aos Animais para a defesa dos presos políticos. Talvez seja a hora de repetir a mesma atitude³⁷.

Vamos notar em várias passagens essa nota de ironia. Em algumas delas, a nota ganha o sabor por vezes travo do humor negro; em outras, notamos uma indignação seca, sem histrionismos. Não existe revolta. O sentimento mais próximo que teríamos disso e que nos aproximaria do conceito de cólera, por seu Neutro, é uma espécie de calma inquieta, incomodada.

Quando tudo isso for contado no futuro, uma pergunta ficará: e a Igreja não disse nada? Digo isso não para que venha em nossa defesa, mas porque é sua obrigação defender os direitos da pessoa humana, promover os pobres, combater as (riscado pela censura do presídio)³⁸.

Beto habitua-se assim a uma fala firme, mas sem tiros para o alto, sempre situando o objeto de sua crítica em um contexto que o justifica, como se desse voz a quem o calava.

Os jornais acabam de publicar as acusações contra nós. Estão curiosamente baseados em dados teológicos e em documentos antigos, como também em declarações papais tiradas do contexto. Me encontro na situação de Joana d'Arc, sem poder reconhecer os

³⁷ Segunda-feira, 12 de janeiro de 1970, Carta à família (p. 18)

³⁸ Terça-feira, 23 de junho de 1970, Carta à família (p. 52)

*teólogos que me acusam. É interessante observar os meandros da história e constatar que ela tende a repetir as mesmas situações grotescas*³⁹.

*Ouvimos falar, sem confirmação, que o governo pretende soltar todos os frios e julgar logo os quentes; o Poder Executivo quer os presos políticos definitivamente em mãos do judiciário.*⁴⁰

*Meu aniversário foi especial: hóspede do Estado, cama e comida de graça, em pleno centro de São Paulo, e a casa toda cercada por guardas armados (gentileza da Polícia Militar), janelas e portas artisticamente gradeadas, jardins iluminados por possantes holofotes. Havia uns 40 convidados, a sala ficou cheia. Como drinque, água torneiral do Tietê. Graças à arte culinária de dona Stella, devoramos, na velocidade da luz, o pernil e o bolo. Quase engolem a bandeja. [...] Os convidados gostaram tanto da festa que, até hoje, não foram embora. Decidiram ficar para comemorarmos juntos os próximos aniversários*⁴¹.

Esse tom de equilíbrio mesmo quando percebemos no fundo uma intensa revolta, não se deixa aflorar, salvo nesse momento de intensa fúria, para usarmos brevemente também uma inflexão irônica.

Inegável, porém, que algo queima dentro de nós. Há um barulho interior que, por vezes, nos deixa surdos. Corremos o risco de uma explosão incontrollável.⁴²

Uma passagem pode explicitar esse sentido de aceitação digna da parte dele em sua medida exata, não como passividade, mas como consciência do vivido:

*Sei o quanto resisto ao ódio. Mesmo àqueles que, porventura, me odeiam. Não estamos numa querela de opiniões. Estamos num tempo histórico. O futuro mostrará quem tem razão*⁴³.

³⁹ Sábado, 18 de julho de 1970, carta a uma comunidade religiosa (p. 54)

⁴⁰ Terça-feira, 18 de agosto de 1970, carta à família (pp. 57-58)

⁴¹ Segunda-feira, 31 de agosto, carta a Thereza (pp. 61-62)

⁴² Domingo, 30 de agosto de 1970, carta a Liana e Marlene (p. 59)

⁴³ Domingo, 29 de novembro de 1970, Carta a Carlos (p. 76)

2.3.10. AS IDEOSFERAS

*“...Disse o jornalista, ao chegar certa vez:
Que cheiro é esse, assim tão funerário?
Na luz fria da tarde repondeu Apfelböck:
É a roupa suja amontoadas no armário...”*

(Berthold Brecht, em Apfelböck, ou O lírio no campo, VII)

Na descrição mesma das figuras, no que há em seu interior, podemos elaborar cada vez mais a utilidade de seus traços; as imagens breves, as cintilações, os flashes não orientados logicamente como relâmpagos quase involuntários. Essa percepção do Neutro, por seu desejo, é muito importante para o desenho da figura que tratamos neste tópico, o das ideosferas.

Barthes trata de início o porquê da invenção do neologismo. Nascido evidentemente da palavra ideologia, tem definição inexata, como de resto tudo que advém do universo subjetivo do Neutro e, por essa mesma razão, tão próprio ao sujeito que aqui buscamos representar no conjunto das figuras.

Ideologia, para Barthes, é só linguagem. De fato, são os traços típicos da discursividade que aqui nos interessam ressaltar, mesmo que decorram das determinações sociopolíticas do personagem, sendo-nos indiferente, portanto, qualquer que seja ela, a visão ideológica de Frei Betto. Vale dizer o mesmo de sua vocação religiosa ou quaisquer outras inclinações; o que nos vale é o resultado de seu discurso no plano da representação que exerce sua escritura.

Barthes (2003, p. 181) cita Eugène Dupréel, autor da teoria da consolidação, segundo a qual "a ordem exterior dos interesses foi substituída pela ordem interior da consciência". Reelaborado pelo semiólogo francês, esse axioma, que advém da experiência sociológica do filósofo belga, ganha os ares do Neutro: "A ordem exterior da criação, da produção, foi substituída pela ordem interior da boa consciência, da fé". Ora, o que é a elaboração interior do discurso de Frei Betto senão uma síntese dessas duas ideias? Com efeito, a fala de Betto é um constante afluxo de sua consciência, mediada por um impressionante controle lógico e racional, em que sua ideologia não ocupa o lugar

dos fatos. Tomemos algumas passagens entre as mais politizadas para refletirmos acerca desse pressuposto:

É a primeira vez que o bispo celebra aqui. Entretanto, fica sem resposta positiva a questão fundamental: o regime penitenciário recupera o preso comum? De modo geral não, apenas concede-lhe um longo período de férias de suas atividades delituosas. Quando não funciona como curso de pós-graduação. A única eficácia desse regime é afastar determinado criminoso do contato com a sociedade e da oportunidade de reincidência – por algum tempo. Nem recupera o homem, nem reduz o índice de criminalidade. Por culpa de quem? Da ordem social da qual o sistema penitenciário é reflexo. Infelizmente os projetos educacionais do Estado esqueceram as penitenciárias [...] o mesmo ocorre em relação à qualificação profissional — impossível sair daqui com um certificado de tempo de serviço ou especialização. Em outras palavras, todos saem como entraram – sem nenhum título, embora dispondo de tempo e condições pessoais para adquirir as mais diversas habilitações. [...] Como estamos longe desse mínimo, o jeito é suportar esses "sepulcros caiados" – expressão de Jesus que se aplica perfeitamente às penitenciárias. Enterrados aqui, esses presidiários aguardam um milagre que possa devolver-lhes a vida⁴⁴.

A carta é longa e, basicamente, das mais ideologizadas. Reparemos como nela a pena de Betto não discorre sobre o sistema político x ou o governante y. Não há um alvo explícito, um inimigo, senão a própria circunstância. Apesar de a carta estar o tempo todo a especular sobre as condições carcerárias em nosso país, percebemos claramente que, no pano de fundo, subliminarmente, é sua consciência quem fala, quem se queixa ou se lamenta de uma situação que, ao contrário do que possa parecer não é apenas ao coletivo a que se refere senão – e principalmente – sobre sua própria situação de encarcerado tentando, com suas ferramentas próprias, exilado de qualquer suporte, realizar a passagem, sua travessia na direção da sobrevivência. Tomemos outro exemplo em que a consciência se torna o carro-chefe de uma reflexão pacífica.

Há, por outro lado, uma maneira de conhecer um país ou um povo sem jamais entrar em contato físico com ele. É através do estudo da história e da cultura desse povo. Os egiptólogos ingleses de hoje conhecem muito melhor o Egito de Ramsés II do que qualquer um daqueles escravos que construíram as pirâmides. Kant, sem jamais ter saído de Königsberg, conhecia Londres muito melhor que muitos ingleses que ali habitavam. Isso nos leva à certeza de que os livros nos fazem conhecer melhor um país ou um povo do que qualquer viagem. É claro que o ideal é unir uma coisa à outra.⁴⁵

⁴⁴ Domingo, 30 de julho de 1972, carta à família, (pp. 163-165)

⁴⁵ Domingo, 10 de setembro de 1972, carta a Léo (pp 175-176)

A carta se dirige ao irmão caçula, Leonardo, que intenciona viajar aos Estados Unidos. Betto discorre sobre a importância do preparo individual para uma oportunidade como essa. Estamos diante de uma lição de vida misturada a dicas de viagem ou perante um fluxo de consciência que, mais uma vez, mais de si mesmo revela? O elogio que faz do livro e das formas de se conhecer algum lugar em lá não estando é uma clara manifestação de sua consciência trabalhando para convencê-lo do que precisaria mesmo ser convencido; ele está preso, mas sua sede de saber não se aplaca, daí ter criado essa lógica bastante razoável que, em certo sentido, liberta-o ao não limitá-lo ao cárcere. Mais adiante, na mesma carta, utiliza o mesmo tom dos conselhos e uma saída surpreendente para manifestar, de forma amenizada e amenizadora, a visão que tem dos fatos. Vejamos:

Prepare-se para encontrar um povo orgulhoso e ingênuo, que se crê guardião da civilização cristã ocidental, considera-se dono da luz (o que não deixa de ser verdade) e acredita em programas de TV (pois até hoje os estadunidenses estão convencidos de que John Kennedy foi assassinado pela loucura de Lee Oswald, que agiu por conta própria e, por sua vez, foi morto por Jack Ruby, que também agiu por conta própria, e que pouco depois o acaso levou Bob Kennedy a ser assassinado pelo jovem S. Sihran, que era também outro demente agindo por conta própria!...).

De fato, se há um progresso que ninguém pode negar aos estadunidenses é o de terem superado qualquer sentimento de culpa. Eles semeiam a morte em Hiroshima e Nagasaki, na Coreia e no Vietnã, e dão armas à América Latina e ao Oriente Médio, como se tudo isso fosse uma brincadeira inevitável. Este pensamento me levou a fazer um poeminha trágico:

*A criança asiática morreu sob a bomba
disparada pelo jovem piloto
formado pelo capitão
sob ordens do general
promovido pelo presidente
eleito pelo povo estadunidense
que não sabe que matou a criança.*

*Na TV a foto da criança morta
faz o povo suspirar
enquanto o homem do imposto
aguarda na porta.*

De todas as missivas reunidas em *Cartas da prisão*, talvez essa seja a mais ácida e direta em relação a seu conteúdo ideológico. Inspirados pelo Neutro, busquemos aqui algumas correlações que poderão nos ajudar em uma análise mais detida. Barthes trabalha uma ideia que nos pareceu muito próxima do que acabamos de ver no último excerto: a alavanca. Presente nos sistemas fortes de linguagem (ideosferas), elas representam artifícios de raciocínio que possibilitam contrapor uma objeção ou uma diferença incorporando-a ao sistema, codificando-a nos termos do sistema de forças. Dentre as várias abordagens da ideosfera propostas por Barthes, por sua duração, perpetuidade, ou por seu mimetismo deliberado, sinceridade, as figuras têm em comum o artifício retórico da alavanca. É como se o locutor emprestasse outra voz, a do personagem que criou para realizar o discurso. Há aí o senhor do oráculo ou o poeta revezando-se nesse papel de dizer em seu lugar.

Note-se que Frei Betto não se exime de dizer, ele diz. O que é importante ressaltar aqui é que ele está aos poucos desenhando uma dinâmica autoral, quase ficcional de dizer, valendo-se das vozes de outras personas escritoras. Esse recurso, altamente literário pode ser constatado em várias passagens em que a ideologia é, por assim dizer, esmaecida de seus tons muito radicais, ganhando com isso a confiabilidade, para usar um jargão de roteiro, verossimilhança.

2.3.11. A CONSCIÊNCIA

Em suma, é isto o que foi dito: na medida em que o animal é capaz de desejar, por isso mesmo ele é capaz de se mover; e ele não é capaz de desejar sem imaginação, e toda imaginação ou é raciocinativa ou perceptiva.

(Aristóteles, *em De Anima*, III.10)

Figura-chave de nosso entendimento da obra, a consciência, para Barthes, não é entendida por seu eventual sentido moral, senão por seu sentimento de si mesmo ou de sua existência. Isso coincide com a visão aqui proposta, qual seja, de trabalhar os

sentidos da palavra pela palavra, como significante em busca de significados não dogmáticos e preestabelecidos.

Na descrição dos sentidos dessa figura, há a consciência tomada como droga, (p. 199) aquela que por seu simples acesso nos coloca em hiperestesia consciencial, uma espécie de "embriaguez". Barthes faz uma interessante correlação com os paraísos artificiais de Baudelaire, a droga baudelaire, dita H.B., o haxixe baudelaireiano, imagem usada por ele para abrir sua fala aos sentidos de Acuidade, Memória e Ampliação (pp. 203-204).

Apesar de bem distante desse suporte alucinógeno da droga, existe, na síntese de todas essas imagens, dois outros sentidos que Barthes acrescenta ao sentido inicial de "sensibilidade" em Baudelaire. Para ele, afetividade e emotividade são os componentes a serem acrescentados à ideia de consciência, pois constituem um imaginário típico na configuração da consciência mais aguda.

Falarmos de consciência nessa obra talvez seja tocar seu nervo mais sensível, a ferramenta mais poderosa no sentido da cura para o cárcere, esse muro que se interpõe entre o indivíduo e a sociedade. Barthes apresenta um sentido do Eu criado por Valéry não como eu identitário, imagem mais comumente relacionada, mas como eu imaginário.

É bem essa forma de expressão identitária da consciência pelo imaginário em vias de afetos recorrentes a solução encontrada por Frei Betto em sua temporada na prisão. Tomemos algumas passagens que exemplificam a interessante saída estratégica do frade.

Esta é a angústia do homem moderno, sobretudo nos países desenvolvidos: julga-se livre sem saber o que fazer dessa liberdade. E sente-se preso, cada vez mais preso ao abusar de sua liberdade. Busca então, a realidade imaginária, a vertigem dos sonhos, o frenesi das sensações, numa tentativa desesperada de libertar-se. De quê? De si mesmo, em si mesmo, para si mesmo⁴⁶.

Note-se que a consciência da realidade em Betto, como dissemos, está bem longe da droga, qualquer que seja ela. Segundo ele, a consciência é o caminho para a liberdade. A realidade decorrente da vertigem não é senão uma fuga, uma tentativa fadada ao

⁴⁶ Sexta-feira, Natal de 1970, carta à Liana

fracasso na busca pela liberdade, que só se alcança no plano do consciente. A partir dessa ideia muito clara em todas as cartas – pois todas operam um alto grau de lucidez muito bem demarcado –, partamos para os sentidos do Neutro: como trabalhar essa ideia justamente por seu contrário? Que espaço as histórias contadas ocupam em um suposto rearranjo da realidade como forma de domá-la em uma lógica própria e concebível? O absurdo da sua realidade o impele às cartas como se a literatura fosse uma tábua de salvação pela consciência de sua construção. Partamos do início: o que é a literatura? Todorov (2011, p. 53) pede ajuda a Valéry para explicitar e ilustrar de forma cabal:

A literatura é, e não pode ser outra coisa, senão uma espécie de extensão e de aplicação de certas propriedades da linguagem.

O que nos resta evidentemente é buscar os sentidos do que podemos chamar de linguagem. Durante muito tempo, trabalhou-se a ideia de a linguagem ser a matéria do poeta ou da obra. Estávamos nos "confins" da linguística e dos estudos literários, para usar uma expressão de Todorov, quando se tomava a linguagem apenas e tão somente pela estilística da língua. Sem buscar muitas nuances nos aspectos teóricos que apontariam para outro trabalho acadêmico, o que se pretende aqui é ressaltar o olhar que Todorov traz dos formalistas russos em contraposição ao "imobilismo" das metodologias estruturalistas, qual seja o de imaginar um modelo de pensamento que abarque o que das obras fica de fora dos moldes.

E o que poderia nos dar essa possibilidade de entendimento mais amplificado é, em princípio, pensar a via da linguagem como paralela de conhecimento e entendimento da via da literatura, dois eixos que tendem inevitavelmente a confundir-se, como nos aconselha o crítico búlgaro:

A literatura goza, como se vê, de um estatuto particularmente privilegiado no seio das atividades semióticas. Ela tem a linguagem ao mesmo tempo como ponto de partida e como ponto de chegada; ela lhe fornece tanto sua configuração abstrata quanto sua matéria perceptível, é ao mesmo tempo mediadora e mediatizada. A literatura se revela portanto não só como o primeiro campo que se pode estudar a partir da linguagem, mas também como o primeiro cujo conhecimento possa lançar uma nova luz sobre as propriedades da própria linguagem (2011, p. 54).

É portanto baseado nos ideais dos formalistas que possibilitamos aqui, apesar de guiados por um estruturalista histórico, explorar as analogias entre linguagem e literatura nos processos de estilo e os processos de organização da narrativa. Por qual motivo estaríamos enveredando pela seara difícil da composição da narrativa tomada pela sua estilística se estamos tratando da consciência nas cartas de Frei Betto?

O que se pretende com essa pequena digressão no universo da evolução da crítica é mostrar que percebemos no autor um movimento de construção formal decorrente dos conteúdos apresentados por ele. Em outras palavras, a forma literária que está sendo gestada formalmente nas cartas busca desesperadamente representar e debelar um conteúdo inconcebível, um conteúdo insuportável, um conteúdo inapreensível e ao mesmo tempo irrepresentável: a consciência do absurdo de se estar preso.

Um dos momentos mais importantes de minha existência foi descobrir sua dimensão social. Só a partir daí tomei consciência, realmente, de sua dimensão pessoal. Até então vivi na ilusão da lei da selva, na qual a competição destrói a cooperação. Abandonei a competição para buscar a cooperação. Abandonei os meus desejos para dar lugar às escolhas necessárias. Descobri que toda opção implica renúncia⁴⁷.

A consciência da consciência é uma prática frequente nas cartas. Uma a uma são passadas a limpo suas certezas mais pessoais, em um exercício que repercute formalmente na aliteração, como se repisasse suas certezas, as que o fariam sobreviver. Reparemos seu grau de consciência "seca" no parágrafo a seguir, na descrição igualmente árida do lugar, e percebamos a forma virando a ideia, o conteúdo que se quer transmitir:

Cela 17: 6 ou 7m x 3m, meia dúzia de pessoas, após a saída do Roberto e do Augusti. Uma privada turca guarnecida por uma cortina de plástico enfeitada por pássaros que não cantam nem voam. Um fogão, onde preparamos nossa comida. Duas mesas, prateleiras para mantimentos, roupas e livros. Uma ampla janela gradeada, por onde o frio ou o calor entram sem barreiras. Um pequeno rádio que enche o ambiente de música o dia todo. Tal qual uma cabine de navio que navega pela sucessão dos dias⁴⁸.

⁴⁷ Domingo, 20 de junho de 1971, carta a Marlene, (p. 108)

⁴⁸ Segunda-feira, 9 de novembro de 1970, carta à família (p. 70)

2.3.12. A RESPOSTA

"Em ti, meu espírito, meço o tempo."

(Santo Agostinho, em *"Confissões"* 27, 36)

Assim como Barthes diz que a melhor definição para a ideia que ele tem do Neutro é aquela que se refere ao "desejo de Neutro", ou seja, a busca pelo equilíbrio na contraposição ou justaposição das diferentes visões ou os diversos aspectos de uma análise, a melhor visada que se pode ter da figura da resposta é exatamente essa, o "desejo de resposta".

Dentre as formas de respostas e não-respostas levantadas pelo estruturalista francês, fugas, esquecimentos, viagens, etc., as ideias de desvio e silêncio nos pareceram muito oportunas para uma exploração mais detida de nosso objeto.

Na verdade essas duas ideias, levadas ao paroxismo da situação, podem se confluír. O desvio, como um "descarrilamento" do sentido, encontra-se com o silêncio, "oposição de modo inerte" e "recusa peremptória" à interlocução exatamente na assunção da não-resposta.

Barthes (2003, p. 227), quando nos lembra do Galileu de Brecht, produz uma imagem que nos remete ao cárcere:

Galileu lutou; condenado, retirou-se; seus livros brilharão por ele. Última cena. O discípulo ativo e excitado prepara a publicação clandestina dos livros; mas no fundo do aposento, indiferente, surdo, silencioso, Galileu come ganso e lentilhas. É a resposta que dá à militância que ele mesmo lançou: Mestre = contra-discípulo. Adiscípulo.

Não há provocação nem encenação em Betto encarcerado. Suas respostas e não-respostas de continuar fazendo o que fazia, ou seja, pensando e interpretando o mundo a seu modo, permanecerão, mas nunca como uma espécie manifesta de subversão. Bem ao contrário, como diz Barthes, "que a persistência não passe por teimosia" (2003, p. 228). Vamos aos excertos.

A natureza concedeu-me serenidade, e esta tem sido a minha melhor companheira. Munido dessa serenidade, assisto ao desfile das horas, dos dias, dos meses. Tudo passa e eu fico; estou à espera, não posso abandonar o posto. Não é bem resignação diante do destino, como quem sofre calado por considerar a covardia a situação mais incômoda diante de um mundo agressivo. É uma atitude consciente de quem sabe que as causas vão muito além dos homens que as defendem.

Vejam como ele parece ter a resposta. Ou, em outra aproximação tendendo para o Neutro, ele parece não se importar com a resposta. Esse tom marcadamente *blasé* sobre o tempo e o espaço é um indício forte de que há em curso um poderoso controle da mente travestido de serenidade. Esse controle rigoroso do espaço-tempo – "assisto ao desfile das horas, dos dias, dos meses" – é operado no fluxo contínuo das cartas. Sejam quais forem as falas de suas epístolas, seu pressuposto de interlocução já é, em si, resposta ou não resposta, uma indicação de que Betto se autoevangeliza pela fé, sentimento que, por sua essência intransitiva, não pergunta por nada. Só responde.

Por que tenho certeza da ressurreição de Cristo? Não é porque está escrito. É porque tenho uma experiência íntima, pessoal, intraduzível, de relacionamento com ele. Impossível duvidar de algo que se experimenta no coração. É como a experiência do amor. Não é possível defini-la, medi-la, não se pode apalpá-la, vê-la, mas há a certeza do amor. É algo que mexe com todo o nosso ser e a nossa vida.

Temos aí a maneira vivida, experimentada por ele na resposta por uma escolha consciente que fez quando da pergunta. Voltemos por um instante a Barthes para recolher com satisfação seu modo de enxergar a pergunta (2003, p. 222):

Ora, o que quero indicar é que há sempre um terrorismo na pergunta; em toda pergunta está implicado um poder. A pergunta denega o direito de não saber, ou o direito ao desejo incerto. Em certos indivíduos – entre os quais me incluo – toda pergunta põe em ação algum pânico; principalmente se a pergunta é ou pretende ser precisa. A precisão como poder, intimidação é o grande truque do poder da ciência.

Há perguntas, evidentemente, mas reparem como soam despontadas de uma quase impertinente poesia de tom acentuadamente irrespondível:

Quantos anos viverei ainda sem ver o céu brilhando de estrelas e sentir a brisa do mar em meu corpo? Quanto tempo ainda fechado num quarto que é cozinha que é banheiro

*que é escritório que é oficina que é copa que é sala de ginástica que é templo, sem lá fora, sem poder ir e vir, vendo a liberdade física terminar numa pesada porta de placas de ferro e barras roliças, que jamais se abre senão pela vontade alheia? Quanto tempo transformado em folha de processo, entre tantos outros, em mãos de quem julga o réu desprovido de tempo e de espaço, reduzido a uma pena que soa como um número abstrato?*⁴⁹

Mas a chave de um possível entendimento da complexidade desse personagem silenciado é pela via da simplicidade das deixas produzidas como testamento particular de não-respostas paradoxalmente dadas como não-perguntas de si para si mesmo, em suas cartas.

*Não sei quanto tempo ainda ficaremos no cárcere. Aliás, quem sabe algo sobre o futuro imediato? Vivemos num tempo de incertezas, mas não creio que se necessita de muitas certezas quando se possui apenas uma: a de que a cruz é o caminho da vitória*⁵⁰.

2.3.13. OS RITOS

“Apenas um momento passado? Muito mais, talvez: alguma coisa que, comum ao passado e ao presente, é mais essencial do que ambos”

(Marcel Proust, em O tempo redescoberto.)

A vida no cárcere exige e propicia a criação de pequenos ritos. Os ritos são espécies de cerimoniais, podendo estar em liturgias sagradas ou mesmo em pequenas ações e procedimentos sem cunho místico. Há uma interessante significação indicada na maior parte dos grandes dicionários que define o rito como o conjunto de práticas realizadas em cerimônias cujo objetivo é assegurar certo controle sobre as forças no sentido de uma ação determinada.

Roland Barthes divide os sentidos neutros da figura do rito entre públicos e privados. Para ele há uma ordem política, fixa, imutável, não revolucionária, hierárquica nos ritos públicos, que vão desde os religiosos até os burocráticos. Entre os ritos privados, há aqueles mais formais que têm maiores virtudes pacificadoras, como a

⁴⁹ Quarta-feira, 10 de novembro de 1971 (p.112)

⁵⁰ Sábado, 9 de novembro de 1972, carta à família (p. 193)

oração, e outros que, de certo modo, introduzem a liberdade, como o ritual secreto, íntimo, do escritor para escrever um livro ou as manias pouco convencionais dos músicos e outros artistas para entrarem em conexão com o universo mágico, como um modo de evocar a inspiração ou os espíritos.

Dessas visões muitas vezes profundas ou banais ergue-se um olhar sobre o dia a dia do homem em sua cela. Eis o espaço-tempo em sua conotação mais explícita da solidão: o estar-se diante do aqui e do agora, assentado em um bloco de pedra, enjaulado. O ritual de sacrifício, nesse caso, aproxima-se de um ritual de elevação e cura pela via do apaziguamento, pela importância de sua autoconsciência:

Várias vezes o evangelho nos mostra Jesus, que vivia entre o povo, afastar-se e buscar a solidão para rezar. Apesar de todo o valor da oração litúrgica e comunitária, o momento de deserto permanece indispensável. Me pergunto se, de certa maneira, a obrigatoriedade do breviário e do ofício não mataram a vida de oração de padres e religiosos... Não tinham tempo para encontrar Deus no silêncio. Da oração individual faziam um rosário de petições. Assim, muitos não descobriram a oração como encantamento nem ultrapassaram aquele limite em que a pessoa deixa de rezar para ser transfigurada pela oração⁵¹.

Percebamos como o rito funciona como uma forma de driblar o espírito quando este se aproxima da loucura, como uma forma de inocular no paciente uma espécie de antídoto mais que humano, feito de repetição de gestos e atitudes pelo vírus mesmo da sua repetição e/ou de sua representação em doses controladas.

Chove; procuramos aproveitar as goteiras do teto para nos refrescar. Mas o calor continua saárico. Dia e noite os presos gritam “água, água!, mas a nossa voz ressoa em vão pelos lúgubres corredores dessa prisão. Vê-se o quanto é fácil ao homem deixar de ser racional para ser simplesmente animal. De vez em quando, consegue-se uma vasilha de água barrenta, tirada não sei de onde, que fervemos para beber. Em cada gole, desmoronam-se os nossos hábitos burgueses. Hábitos, aliás, bastante solapados por esses 14 meses de prisão⁵².

Barthes cita ainda a função do rito também no momento catastrófico do luto. Esse é mais suportável do que o que se seguirá mais tarde, pois a cerimônia coletiva fúnebre age como um tipo de “verniz que protege, isola a pele das queimaduras atroz de luto”

⁵¹ Terça-feira, 21 de novembro de 1971, carta às irmãs E. e H. (p. 198)

⁵² Domingo, 31 de janeiro de 1971, carta a Valéria (p. 85)

(2003, p. 256). Segundo Barthes, “na vida é preciso um pouco do simbólico; o bom uso da obsessividade.” (2003, p. 256).

Cercado de ritos elevados ou de manias cotidianas, cada um com seu efeito moral específico, Betto talvez não saiba, mas um seu rito se mostrava cada vez mais um rito de passagem. Em sua última carta no cárcere, nas considerações que tece sobre a pintura que o companheiro de presídio Moacir Pedroso fez dele ao longo dos meses em que dividiram as mesmas angústias e incertezas, o rito de passagem a que nos referimos surge expresso ali, sua escritura.

Ele escreve. Sabe que seus braços, longos e finos, não podem torcer as barras de ferro, nem derrubar as paredes que parecem reduzir sua liberdade às dimensões do corpo. Mas nada pode tolher ou mutilar seu pensamento, apagar sua consciência, extirpar sua alma⁵³.

2.3.14. O CONFLITO

“E quanto ao erro mais frequente dos nossos sonhos, que consiste em nos representarem diferentes objetos da mesma maneira da que o fazem os nossos sentidos exteriores, não importa que isso nos dê a ocasião de desconfiar da verdade de tais ideias, porque estas, frequentes vezes, podem enganar-nos mesmo quando não estejamos dormindo, da mesma maneira pela qual os doentes de icterícia enxergam tudo amarelo ou porque os astros ou outros corpos muito afastados parecem-nos menores do que são.”

(René Descartes, em *Discurso sobre o método*)

Poderíamos diagnosticar diversos tipos e níveis de conflito em *Cartas da prisão*. Daí a riqueza de seus conteúdos, pois “que tudo no universo, no mundo, na sociedade, no sujeito, na realidade está submetido à forma do conflito” (2003, p. 259), introduziu Barthes. As cartas foram dadas. Vê-se que o embate pela palavra estava em todas elas e que o desafio maior era a sujeição ao triunfo absoluto do silêncio a que tudo poderia se

⁵³ Terça-feira, 25 de setembro de 1973, carta à família (p. 252)

reduzir. É a eliminação final, ou como prefere Barthes, “a ferida narcísica mortal” da civilização ocidental que tem a tradição de nem questionar se o mundo é conflituoso, mas antes, “fazer do conflito uma natureza, um valor (ou sempre a mesma recusa: fazer da natureza um valor)” (2003, p. 260).

Sobre essa questão, debruça-se compulsoriamente o frade dominicano enclausurado:

Aos 26 anos, sinto volatizarem-se todos os meus sonhos e ilusões da adolescência. E descubro-me jovem e realista diante do futuro. A fé nos descortina o imprevisível. Como imprevisível é tudo o que nos realiza – o amor, por exemplo. Ou tudo isso que leva uma pessoa a possuir a si mesma: a pobreza, a prisão, a agonia, a luta, a esperança em um futuro que, como uma rosa, brota de mãos que agora se agarram a um caule cheio de espinhos.

A crueldade da prisão leva-nos a desejar ser bons, sem cumplicidade com o mal. Despedimos da velha roupagem social, arrebenta o invólucro colorido que outrora nos encobria a consciência⁵⁴.

Nos diversos conflitos identificáveis no trecho acima (adolescente x adulto, futuro x prisão, sociedade x alienação, mal x bem, etc.) não se percebe a verve gladiatória presente na natureza dos conflitos. A fé arrefece a virulência dos debates ou seu grau de antagonismos. A fé ilumina os conflitos existentes com a luz da aprendizagem, com a força apaziguadora e complacente dos “bons”. Estamos, portanto, com os conflitos todos esgotados pelo braço paciente do entendimento, da negociação, certo? Errado. A indignação está o tempo todo em curso. A capacidade de indignar-se é medida pela intensa mediação dos conflitos.

Para Frei Betto, o conflito é a base de seu discurso, pois que, do ponto de vista de sua expressão (das poucas formas que possui, pela escritura, de afirmar a si sua existência), é o sinal mais claro que pode produzir de que está vivo e consciente. O conflito é, portanto, sua ressignificação constante, sua forma de se religar ao mundo do visível, em vista da conexão que já tem com o universo espiritual pela religiosidade. Dizendo de outro modo, o conflito é seu corpo interior em choque com o corpo do outro, o corpo exterior, para usar duas imagens essenciais da representação da ação no

⁵⁴ Terça-feira, 2 de fevereiro de 1971, carta a Aída, (p. 86)

discurso desenvolvidas por Bakhtin⁵⁵. O movimento produzido pela articulação consciente de seu corpo interior e a figura do outro (corpo exterior) que, no caso da formação do autor, encontra eco internamente também, estrutura o conflito e constitui a base de seu discurso em processo. Bakhtin nos explica melhor como se opera esse jogo (2006, pp. 48-49):

Em todas as concepções ético-religioso-estéticas do corpo historicamente significativas, desenvolvidas e acabadas, ele costuma ser diferenciado e não generalizado, mas neste caso predomina inevitavelmente ora o corpo interior, ora o exterior, ora o ponto de vista objetivo, ora o subjetivo, ora na base da experiência viva, de onde brota a ideia de homem, está o autovivenciamento, ora no vivenciamento do outro; no primeiro caso é fundamental a categoria axiológica de eu, a qual subpõe também o outro, no segundo, a categoria de outro, que também me abrange. Em um caso, o processo de construção da ideia de homem (homem como valor) pode exprimir-se assim: homem sou eu, na forma como eu me vivencio a mim mesmo; os outros são iguais a mim. No segundo caso, assim: o homem são os outros a meu redor, na forma como eu os vivencio; eu sou igual aos outros.

Vê-se o personagem nascendo em Betto no homem Betto que agora é também o narrador de sua própria história que coincide com a história dos outros e é contada a partir da consciência que passa a operar aos poucos em sua visão:

Agora o governo militar decidiu cassar também meus direitos de prisioneiro político. Sou “contado entre os criminosos” e convivo num pavilhão que tem de tudo: homens condenados por homicídio, estupro, latrocínio, assalto, tráfico de drogas etc. São meus companheiros de viagem a bordo desse paradoxo⁵⁶.

Ao gritar por escrito contra os paradoxos institucionais, Betto encara a construção estetizante por vias muito pouco canônicas. Suas cartas representam uma voz sufocada em vias de extinção levantada contra as instituições que entre ele e a visão que tem do outro se interpõem. Daí não haver uma determinação clara de que haja um autor, um narrador e um personagem em processo, senão a partir da leitura de seu conjunto.

⁵⁵ BAKHTIN Mikhail, *Estética da Criação Verbal*, São Paulo, Martins Fontes, 2006 (p. 44)

⁵⁶ Quinta-feira, 24 de agosto de 1972, carta a Cláudia e Cipriano

Soubemos que o juiz-auditor não quis se pronunciar sobre o nosso pedido de liberdade condicional; remeteu-o ao Conselho Penitenciário Federal, em Brasília. Garanto que é a primeira vez que esse conselho é instado a manifestar-se sobre presos políticos. Apesar de nos acusarem de crimes políticos e nos enquadrarem na Lei de Segurança Nacional, querem agora nos tratar como presos comuns. Apesar de nos tratarem como presos comuns, não nos permitem recorrer ao tribunal civil nem para fazer uso do habeas corpus. Quem entende?⁵⁷

É Todorov (2011, p. 127) quem pode nos apontar um primeiro caminho para uma aproximação do tema em seu ensaio "Os homens-narrativas", em que recorta do célebre artigo de Henry James, "The Art of Fiction", uma importante ligação entre os constituintes de uma narrativa:

Que é uma personagem senão um determinante da ação? Que é a ação senão a ilustração da personagem? O que é um quadro ou um romance que não seja uma descrição de caracteres? Que outra coisa neles procuramos, nele encontramos?

Socorre-nos agora, premidos pela figura do homem no estágio limite do cárcere, a imagem do personagem símbolo da derrelição, Ivan Ilitch, muito bem demarcada por Bakhtin: "O conceito de homem e a imagem do homem em Tolstói – Caim é mortal e eu também (Ivan Ilitch). O conceito de homem e o homem vivo sob a forma do eu." Frei Betto é um homem em busca da sobrevivência do corpo pelas vias da alma, personagem de si mesmo.

A Igreja Católica infelizmente não tem esse hábito evangélico. Os presos permanecem esquecidos pelos católicos, enquanto os protestantes prestam-lhes um serviço admirável. Em matéria de pastoral carcerária, somos uma lástima. Só sei de um sacerdote que se dedica de corpo e alma aos prisioneiros, o padre Ismael, capelão da Penitenciária do Estado, em São Paulo. Jamais o vi, mas o bom pastor se conhece por suas ovelhas.⁵⁸

⁵⁷ Segunda-feira, 18 de dezembro de 1972, carta à família (p. 205)

⁵⁸ Segunda-feira, 28 de agosto de 1971, carta ao Frei José Renato e confrades (p.171)

2.3.15. A OSCILAÇÃO

Não seria melhor dar à morte o lugar na realidade em nossos pensamentos que lhe pertence, e dar um pouco mais de destaque àquela inconsciente atitude para com a morte que até aqui temos suprimido com tanto cuidado?

(Sigmund Freud, em “*Thoughts for Times on War and Death*”, 1915)

Chegamos aqui à ameaça mais real e, paradoxalmente, à única certeza que temos a respeito de nós mesmos, a morte. Barthes lembra Kafka nas aproximações que faz do sentido do Neutro na oscilação: “Nada tenho de definitivo (2003, p. 271)”. Essa consciência da finitude do ser, da assunção do que em nós é movediço e do que não é, daquele que oscila entre a dádiva da vida e a sombra morte, apesar de não abalar em nada sua fé, possui inúmeras formas de engajamento em Frei Betto (a aulas, o artesanato, a ioga, a culinária), mas todas elas sucumbem à escritura como imagem da redenção em sua luta contra a imobilidade. Reparemos a seguir como a imagem da morte é construída.

De minha parte, sinto algo crescer dentro de mim, como se eu saísse da neblina pra ver tudo claro: o que eu quero, como, de que sou capaz, a que estou disposto. Cheguei a um ponto do qual é impossível regressar. Qualquer recuo significa traição ou suicídio⁵⁹.

Para onde irei ao sair? Que caminho seguirei? O de Roma ou o de Jerusalém? A partir do momento em que se conclui que a nossa vida já não nos pertence, não vejo alternativa, senão o caminho de Jerusalém⁶⁰.

Se a Fiat falir, provavelmente o senhor Agnelli irá ao desespero, mas, para nós, morrer é lucro. Só é perda para quem vive para si e de ações que oscilam na Bolsa de Valores. Ora, a morte é inexorável, tudo morre um dia: o Partido Democrata Cristão, a Rolls Royce, a dinastia soviética, o automóvel Renault, o subdesenvolvimento africano, a 20th Century Fox, os ditadores latino-americanos, os filhos, os netos e os bisnetos de Mr. Nixon e todo aqueles que têm medo de morrer.

Ninguém pode matar o homem que já não se apega à sua vida e, portanto, não pode mais perdê-la. Este vive do amor, imortal e eterno⁶¹.

⁵⁹ Sábado, 16 de maio de 1970, carta a Christina (p. 47)

⁶⁰ Quarta-feira, 10 de fevereiro de 1971, carta a Cecília e Dotte (p. 88)

⁶¹ Quarta-feira, 18 de abril de 1992, carta à irmã Ruth (p. 226)

Percebemos o ser em constante embate, por vezes entregando-se com coragem à ideia do sacrifício, noutras recusando-se a tê-la como alternativa. A morte aparece também em contextos ainda mais dramáticos, não apenas como uma abstração conceitual, mas ocupando importante espaço na construção involuntária de seu eu-personagem.

Não tenho fome. Bebo água pura, continuamente. Vieram oferecer café; recusamos. Estamos dispostos a vencer ou morrer. Nunca encarei a morte com tanta tranquilidade, como quem aguarda um passeio na eternidade. Sei que não nos deixarão morrer – não há condições políticas de “pagarem para ver”. Seria um preço muito alto, sobretudo devido à repercussão no exterior⁶².

Toda condenação, mesmo que não seja sumária, possui similaridades com a morte (impossibilidade de acesso ao mundo, restrição de movimentos, isolamento, sofrimento, silenciamento compulsório). Os anos de reclusão (sem julgamento e condenação) de Frei Betto em muito se assemelham à ideia de oscilação entre mundos.

Nesses últimos anos me familiarizei com a morte. De várias maneiras está próxima de mim. Durante este ano, passei 39 dias meditando sobre ela; descobri que já não me assusta. Assusta quando não estamos preparados para enfrentá-la. Se reconhecermos que o amor é uma necessidade ilimitada, e que somos limitados para amar, então é perfeitamente aceitável que haja um momento de supressão de todos os nossos limites⁶³.

Sua fé, inarredável companheira é tudo o que não oscila. No mais, vida e morte, céu e inferno, no que parece ocupar seus ritos, a escrita das próprias cartas, vão tendo contornos indistintos, conforme o destinatário, criando uma interessante teia de eu-narradores, com variações de humor, intimidade e confissão em que percebemos a clara redenção no desenho firme que faz, apesar de tudo, de sua situação:

O mais terrível atributo da solidão é a morte. Se permanecemos fechados em nós, somos sufocados pelo silêncio opressivo e humilhados pela impossibilidade de abordar o outro. Tentamos escapar pela imaginação, mas a imaginação nos aterroriza e, pouco a pouco, consome nossas resistências. Neste caso, a solidão é completa ausência, impotência, privação. É o inferno: o sofrimento de não poder mais amar. Somos então levados ao suicídio. Há várias formas de suicídio, e a pior nem sempre é a que faz cessar a vida como fenômeno biológico.

⁶² Sábado, 13 de maio, dia da libertação dos escravos brasileiros, carta à família (p. 129)

⁶³ Sexta-feira, 20 de outubro de 1972, carta a Christina (p. 188)

Em um recente programa da TV Globo, "Linha Direta"⁶⁴, que contou os episódios que envolveram a morte de Frei Tito, Frei Betto, em entrevista, cita Dom Paulo Evaristo Arns, que em 1984 disse na missa com os restos mortais do frade dominicano: "Tito não se matou, ele buscou do outro lado da vida a unidade que havia perdido deste lado".

A busca pela unidade em Betto pode ser enxergada atomizada em cada uma de suas cartas e, em seu conjunto, sem medo das inevitáveis oscilações. Estas ocorrem em meio às assimetrias naturais à criação de toda obra. O que nos remete a um pensamento de Ilya Prigogine (1978, p. 32) sobre o que teria motivado as esculturas mais antigas ou as primeiras inscrições rupestres:

Nada sabemos a seu respeito e, no entanto, parece-me que a obra de arte é a inscrição de nossa simetria desfeita (uma assimetria muito acentuada, porque vivemos muito intensamente no tempo) na matéria, na pedra.

2.3.16. O RETIRAR-SE

"Como suportar, como salvar o visível, senão fazendo dele a linguagem da ausência, do invisível."

(Rainer Maria Rilke, em *O Cego*)

O ato de retirar-se faz parte dos ritos de quase todas as organizações religiosas. Essa separação, esse apartamento da vida em público, ao contrário da prisão, dá-se voluntariamente. Que imagens poderíamos apreender dessa figura para encaminhar sequencialmente a análise até aqui empreendida? Barthes ilustra os gestos do isolamento em diversos níveis de sentido, apoiado nas memórias de Rousseau (2003, p. 283) desde a "fantasia insular" da criança à ideia de abolição do tempo, no adulto, como um sonho de eternidade.

Um terceiro sentido apontado por Barthes, com base no mito que ele próprio cria de "retirada proustiana", mais nos aproxima do sentido que Frei Betto dá a suas greves de fome. Trata-se do esquema Castex-Surer, criado por ele – que se declara fascinado

⁶⁴ <http://www.youtube.com/watch?v=AwkPZpPgb9g>

pelo autor de *Em busca do tempo perdido* – para distinguir a fase mundana de Proust da fase chamada por ele de “retiro fecundo”, literária, iniciada depois da morte de sua mãe e de suas famosas crises de asma. Quando Barthes pensa em um “modo novo de formular a relação entre a vida e a obra” (2003, p. 293) do autor francês e recorta o efeito de mudança visível em sua trajetória a partir de seu isolamento, relacionamos ao que a experiência limite da fome e da iminência da morte causaram em Frei Betto quando da sua disposição pela escritura. Não teria sido por acaso, portanto, que a partir da recuperação da primeira greve de fome ele tenha se tornado roteirista dos espetáculos teatrais dos presos.

Sexto dia sem comer nada, só tomo água. Ainda dá para fazer uma boa caminhada. Parece até que perdi a fome. Assim vivem os famintos da terra? Quanto tempo sobrevive um homem ingerindo apenas água? [...] Sinto-me muito bem hoje. A dor de cabeça e a ânsia de vômito desapareceram. Li o dia todo o livro dos Macabeus. Vai dar para aguentar um bom tempo. O que me impressiona são os recursos do organismo humano. Seis dias sem comer, só tomando água pura, e ainda consigo andar, pensar, escrever⁶⁵.

Vejamos como as alucinações provocadas pela fome, mesmo que sob controle de médicos (temerosos da repercussão negativa de uma eventual morte. O estado dos presos políticos brasileiros só viria a atingir repercussão internacional com o suicídio de Frei Tito em 1974, exilado em um mosteiro de Lyon, França), sempre se relacionam em sua fala com a leitura, a reflexão, a escritura:

Na primeira semana, tomamos só água pura, recusamos qualquer medicamento. Pelo oitavo dia começaram os problemas: perda acelerada de peso, fraqueza excessiva, princípio de acidose, má circulação sanguínea, etc. Então os médicos entraram em campo – no início, davam-nos água com alguns sais (o mesmo dado a crianças com desidratação); depois, passamos ao soro de glicose e plasma. Hoje é o 19º. dia. Entrou um novo medicamento, por via oral; parece leite de magnésia. Apesar de tudo, ainda encontro forças para ler e escrever.⁶⁶

Miticamente, segundo Barthes, “é a divisão que constitui a retirada; no caso: dia e noite” (2003, p.293). A piora no estado de saúde do frade estabelece uma mudança

⁶⁵ Quarta-feira 17 de maio de 1972, carta à família (p.133)

⁶⁶ Segunda-feira, 26 de junho de 1972, carta à família (p. 146)

visível em seu tom, em sua fala, em sua narrativa não apenas durante os processos de greve de fome, mas sobretudo após a saída dali para a vida:

Estou bem, graças ao soro, embora bastante magro. Não pensem que qualquer atitude por parte de vocês poderá apressar a solução – a Igreja faz o que pode, a ponto de o núncio vir nos visitar. É tudo uma questão de tempo. Estou tranquilo, alegre, certo de que o Senhor é o pastor que nos conduz nessas perigosas veredas.⁶⁷

Se alguém considera que paz é um prato de comida é porque tem visão muito limitada das coisas. Na fome encontro, atualmente, muito mais paz que em outros períodos de abundância⁶⁸.

Sob vários aspectos, esta greve de fome foi muito positiva. Do ponto de vista pessoal, um ótimo retiro, espiritual, intelectual; permitiu-me um profundo reencontro comigo mesmo⁶⁹.

Em sua brilhante aproximação do espaço da morte ao espaço da fala, Maurice Blanchot nos garante que esse movimento de conversão opera onde nos transformamos ao transformar tudo. Segundo ele, essa transformação na direção do que nos é mais interior, de realizar o visível no invisível, é a própria tarefa de morrer. Sua fala é a própria descrição do que vive nosso autor em vias de transformação (2003, p. 152):

O aberto é o poema. O espaço onde tudo retorna ao ser profundo, onde existe passagem infinita entre os dois domínios, onde tudo morre, mas onde a morte é a sábia companheira da vida, onde o pavor é êxtase, onde a celebração se lamenta e a lamentação glorifica, o próprio espaço para o qual “se precipitam todos os mundos como para sua realidade mais próxima e mais verdadeira”, o do maior círculo e da incessante metamorfose, é o espaço do poema, o espaço órfico ao qual o poeta, sem dúvida, não tem acesso, onde só pode penetrar para desaparecer, que só atinge unido à intimidade da dilaceração que faz dele uma boca sem entendimento, tal como faz daquele que entende o peso do silêncio: é a obra, mas a obra como origem.

⁶⁷ Domingo, 2 de julho de 1972, carta à família (p. 147)

⁶⁸ Terça-feira, 4 de julho de 1972, carta à família (p. 149)

⁶⁹ Quarta-feira, 12 de julho de 1972, carta à família (p. 154)

2.3.17. A ARROGÂNCIA

"O caráter de uma pessoa é uma defesa contra o desespero, uma tentativa de evitar a insanidade por causa da verdadeira natureza do mundo."

(Ernest Becker, em *A Negação da Morte*)

Na conclusão da figura anterior, fomos levados a compreender em que o canto de Orfeu se relaciona com a origem. E mais uma vez nos rendemos à força do mito que venceu a morte. Orfeu, como sabemos, ganhou sua lira de Apolo e com ela acalmava as ondas, silenciava as sereias e amansava os animais selvagens. Perdeu sua amada Eurídice, picada por uma cobra, mas a trouxe de volta do inferno ao encantar, com suas canções, os cães que vigiavam os portões. Derrotado de tristeza por ter se voltado à amada em desconformidade com o que havia estabelecido com Hades, o rei dos mortos, Orfeu, viúvo inconsolado, nega-se a olhar para as Mênades que o mataram com dardos e o despedaçaram atirando-o ao rio. As nove musas recolheram seus pedaços, uniram-nos em harmonia, a cabeça gritando por Eurídice, e enterraram no Monte Olimpo para que enfim vivesse a eternidade com sua amada.

A ambiguidade presente na figura desse Orfeu cantor, espargindo-se ao longo de sua vivência, o que representa sua própria morte, é decifrado sob medida para o enigma da origem do escritor em Frei Betto (2003, 154):

Orfeu não é como o anjo, em que a transformação se consuma, que lhe ignora os riscos, mas ignora também seu favor e sua significação. Orfeu é o ato das metamorfoses, não o Orfeu que venceu a morte, mas aquele que morre sempre, que é a exigência do desaparecimento, angústia que se faz canto, fala que é o puro movimento de morrer. Orfeu morre um pouco mais que nós, ele é nós mesmos, portador do saber antecipado de nossa morte, aquele que é a intimidade da dispersão.

Nesse ponto de quase entronamento do herói, introduzimos a figura oportunamente trazida por Barthes, a arrogância. Seria o escritor uma espécie de Deus, diante do qual, perante seu canto tudo, todo o mal se curva? Que tipo de ser divino está na origem do escritor?

Para tratarmos da relativização do conceito de herói presente nas cartas, passemos por alguns trechos que nos fazem pensar nessa interação trágica do narrador com o personagem de si mesmo. Em alguns deles, mesmo inundado da generosidade e do altruísmo que caracteriza a totalidade das cartas, há pontos em que escapa um olhar grandioso para si mesmo:

Autêntica ironia do destino é Tiradentes, protomártir da independência brasileira ter se tornado nome de presídio. Lá do céu ele não deve gostar muito. Bem que o presídio, para comemorar condignamente o seu patrono, podia abrir as portas⁷⁰...

Estou certo de que esta foi a Semana Santa vivida mais intensamente por mim. Colocados em situação semelhante à de Cristo, participamos melhor de seus sofrimentos. Eles se prolongam em nós⁷¹.

Dentro da cela não há rico nem pobre. Todos recebem o mesmo tratamento, têm os mesmos direitos. O que vem de fora para um é de todos. O único desnível é de ordem intelectual. Mesmo assim, procuramos atenuá-lo através de cursos improvisados⁷².

Em outras cartas, certamente em função de sua fé inabalável, temos o homem infenso ao sofrimento, munido de coragem incomum, quase insana, como se manifestasse mais do que superioridade ao sofrimento, uma ponta de desprezo à dor:

Há um saldo positivo em tudo isso. Hoje, sinto-me mais maduro, mais realista, mais experiente. Sei que a prisão me imprime reflexos e hábitos que me acompanharão ao longo da vida. Haverá de conservar alguns, outros ficarão aqui, são próprios da vida de reclusão. Talvez eu não resista à contaminação e adquira velhos hábitos. Algo, porém, pretendo conservar: o gosto pela solidão.⁷³

O jornal chega à noite, costumo lê-lo no dia seguinte. À noite dedico-me aos livros ou a escrever. É bom, faz silêncio absoluto, todavia quase assustador quando penso nos gritos que estão sendo abafados. Sinto paz, uma enorme paz dentro da transformação que venho sofrendo. Não sei descrevê-la, mas acredito-a duradoura. Ninguém com sensibilidade pode ter essa convivência com presidiários e sair o mesmo daqui.⁷⁴

⁷⁰ Terça-feira, 21 de abril de 1970, carta a Léo (p. 36)

⁷¹ Domingo de Páscoa, 3 de maio de 1970, carta à família (p. 40)

⁷² Segunda-feira, 11 de maio de 1970, carta a Ana e Nando, (p. 45)

⁷³ Domingo, 29 de novembro de 1970, carta a Christina (p. 75)

⁷⁴ Segunda-feira, 18 de setembro de 1972, carta a Auxiliadora e Antônio (p. 182)

Nada poético, porém, é o mundo carcerário que, há três anos e meio, tece em nós, com nós e apertos, um novo ser, se não na maneira de viver, pelo menos no modo de encarar a vida e a sociedade. (...) Perdido num momento da história, abandonado pelo próprio pai, nu, sedento e dilacerado por cravos e torturas, aquele homem revelou o significado da vida de todos esses companheiros que, agora, prolongam a paixão, até que venha o momento da ressurreição. Esta virá e nos trará a glória e a imortalidade.⁷⁵

Em meio a essas cartas, que por seus ideais e sua crença exalam uma atmosfera de tamanha humildade e subserviência, é difícil estabelecer pontos de uma possível nódoa de arrogância. Barthes faz um “inventário dos discursos arrogantes” (2003, p. 314) do político ao publicitário, do científico ao religioso e até mesmo da arrogância do filtro que há na memória e no esquecimento. A certa altura, o ex-estruturalista nos pergunta: “A escritura pode ser arrogante?”. Nesse ponto, paramos na fala das cartas lidas e repisadas tantas vezes, buscando o tom de soberba e não percebemos mais do que a busca pelo equilíbrio opinativo, iluminado evidentemente pela fé, pela esperança e pelo amor, presentes em sua doutrina. Mas vamos à resposta que Barthes (2003, p. 333) nos oferece, pleno do sentimento dialético: “A escritura é precisamente o discurso que, sem dúvida, desmonta a arrogância do discurso”.

Instados, porém, pela sugestão dialética barthesiana contra a arrogância no discurso, utilizamo-nos aqui de um pequeno exercício de conceituação para tentar enxergar o herói em construção no sofrimento de nosso personagem e assim ajudar a pensar um pouco mais na trajetória do herói como definidora da trajetória do escritor.

Se o herói for definido como aquele destinado à vitória, como Ulisses, Betto não é herói. Se o herói for aquele marcado em seu destino pela sombra da derrocada, como Édipo, Betto tampouco será herói. Se definirmos o herói como um ser capaz de carregar em si os anseios de uma coletividade, poderíamos começar a pensar em sua heroicização. Acontece que esse herói teria, também por definição, que encarnar algo acima do homem comum. Nesse caso, podemos afirmar, com certeza, Betto não é herói em hipótese alguma.

Em resumo, notemos a definição de Flávio Kothe (1985, p. 15) sobre as possibilidades de manifestação heroica na constatação de nosso pensamento:

⁷⁵ Quarta-feira, 18 de abril de 1973, carta à irmã Maria Tereza (p. 228)

O herói épico é o sonho de o homem fazer a sua própria história; o herói trágico é a verdade do destino humano; o herói trivial é a legitimação do poder vigente; o pícaro é a filosofia da sobrevivência feita gente.

Nem épico, nem trágico, nem trivial, muito menos pícaro. Betto é um homem entre os homens, à procura de uma resposta para a manifestação mais que humana em si do que ele acredita. Fiquemos com uma fala de sua mentora espiritual, Teresa D'ávila (2013, p.255):

Está o Rei em seu palácio; ainda que haja muitas guerras em seu reino, bem como inúmeras coisas penosas, nem por isso deixa de estar em seu posto. O mesmo ocorre aqui. Conquanto nas outras moradas haja muita confusão e feras peçonhentas, e embora se ouça o ruído, ninguém, tendo entrado nesta última, é afastado daí pelo que quer que seja. Os rumores escutados podem encher a alma de compaixão, mas não a ponto de alvoroçá-la e lhe tirarem a paz. Isso porque as paixões já estão vencidas e não ousam entrar nesta morada, sabendo que sairão ainda mais humilhadas se o fizerem.

Dói-nos todo o corpo; mas, se está sã, a cabeça não doerá por doer o corpo. Estou rindo comigo mesma das comparações que formulei. Elas não me contentam, mas não sei outras. Pensai o que quiserdes; mas é verdade o que eu disse.

2.3.18. O PANORAMA

*“...Estou iluminado
por dentro, no passado,
no futuro mais longínquo
e meu presente é não estar no tempo
e alçar-me de toda contingência...”*

(Carlos Drummond de Andrade, em *Adeus ao Colégio*)

Em seu *Roland Barthes por Roland Barthes*, o autor define o panorama como “um objeto ao mesmo tempo intelectual e feliz: liberta o corpo no exato momento em que lhe dá a ilusão de ‘compreender’ o campo de seu olhar”. Dentro da visão do Neutro como definido por ele, “no sentido de ser uma posição que burla os paradigmas e de comportar um poder de paz”, ganhamos acepções muito caras a nosso estudo, como as

de abolição do tempo e do sofrimento. O panorama libertando o tempo contraído pelo sonho e o sofrimento sendo libertado pela calma alciônica.

Na pena prisional, o tempo é a representação do sofrimento, pois a reclusão significa um corte abrupto em toda possibilidade de convívio pelo período determinado na própria pena. Nesse sentido, a concepção de espaço se aproxima do ideal de tempo, pelo mesmo raciocínio, pois são conceitos abstratos ali intimamente unidos pela pena. As considerações acerca do tempo e do espaço incidem sobre seu discurso de formas muito variadas, mas sempre transfigurando-o:

A missa foi simples, como são simples as coisas de Deus e da vida no cárcere. Mas a intensidade aqui é muito maior que todas as celebrações de que participei aí fora. A presença de Cristo torna-se mais próxima. Recorda as catacumbas. Padre Heitor chorou, encontrou aqui algo semelhante ao que viu no Oriente. Como é muito mais significativa a missa que tem por cálice um copo; por altar, um banco de tábua; por templo, uma cela apertada; por fiéis, prisioneiros! Fomos nós que, no decorrer dos séculos, complicamos as coisas.⁷⁶

Notemos a dimensão simbólica que a missa assume no contexto carcerário. Se analisarmos esse efeito a partir do conceito básico de cronótopo, desenvolvido por Bakhtin (2008, p.28), segundo o qual temos “a interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura”, notamos a transformação da experiência na prisão para o narrador. Mesmo em contextualizações mais prosaicas, há que se perceber como toda condição adversa muda a percepção que se tem da passagem do tempo e o sentimento do espaço, noções que se tornam indissolúveis como nos dois exemplos a seguir.

Aqui tivemos cinco dias de absoluta falta de água. Foi preciso os presos comuns, que trabalham na faxina, ficarem o dia todo arrastando latas para suprir nossa necessidade. A cela ficou repleta de vasilhas, nosso tanque de reserva. O pior foi coincidir o calor, quando então um banho se torna mais premente. Após cinco dias descobriram o registro fechado.⁷⁷

Percebe-se uma alteração da contagem na percepção temporal como se o autor estivesse em um transe que não mais lhe permitisse contato cronológico com o real.

⁷⁶ Quarta-feira, 3 de março de 1971, carta à família (p. 90)

⁷⁷ Quinta-feira, 11 de maio de 1972, carta à família (p. 127)

Apesar de serem manifestação voluntária de lucidez e autocontrole – indício de resistência –, as cartas deixam escapar uma ou outra vez o que Anatol Rosenfeld (1976, p. 26) compreende como “horizonte de possibilidades”.

Sabemos que o homem não vive apenas ‘no’ tempo, mas que é tempo, tempo não cronológico. A nossa consciência não passa por uma sucessão de momentos neutros, como o ponteiro de um relógio, mas cada momento contém todos os momentos anteriores. Não poderíamos ouvir uma sinfonia ou melodia como uma totalidade coerente e significativa se os sons anteriores não se integrassem, continuamente, num padrão total, que por sua vez nos impõe certas expectativas e tensões dirigidas para o futuro musical. Em cada instante, a nossa consciência é uma totalidade que engloba, como atualidade presente, o passado e, além disso, o futuro, como horizonte de possibilidade e expectativas.

No exemplo abaixo fica visível o papel das cartas como dispositivo de apaziguamento do torpor causado pelo sofrimento, por meio do esforço de entendimento dos sentidos do tempo:

Certas experiências de vida parecem neutralizar a nossa sensibilidade. No início da prisão, não conseguíamos dormir quando a noite era povoada pelos gritos daqueles que sentiam na carne as mesmas dores que Jesus experimentou na Sexta-feira Santa. Com o tempo, acostumamo-nos a não ter medo do sofrimento, como a enfermeira do leprosário se acostuma a não ter repugnância dos pacientes e aprende a amá-los.⁷⁸

A compreensão do “campo de seu olhar”, para utilizar a feliz expressão de Barthes, manifesta-se no entendimento que se tem do poder de transfigurar a noção de tempo-espaco em que se está. Essa operação de “burlar” o sofrimento, para Frei Betto, só é possível na dimensão ampla que o narrador das cartas estabelece e enxerga dos diversos significados da prisão.

Impossível dizer numa carta o que significam esses quatro anos de prisão. Sentimos na carne o quanto a perseguição por causa da justiça é, de fato, uma bem-aventurança.⁷⁹

Dentro dessas quatro paredes, todavia, minha vida e meu mundo são extraordinários. A solidão me faz bem, muito bem. A vida religiosa ensinou-me a gostar dela, a prisão habituou-me a ela⁸⁰.

⁷⁸ Quarta-feira, 21 de março de 1973, carta a Márcia (p. 216)

⁷⁹ Quarta-feira, 21 de março de 1973, carta à Irmã Ruth (p. 222)

Sua fé, que em princípio nos pareceu ser um dispositivo de sobrevivência, vai aos poucos revelando, no discurso escrito, uma espécie de êxtase que, a despeito de sua situação-limite, impede o surgimento do trágico em sua narrativa.

Uma interessante passagem de "A condição humana", artigo em que Auerbach (2011, p.275) descreve alguns ensaios de Montaigne, nos quais o francês trata de representar a si próprio, traz um retrato muito aproximado do que ocorre a nosso personagem:

Foi dito frequentemente que a Idade Média não conheceu a tragédia; talvez fosse mais exato dizer que, na Idade Média, toda tragicidade está encerrada na tragédia de Cristo. Mas agora ela irrompe como a coisa mais pessoal do indivíduo; e ainda, comparada com a da Antiguidade, muito menos represada por conceitos tradicionais referentes a limites do destino, da terra, das forças naturais, das formas políticas e da essência interna do homem. Já dissemos que, na obra de Montaigne, ainda não se encontra a tragédia; ele a afasta de si; demasiado pouco patético, demasiado irônico, demasiado cômodo, tomando-se esta palavra num sentido digno; ele se considera, apesar de toda intromissão na própria insegurança, demasiado calmamente. Não experimentarei decidir se isso é uma fraqueza ou uma força; de qualquer forma, este peculiar equilíbrio do seu ser impede que o trágico, cuja impossibilidade é conferida ao homem no seu quadro, chegue a se exprimir já na sua obra.

Barthes também tem, no panorama, a figuração da memória soberana, uma visão, sem dúvida, bastante cristã, de “um tempo que retoma toda a vida e a julga” (2003, p. 343). Apesar de esta visão estar ligada a uma imagem de morte, percebemos que Frei Betto inverte o limite proposto pela prisão e o redimensiona no tempo, pela força transformadora de sua narrativa pessoal.

2.3.19. O ANDRÓGINO

Aprendo a ver. Sim, estou no começo. Ainda vai mal. Mas quero dedicar a isto meu tempo.

(Rainer Maria Rilke, em *Cartas sobre Cézanne*)

⁸⁰ Domingo, 12 de agosto de 1973, carta a Cláudio (p. 247)

Roland Barthes elege sua última figura como a ideal para tratar do Neutro gramatical, o gênero neutro, “nem masculino nem feminino, e verbos nem ativos nem passivos, ou ação se, objeto: caminhar, morrer” (2003, p.19). O que aqui é semanticamente remetido ao inanimado traz-nos um olhar para a língua voltada para o indizível no discurso, especificamente de uma terceira resultante das faces opostas do discurso, solucionada por essa alternativa de significado a que podemos chamar Neutro.

Temos, portanto, que as diversas dicotomias apresentadas ao longo do feixe epistolar em questão, como o revolucionário e o burguês, o engajamento e a alienação, o opressor e o oprimido, etc., são sempre apontadas para um terreno, um território de entendimento “neutro” que as decifra ou, no mínimo, amplia o ferramental para sua exegese.

Da polarização inevitável de gêneros, homem e mulher, recortamos algumas falas que exaltam quase como um Neutro, a criança. A grafia de Betto nas poucas cartas ou trechos dirigidos ou referidos a familiares crianças revelam em sua doçura a patente crença no futuro que o homem não abandona. As cartas escritas às crianças da família contêm uma graça e um frescor que poderão nos apontar algumas importante respostas sobre a dualidade absurdo-sobrevivência, quando da conclusão do presente trabalho. Tomemos essas notações infantis:

Tunico,

Gostei muito de sua carta, do desenho que fez do cometa, dos ovos de Páscoa. [...] Não tive, como você, a oportunidade de ver o cometa. [...] Um dia o cometa voltará e vamos vê-lo juntos. Agora passou rápido, Deus mandou-o só dar uma olhada para ver como estamos. O cometa veio de madrugada, quando todos estavam deitados, e fiscalizou a Terra. Não viu guerra nem fome nem desastre nem briga, nada que há de ruim, porque todos dormiam quietinhos. Viu apenas os olhos das crianças que acordaram de noite para olhá-lo. E os olhos das crianças estavam cheios de luz e alegria. Aí o cometa foi girando, girando, passou pelos Estados Unidos, pelo México, pelo Brasil, pela Europa, pelo Japão (viu os olhinhos apertados dos japonesinhos), e depois voltou para junto de Deus. E ao chegar no céu não encontrou Deus. Soube que Deus havia ido morar no coração das crianças e dos pobres. Então o cometa mandou um recado a Deus, dizendo que tudo na Terra estava bem, todos se comportavam direitinho. Deus ficou satisfeito e disse ao cometa que ele podia descansar até o outro ano, quando voltaria à Terra. Aproveitando as férias, o cometa foi passear em Marte.

Feliz Páscoa para você. O menino Jesus mora em seu coração. Um abração de tamanduá.⁸¹

A carta desenha um mundo ideal à criança, imaginado evidentemente como uma forma de proteção, carinho e até mesmo de doutrina espiritual, mas deixa entrever em seu bojo uma imensa vontade de que o que diz fosse mesmo verdade. Ele escreve a carta como se dissesse tudo a si mesmo, como uma ode irônica ou um canto desesperado sobre sua crença no mundo e nas pessoas.

Querida Juliana,

No dia em que você nasceu houve uma reunião no céu. O Senhor convocou os anjos para escolher aquele que deveria acompanhá-la ao longo da vida. Os anjos compareceram em grande número. Embora quase todos tivessem ocupação definida, nada impedia que qualquer um fosse substituído em sua tarefa, desde que houvesse uma justificativa convincente. [...]

O Senhor anunciou que uma menina nascera cercada de amor e que a ela seriam concedidos muitos dons – restava destacar um anjo capaz de cultivar, com carinho, toda a beleza e bondade depositados no coração da menina. [...]

Já não suporto mais – disse o anjo da paz – [...] Estou cansado, Senhor, e peço demissão. Quero levar paz à Juliana.[...]

Minha tarefa é cada vez mais árdua - disse o anjo da liberdade – [...] Por isso, também peço demissão, até que os próprios homens possam encontrar o caminho da liberdade. Quero levar liberdade à Juliana. [...]

La dar por encerrada a sessão quando um anjo muito popular levantou o braço e pediu a palavra. Era o anjo do amor: [...] É preciso que trabalhemos juntos. Ofereço-me também para levar amor à Juliana.

No dia em que você nasceu, Juliana, os três anjos, como os reis magos, apresentaram-se em sua casa. No céu, o Senhor acendeu mais uma estrela.⁸²

A pequena fábula criada por Frei Betto na prisão desencadeia mais do que a interpretação de eventual evangelização. Ela destaca a necessidade de afirmação moral do escritor em busca de um significado urgente para o que enxerga como uma espécie de fragmentação estrutural dos sentidos em nossa sociedade. O seu olhar infantil seria, portanto, uma plataforma de expressão subjetiva de um libelo pessoal, imaginativo, espaço inexistente em todas as outras cartas. A neutralidade desse olhar, protegido no

⁸¹ Quarta-feira, 8 de abril de 1970, carta a Tunico, irmão caçula de Frei Betto (p. 35)

⁸² Quinta-feira 17 de junho de 1971, carta à sobrinha Juliana (pp. 101-103)

universo de seu sentido mais puro, poderia suscitar a indicação da deflagração de um dispositivo de discurso possível: uma válvula que possibilita a liberação de algumas falas interditas ao adulto encarcerado, diante do absurdo.

Passemos agora à última carta escrita por Betto na prisão:

Darei minha opinião a respeito da tela que vocês já devem ter recebido. O companheiro Moacir Pedroso produziu uma magnífica obra de arte. Ao contemplá-la, sinto que conseguiu fazer transparecer nos limites de uma tela tudo aquilo que significou para nós esses anos de cárcere.

O motivo é um prisioneiro em sua cela, sentado à mesa de pedra. Ele escreve. A cela é terrível como tudo aquilo que suprime ou esmaga a liberdade humana. Não tem simetria, e a janela gradeada não mostra nada, senão um conjunto opaco de cores que traduzem amargura. Tudo ali é sombrio, solitário, precário como a cruz pregada na parede ao fundo. Sofrimento e imundície se mesclam onde o homem foi reduzido à condição de animal de jaula. As tonalidades são obscuras e confusas, como se gotas de lágrimas tivessem pingado, espalhado, misturado as tintas, resultando num efeito que traduz todo o horror de um cárcere.⁸³

Notemos a figura do retratado em meio a essa descrição visual acabada do absurdo: ele escreve. Notemos o dissipar de todos os sentidos na representação das tintas se dissolvendo como uma metáfora do deslimite interior, ou melhor, de sua vontade de deslimite, o que seria mais efetivamente real e barthesiano. Prossigamos a leitura da mesma carta aos familiares:

O prisioneiro, embora magro e com o corpo carcomido pelos anos de humilhação, revela em seu olhar uma poderosa força. É esta energia inefável que o impede de ser tragado por aquele esgoto onde a sociedade lança o que seu organismo doentio repele. Ele traz dentro de si uma luz que tudo aquece e transfigura. Sua altivez, sua postura e suas feições mostram um homem que não conhece a derrota nem admite o ódio como arma de defesa ou ataque. Sua tranquilidade é cheia de coragem, e a liberdade que traz em si é uma misteriosa experiência que só o amor pode conhecer e manifestar.

O exercício explícito de resiliência na escritura de Frei Betto pode ser atribuído a essa imagem que ele chama de luz interior, o amor, agostinianamente, o amor. Fica muito clara, porém, sua postura de descrever aos seus como se dá, na prática, esse seu plano de resistência. À medida que passamos pelo conjunto das cartas, percebemos que

⁸³ Terça-feira, 25 de novembro de 1973, carta à família (pp. 252-253)

é nele, em seu fazer estoico de escrita – e não unicamente no silêncio pleno, obsequioso e mais íntimo do amor – que o homem Betto exercita sua lucidez e sua efetiva renúncia ao absurdo. Escrever é sua cura:

Ele escreve. Sabe que seus braços, longos e finos, não podem torcer as barras de ferro, nem derrubar as paredes que parecem reduzir sua liberdade às dimensões do corpo. Mas nada pode tolher ou mutilar seu pensamento, apagar sua consciência, extirpar sua alma. Nada pode impedi-lo de ser testemunha de um antro e de um tempo de atrocidades. Escreve às gerações futuras o fracasso de um presente que tenta inutilmente limitar a liberdade humana. Seus olhos grandes e vivos são cheios de esperança. Seu olhar não conhece o ocaso.

Há diversas formas de interpretar essa sua última fala – que de resto repercute o tom e o sentido de toda a narrativa. Um pequeno detalhe se mostra, de início: seus olhos não *estão*, mas *são* cheios de esperança. O que faz toda a diferença em um embate duro como esse. O ser amoroso sozinho roda em rotação universal e... ama.

Sua última palavra, “ocaso”, figurando declínio, derrelição, destruição, fim, extinção, vejam, está fora de qualquer cogitação exatamente pelo que ele anuncia na primeira frase desse último parágrafo: “Ele escreve”. Extaticamente. Por isso sobrevive. Por isso vence, enfim, a morte.

3.0 Em busca da narrativa implícita

3.1 - O castelo das cartas cruzadas

"Un coup de dés jamais n'abolira le hasard."

(Stéphane Mallarmé, em *Un Coup de dés*)

O poeta Mallarmé nos lançou os dados: seria o mundo mesmo aleatório ou haveria nele uma ordem a ser decifrada, em um jogo de probabilidades baseado em uma lógica complexa, de múltiplos significados? Socorremo-nos de um trecho (apenas uma frase-guia) da tradução que Haroldo de Campos fez desses versos "tipográficos", pequeno móbile feito de enigma e movimento pelo simbolista francês, no auge da modernidade, para iniciarmos pelo início:

Jamais, mesmo quando lançado em circunstâncias eternas do fundo de um naufrágio...

Após o jorro de imagens que experimentamos no capítulo anterior, em que soubemos isolar diversos significantes sobre nosso tema em questão, estamos mesmo quase naufragados. E se nos fosse possível o "êxito estelar", para usar uma figura de Mallarmé, à leitura dessas *Cartas da prisão*, tomá-lo-íamos como o fluxo incessante de reflexões emitidas ao acaso calculado milimetricamente pelo lance de dados da história.

Assim como o poema de Mallarmé parece ter sido concebido para infinitas decifrações posteriores, temos em mãos um conjunto de cartas que apontam para um corte. Não evidentemente um corte no mesmo nível de decodificação poética existente do germe da ambiciosa renovação da poesia francesa que seu famoso jogo de dados tão musical e arquitetonicamente incitou. No entanto, vale dizer, em ambos os casos estamos diante de uma declaração trágica fragmentada sobre a impossibilidade de se atingir o estabelecido com a escritura. Isso que tanto inquietou nossos concretistas está

presente em ambos os desafios: demandar uma marcação sutil, situada no ponto médio entre a indeterminabilidade e a definição.

Trata-se da abertura e da mobilidade necessárias para que nelas se abrigue o gesto interpretativo do leitor. Por essa razão, optamos por dotar a leitura de uma permeabilidade capaz de, com sua capilaridade tentacular, atingir o desenho do que ansiamos, uma narrativa derivada do conjunto revisitado das cartas.

Essa sorte-azar de indefinições à solta ou de definições difíceis de serem capturadas levou-nos a *O castelo dos destinos cruzados*, de Italo Calvino. Ele nos mostra ali, de forma abrangente e generosa, o que chama de “multiplicidade potencial do narrável” na engenhosa construção que faz das histórias surgidas da disposição enigmática das cartas ciganas egípcias (1991, p. 13).

Começamos a espalhar as cartas sobre a mesa, descobertas, como para aprender a reconhecê-las e dar-lhes o devido valor nos jogos, ou o verdadeiro significado na leitura do destino. Contudo, não parecia que qualquer um de nós tivesse vontade de iniciar uma partida, e menos ainda de se por a interrogar o futuro, dado que os nossos futuros pareciam indefinidos, suspensos numa viagem que não havia terminado e nem estava para terminar.

As cartas foram postas uma a uma e nelas recolhidas todas as referências semiológicas para a operação de extrair-lhes o sentido ulterior: a história que decorreria naturalmente do cruzamento das pequenas narrativas aqui dispostas no plano do acaso de sua escritura. Mas eis que “A máquina de emaranhar paisagens”, para citar um poema de Herberto Helder (2006, p. 213), já não ergue narrativas, emperra, não funciona em modo automático. Ativemos então mais uma fala de Calvino (1991, p. 154):

E era essa operação que eu não conseguia realizar: queria partir de algumas histórias que a princípio as cartas me haviam imposto e às quais atribuíra certos significados, além de já haver escrito boa parte delas, mas não conseguia fazê-las encaixar num esquema unitário, e quanto mais estudava a história mais ela se tornava complicada, requerendo sempre um número crescente de cartas, que retirava das outras histórias às quais, no entanto, eu não queria renunciar. Assim passava dias inteiros a compor e a recompor o meu quebra-cabeça, imaginava novas regras do jogo, traçava centenas de esquemas, em quadrado, em losango, em estrela, mas sempre havia cartas essenciais que permaneciam fora e cartas supérfluas que ficavam no meio, e os esquemas se tornaram tão complicados (adquirindo às vezes até mesmo uma terceira dimensão, tornando-se cubos e poliedros) que eu próprio acabava me perdendo neles.

A passagem referida ilustra, à perfeição, um determinado momento da construção deste trabalho de transubstanciação epistolar em que, em meio à riqueza das relações erguidas no plano das figuras do Neutro, na análise das múltiplas visões aqui apresentadas, vimo-nos “tridimensionalizados” de sentidos, mas em vetores que, apesar de ocuparem muitos espaços de compreensão e traçarem eventualmente desenho de partes do corpo da escritura, ainda não possuíam seus feixes orientados por ou para um ponto em comum.

Isoladas em dezenove conjuntos coesos e bem agrupados, estávamos ainda à espera de um arranjo das peças e seus conjuntos que nos fizesse expor em voo semântico toda a sua força de representação.

Tomemos emprestadas das palavras de Everardo Rocha (2011, p. 14), em um conceito menos dicionarizado de mito (relato fantástico de tradição oral, geralmente protagonizado por seres que encarnam, sob forma simbólica, as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana) que vá ao encontro desse pressuposto:

Assim, da verdade que o mito não se propõe ter, ficam a eficácia e o valor social. Da origem que ele não pode possuir, fica a sua sempre presença, seus desconhecidos autores, sua improvável localização no tempo. Da interpretação que ele nos propõe como enigma, ficam as mais diversas tentativas do pensamento humano tanto de criá-lo quanto de analisá-lo.

Com efeito, o mito, tal como o conhecemos no senso comum ou em conceitos mais superficiais, de ser qualquer narrativa de caráter simbólico, pode efetivamente ajudar a reunir as peças de imensos quebra-cabeças colecionados em obras literárias ou mesmo qualquer conjunto de eventos em que se faça necessária uma revelação interpretativa.

Resistimos inicialmente ao uso do mito como ferramenta de interpretação por entendê-loem sua complexidade simbólica, sem “tradução literal”, para usar uma reflexão de Camus (2012, p.127), quando analisou Kafka:

De resto, nada é mais difícil de entender que uma obra simbólica. Um símbolo sempre ultrapassa aquele que o usa e o faz dizer na realidade mais do que tem consciência de expressar. Neste sentido, o meio mais seguro de captá-lo consiste em não provocá-lo, iniciar a obra sem ideias preconcebidas e não buscar suas correntes secretas.

Concluímos então que a abstração analítica proporcionada por um paralelo mitológico poderia, sim, de algum modo tornar-se importante forma de ordenação e compreensão dos significantes aqui levantados e esta, por seu turno, na ordem simbolicamente determinada, poderia, tal como uma chave, gerar a abertura da compreensão dos novos e importantes sentidos que procurávamos demonstrar. Outras ciências, como a psicanálise e a antropologia, levaram esse uso, digamos, seminal bem a fundo e a sério na interpretação dos mitos. O que nos impediria de buscar também, em seus labirintos semiológicos, um caminho de investigação para o remate da crítica literária?

Analisando o mito como sistema semiológico, Barthes (2003, pp. 201-202) cita Saussure como o postulador dessa “vasta ciência dos signos”, sob o nome de semiologia. No estudo, ele aponta para os perigos de se considerarem as formas objetos ambíguos, metade formas, metade substâncias, dotar uma substância de forma, etc., recordando que “toda semiologia postula uma relação entre dois termos, um significante e um significado”, não pela igualdade, mas pela equivalência. Um interessante esquema tridimensional (dimensões do significante, do significado e do signo) Barthes encontrou no mito, mas alerta que existem dois sistemas semiológicos operando ali, a linguagem-objeto e a metalinguagem:

Mas o mito é um sistema particular, visto que ele se constrói a partir de uma cadeia semiológica que já existe antes dele: é um sistema semiológico segundo. O que é signo (isto é, a totalidade associativa de um conceito e de uma imagem) no primeiro sistema transforma-se num simples significante no segundo.

Apesar dessas interdições bem colocadas, resolvemos aceitar o desafio do mito, retirando dele a miríade de significados à espera dos significantes, como uma resposta viva, ativa e criativa aos desafios filosóficos dos signos que nos surgirão a todo tempo, histórica e literariamente falando.

A demanda de ressignificação pelo desafio do mito estava criada, pois, como disse Camus (2012, p. 122), “os mitos são feitos para que a imaginação os anime”.

3.2 - Sísifo: mito e figuração

“... da queda de minhas orelhas não ouvi nada...”

(Samuel Beckett, em *O inominável*)

No desenrolar das interpretações das cartas, em alguns de seus trechos mais reflexivos, uma ideia se nos ampliava, ora como que nos apoiando, ora como que nos inspirando, ora como que nos retirando o ar ou o chão. Tratava-se da forma com que nosso “protoautor” respondia ao isolamento, aos maus-tratos e à inexistência de julgamento. À realidade “irreal” do cárcere, em seu absurdo processo de depósito de presos, ele respondia brava e calmamente com nada mais, nada menos, do que... sua consciência.

A ideia de que em sua cabeça Frei Betto experimentava uma espécie de renúncia ao ódio – pela via da tentativa de entendimento mais alto do outro e do simbolismo de sua experiência na reclusão como um rito de passagem – encontra nas próprias cartas um eco de reafirmação constante.

Essa purificação é um fato quando estamos distanciados dos condicionamentos sociais que concorrem para nos alienar ainda mais. Sob determinadas condições, estar preso é ser mais livre, por paradoxal que isso pareça⁸⁴.

A solidão pode significar demissão enquanto a buscamos para fugir dos outros e das responsabilidades que nos aguardam. Então traz, ao covarde, o lúgubre, o consolo da opacidade de seus gestos e pensamentos. Mas, por outro lado, é indispensável ao homem engajado, por mais ativa e atribulada que seja a sua práxis. Ela o impede de ser tragado pelo ativismo que põe em risco o próprio êxito da luta, e proporciona o recuo necessário à visão de conjunto, à crítica e autocrítica⁸⁵.

⁸⁴ Sábado, 9 de novembro de 1973, carta à família (p. 193)

⁸⁵ Domingo, 12 de agosto de 1973, carta a Cláudio (pp. 247-248)

As imagens do escritor ocupando seus espaços de derrelição com lucidez e otimismo, preenchendo o vazio da tortura psicológica com esperança e cartas forjaram em nós o desenho de Sísifo no inferno, condenado a enfrentar eternamente a montanha rolando acima sua imensa pedra. A ausência de desespero e certa obstinação comum ao desenho dos dois personagens afirmavam-nos que ali, entre afinidades e contrastes, poderia estar um caminho para o desvendamento.

Notamos, na análise do livro, que a fé em Betto ocupa o lugar da unidade. Sua ascese não tem conotação restrita ao religioso, como ficou identificado em diversas passagens das cartas, em que a primeira das virtudes teologais opera de forma multifacetada, vertiginosa, senão também humana, política, social, literária, íntima, no que poderíamos figurar aqui como as várias conexões de um diálogo amoroso divino.

Nesse ponto, vale a pena citar uma das autoras que mais influenciou o pensamento, a escritura e as ações de Frei Betto: Santa Teresa Dávila (2010, p.150), em cujo *Livro da vida*, (pleno de “sintaxe elíptica”, como disse Frei Betto no prefácio dessa recente edição), também escreve sob o temor do que as “autoridades” pudessem pensar de sua escrita.

Oh, meu filho, que é tão humilde que assim quer se chamar aquele a quem isso vai dirigido e me mandou escrever, sejam só para o senhor algumas coisas em que vir que saio dos limites. Porque não há razão que baste para eu não sair dela quando a tira o Senhor de mim.

Outra característica que percebemos unir Sísifo a Betto era a certeza de que o herói, tal qual o preso, recusou-se a aceitar a morte em diversas passagens de sua história de amor, o amor como sua principal forma de esquiva mortal. Para completar o plano de coincidências iniciais que integrava os condenados, ambos eram sábios, prudentes e excelentes “cantores”.

Tomemos, aqui, à guisa de ilustração, um resumo da narrativa de Albert Camus, que teve justamente nesse livro (fato que ele próprio considerou, em carta a Pierre Bonnel) o “ponto zero” de sua obra filosófica e literária. Utilizamo-nos, para isso, de trechos extraídos de sua própria narrativa (2012, p. 121):

Se dermos crédito a Homero, Sísifo era o mais sábio e prudente dos mortais. Censuraram-lhe primeiro por certa leviandade com os deuses. Ele revelara seus segredos e como castigo acabou nos infernos. Ali, irritado por uma obediência tão contrária ao amor humano, obteve de Plutão a permissão de voltar à Terra para castigar a mulher cujo amor imprudentemente colocara à prova. Foi preciso uma intervenção dos deuses. Mercúrio trouxe-o à força de volta para o inferno, onde sua rocha estava já preparada. Seu desprezo pelos deuses, seu ódio à morte e sua paixão pela vida lhe valeram esse suplício indizível no qual todo o ser se empenha em não terminar coisa alguma. No caso deste, só vemos todo o esforço de um corpo tenso ao erguer a pedra enorme, empurrá-la e ajudá-la a subir uma ladeira cem vezes recomeçada. Ao final desse prolongado esforço, medido pelo espaço sem céu e pelo tempo sem profundidade, a meta é atingida. Sísifo contempla então a pedra despencando em alguns instantes até esse mundo inferior de onde ele terá que tornar a subi-la até os picos. E volta à planície.

É a pausa oferecida durante esse regresso de Sísifo à planície que interessa a Camus (2012, p. 123). Esse homem descendo decidido de volta para sua pena sem fim representa para o autor o espaço da consciência. É quando ele recupera-se de seu absurdo, quando é superior a seu destino, quando é, segundo Camus, mais forte que a rocha:

Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua miserável condição: pensa nela durante a descida. A clarividência que deveria ser o seu tormento consuma, ao mesmo tempo, sua vitória. Não há destino que não possa ser superado com o desprezo.

Frei Betto conhece “toda a extensão de sua miserável condição”, ele pensa nela durante as cartas que escreve. Elas são sua clarividência, elas ocupam o lugar do tormento, elas representam sua vitória, elas contêm a resignação que a fé levou o autor a colocar no lugar do desprezo. Inspirado no ideal agostiniano, Betto trabalha para fundar no outro a sua própria identidade.

Camus (2012, p. 124) trata a pedra de Sísifo como sua casa, onde ele vive uma certa “alegria silenciosa”. Nesse absurdo sem interrupção, segundo o autor:

Não há sol sem sombra, e é preciso conhecer a noite. O homem absurdo diz que sim e seu esforço não terá interrupção. Se há um destino pessoal, não há um destino superior ou ao menos só há um, que ele julga fatal e desprezível.

Em uma de suas primeiras cartas no Presídio Tiradentes, Betto prenuncia sua predisposição ao absurdo e a uma honrada espécie de desprezo pelos que o oprimem:

Os que nos prenderam são incapazes de entender por que permanecemos fortes, alegres e bem dispostos. Jamais daremos a eles o prazer de nos verem abatidos e tristes⁸⁶.

A alegria, por mais paradoxal que pareça, é tida por Camus como um sintoma de lucidez e índice máximo de consciência perante o absurdo, e não um sintoma de loucura. Como sugere este recorte no mito (2012, p. 123):

Assim como, em certos dias, a descida é feita na dor, também pode ser feita na alegria. Esta palavra não é exagerada. Também imagino Sísifo voltando para a sua rocha, e a dor existia desde o princípio.

Vejamos em Betto como a montagem de espetáculos teatrais na prisão com os demais presos, entre outras atividades, como palestras, missas e até cursos supletivos, eram indícios de alegria:

Durante as apresentações, fiquei tranquilamente sentado no meio da plateia. [...] Para os companheiros que desempenharam os diversos papéis foi uma experiência muito importante. Souberam conter o nervosismo e alguns, nas comédias, improvisaram com muita arte. Os aplausos foram calorosos. [...] Já penso no próximo espetáculo: [...] Ninguém prende um homem livre.

A fórmula da “vitória absurda”, para Camus, desenhou-se em muitos mitos: o Édipo de Sófocles, o Kirilov de Dostoiévski. Segundo ele, a felicidade e o absurdo são filhos da mesma terra. “São inseparáveis.” Betto também dá a entender que o destino dos homens, como querem os deuses, deve ser acertado entre os homens. Em Camus (2012, p. 124):

O homem absurdo diz que sim e seu esforço não terá interrupção. [...] Assim, convencido da origem totalmente humana de tudo que é humano, cego que deseja ver e que sabe que a noite não tem fim, ele está sempre em marcha. A rocha ainda rola.

⁸⁶ Quinta-feira, 25 de dezembro de 1969, carta à família (p. 14)

É imperiosa para Frei Betto a noção exata do efeito de seus atos e a percepção comparativa de seus fardos com os outros fardos do mundo. Enquanto para os companheiros presos dormir é paz, para ele, dormir é alienação, fuga. O espaço de paz para Betto é onde ele consegue reunir toda a sua consciência, a carta.

A penitenciária parece um cemitério de vivos. Pela manhã, quando o céu está nublado e o tempo, frio, quase todos dormem. O silêncio é pesado como um grito mudo de desespero. Os companheiros costumam dizer que preso só esquece as grades e encontra a paz quando dorme. De certo modo é verdade. Só que o sono aqui, não é exatamente um momento de paz. É um momento de fuga de si. É o período em que sofrimentos e desesperanças são sufocados pelo cansaço do corpo e dos longos anos de cadeia⁸⁷.

A paz é o alimento a que Camus (2012, p. 128) se refere quando fecha seu tratado, com uma imagem aparentemente incompatível com o absurdo:

Cada grão dessa pedra, cada fragmento mineral dessa montanha cheia de noite forma por si só um mundo. A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz.

De nosso lado, acompanhando o lado Neutro das cartas de Frei Betto, constatamos que a felicidade é justamente a melhor resposta que ele pode dar à imensa pedra à qual está condenado, a qual sabe que não deixará de erguer dia após dia. Constata-se no teor afetivo das palavras dirigidas aos amigos, às crianças, aos familiares, um sentido acima da fé, o amor, que estará de fato sempre no comando enquanto ele estiver em paz com sua consciência de luta.

Desse modo, para Betto, como notamos na análise das figuras inter cruzadas por grandes temas, a alegria não é desforra alguma, não é desagravo a nenhuma opressão, está simplesmente no ato de escrever, como se as cartas se dirigissem a um destinatário específico e também a múltiplos outros, em exercício literário voltado a um distante, solitário, anônimo “leitor”.

⁸⁷ Domingo, 12 de agosto de 1973, carta ao Cláudio (p.246)

Betto, a despeito de sua juventude, encontra assim um entendimento da vida como trajetória, não como um encontro definitivo consigo mesmo. Torna-se um buscador de si e pratica essa busca na escrita das correspondências. O autor está ao mesmo tempo escrevendo e sendo escrito, como que esculpido por seu próprio gesto incansável. Qual Sísifo, não chegará nunca a um termo, e prosseguirá sem nenhum outro encontro possível, senão o da infindável construção de si mesmo. No eterno fazer-se escritor habita um ser gerundial, um ser em marcha, absurdo fundido a seu cenário.

3.3 - A escritura diante do absurdo

“O absurdo não está no homem [...], nem no mundo, mas na sua presença comum.”

(Albert Camus, em *O mito de Sísifo*)

O que é o absurdo? Camus nos diz que o sentimento do absurdo pode “bater no rosto de um homem qualquer, numa esquina qualquer”. Inapreensível, tal como é o absurdo, e “com sua nudez desoladora, em sua luz sem brilho...”, completa.

No ensaio “Um raciocínio absurdo”, Camus traça as origens desse sentimento de modo bastante literário. Ele diz que “tudo começa na consciência e nada vale sem ela” e alerta para o fato de que um simples “cuidado” pode ser o início de tudo:

Cenários desabarem é coisa que acontece. Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda terça quarta quinta sexta sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia surge o “por que” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. Começa, isto é o importante. A lassidão está no final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência. Ela o desperta e provoca sua continuação. A continuação é um retorno inconsciente aos grilhões, ou é o despertar definitivo. Depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: suicídio ou restabelecimento. Em si, a lassidão tem algo de desalentador [...].

Essa roda viva de constatações, essa noção injustificada do tempo decorrido, a “hostilidade primitiva” do mundo, a “mímica mecânica” dos dias, “essa incalculável queda diante daquilo que somos”, essa “náusea, como diz um autor de nossos dias” (recusa-se a dizer o nome de Sartre) são todas figurações possíveis desse estado de “densidade e de estranheza do mundo” a que Camus chama de absurdo.

Na tradução do mito de Sísifo, eixo de reflexão acerca de si mesmo e de alguns pontos-chave para o entendimento de sua obra, Camus produziu outros artigos, que acompanham a publicação do texto original.

Eles justificam o subtítulo *Ensaio sobre o absurdo* ("O absurdo e o suicídio", "Os muros absurdos", "O suicídio filosófico", "A liberdade absurda", "O homem absurdo", "A criação absurda") e, em síntese, apontam para a mais insondável resposta ao, segundo ele, problema filosófico central: “julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida”. Diante da questão do suicídio estamos todos e, segundo o irônico Camus (2012, p. 19):

O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois. Trata-se de jogos; [...] É profundamente indiferente saber qual dos dois, a Terra ou o Sol, gira em torno do outro. Em suma, é uma futilidade.

Para Franz Kafka, o absurdo tem sentido similar ao descrito por Camus. Segundo ele, com um entendimento mais aplicável à crítica política e social. Gregor Samsa (*A metamorfose*) e Joseph K. (*O processo*) têm a “cumplicidade secreta que une o trágico, o lógico e o cotidiano”, mas o próprio Camus ressalta que “o mundo de Kafka é um universo indizível onde o homem se dá ao luxo torturante de pescar numa banheira, mesmo sabendo que dali não sairá nada”.

Em Dostoiévski, quando Ivan Karamazov exclama que “tudo é permitido”, não está, segundo Camus, proferindo um grito de libertação e de alegria. “Também isso cheira a absurdo”, ele diz, trata-se de uma constatação amarga, pois “a certeza de um Deus que daria seu sentido à vida ultrapassa em muito a atração do poder fazer o mal impunemente”.

Citando Goethe “Meu campo é o tempo”, Camus anuncia o próprio enunciado absurdo, explicando que viver sem negá-lo e nada fazer pelo eterno, preferindo sua coragem e seu raciocínio à nostalgia, seria, sem adentrar questões morais, uma

representação do absurdo. Segundo Camus, “no mundo absurdo, o valor de uma noção ou de uma vida se mede por sua fecundidade”.

Betto seguiu sua vida após o cárcere marcado pela representação realística do absurdo que viveu e do absurdo que resultou na morte de Frei Tito, companheiro dominicano que veio a suicidar-se no exílio, em Paris, na história trágica que se situa como pano de fundo de seu premiado livro de memórias, *Batismo de sangue*, publicado dez anos após a saída de Betto da prisão. Segundo a apresentação que o autor Manuel da Costa Pinto (2012, p. 7) faz, a título de prefácio, na tradução aqui referida do livro *O mito de Sísifo*, publicado durante a Segunda Guerra Mundial, a narrativa clássica recusa, em si, três formas de suicídio:

[...] o suicídio individual (que cancelaria o absurdo que brota do encontro do homem com o mundo e que é sua condição), o suicídio filosófico (que ele identifica pela evasão metafísica representada pelas “filosofias existenciais”) e o suicídio político (representado pelas utopias que prometem banir o absurdo da história, terminando por secularizar nossa injustiça primordial).

Em um de seus ensaios a que aqui já nos referimos, “O absurdo e o suicídio”, que antecede como espécie de introdução explicativa o texto principal (2012, p. 21), Camus dá-nos uma descrição dos sentimentos por demais controversos que desestabilizam para a derrelição qualquer ser humano:

Qual é então o sentido incalculável que priva o espírito do sono necessário para a vida? Um mundo que se pode explicar, mesmo com raciocínios errôneos, é um mundo familiar. Mas num universo repentinamente privado de ilusões e de luzes, pelo contrário, o homem se sente um estrangeiro. É um exílio sem solução, porque está privado das lembranças de uma pátria perdida ou da esperança de uma terra prometida.

Reparemos como os temas todos abordados nas cartas se referem sem exceção a esse lugar repentinamente retirado do mapa de afetos e relações dos dominicanos, como a violência da prisão sem direito a julgamento, sem direito a advogados ou a recursos, sem direitos que um preso comum teria, como o *habeas corpus*. Tudo isso levou cada um dos presos políticos brasileiros a uma percepção muito próxima do sentimento de se estar desalojado vivo da vida, no beco sem saída lúcida referido nos textos de Kafka, Camus, Dostoiévski ou Sartre.

Qual será a saída proposta por Betto? Sua consciência inalienável, cuja forma mais direta de organização está nas cartas. Mas estas serão apenas a passagem para a viabilização de seu status posterior de sobrevivente. Camus prossegue:

Esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo. E como todos os homens sadios já pensaram no seu próprio suicídio, pode-se reconhecer, sem maiores explicações, que há um laço direto entre tal sentimento e a aspiração ao nada.

O nada a que se refere Camus é evidentemente a morte. Mas não para Frei Betto. Ele recolhe reminiscências, afetos e sentidos que se levantam do chão duro da cela, do apanhar uma caneta para tentar registrar um farrapo de consciência em um papel, do extrair das cartas qualquer conteúdo político-ideológico mais afirmativo, de qualquer coisa que funcione como antídoto do absurdo. Tomemos outro trecho de outra carta de Frei Betto, dessa vez escrita a uma religiosa, irmã Marguerite:

Por que não aceitar com alegria a graça de viver isso na carne e no espírito? Não foi Jesus perseguido, lançado ao cárcere, torturado, condenado à morte na cruz? A verdadeira consagração de minha vida religiosa se realiza na prisão. Não tenho do que reclamar e, muito menos, me arrepender. [...] O que é loucura para os homens é sabedoria para Deus.⁸⁸

É Camus quem vai nos emprestar um olhar definitivo da decifração de seu próprio mito que se encaixa feito uma luva para o sentido das imagens que recolhemos das *Cartas da prisão* apontando para seu sentido mais amplo, mais conjunto, o sentido mais literário:

Se há um destino pessoal, não há um destino superior ou ao menos só há um, que ele julga fatal e desprezível. De resto, sabe que é o dono de seus dias. No instante sutil em que o homem se volta para sua vida, Sísifo, regressando para a sua rocha, contempla essa sequência de ações desvinculadas que se tornou seu destino, criado por ele, unido sob o olhar de sua memória e em breve selado por sua morte. Assim, convencido da origem totalmente humana de tudo o que é humano, cego que deseja ver e que sabe que a noite não tem fim, ele está sempre em marcha. A rocha ainda rola.

⁸⁸ Terça-feira, 10 de fevereiro de 19XX, Presídio Tiradentes, cela 7

Em um paralelo bastante claro, temos que, para Betto, o peso da rocha da prisão e a sequência de “ações desvinculadas” que viveu ali foi objetivamente o desencadeador do “destino criado por ele, unido sob o olhar” de sua experiência ali. Essa descrição encaminha-nos a refletir sobre sua postura humana, política, filosófica e espiritualizada e literária no cárcere como uma espécie de *big bang* do autor.

No ensaio *O homem revoltado*, escrito após a publicação de *O mito de Sísifo*, Camus trata da dimensão ideológica do absurdo. Segundo Manuel da Costa Pinto (2012, p. 101), ele trata essa dimensão como “um emblema paradoxal de fidelidade ao mundo e de desacordo em relação a ele”. Nesse sentido, paradoxalmente, para Camus, “o absurdo só tem sentido na medida em que não seja admitido”.

O Betto escritor vem desse paradoxo, desse emblema que parece ter sido escrito para ele: ser fiel ao mundo e gritar a todo tempo seu desacordo essencial com o mundo. No papel de todo escritor, “ele escreve” (2008, p. 252). E eis que a esquivia mortal resultou em letras. Tomemos os últimos parágrafos de seu livro mais recente, *Aldeia do silêncio* (2013, p. 191):

Uma imagem me volta à mente quando me preparo para pôr um ponto final neste caderno: a da escada que, na aldeia, se erguia altiva perdida no meio do mato. Tenho agora a sensação de tê-la subido. E ao chegar ao último degrau, dei mais um passo e, antes de precipitar-me nos braços invisíveis do espaço, com um pontapé fiz com que ela tombasse, engolida pela vegetação.

Logo haverei de transvivenciar, bem sei. Então, livre de todos os véus que cobrem os mistérios, mergulharei para sempre na fonte da palavra.

Da vida, guardo uma única certeza: meu universo se limita à minha linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

UMA HISTÓRIA DE ORIGEM E DESLIMITE

*“A escrita é precisamente esse compromisso entre
uma liberdade e uma lembrança.”*

(Roland Barthes, em *O grau zero da escrita*)

Toda carta em muito reduz a distância entre narrador e leitor. É como se, na leitura, dividíssemos com quem nos escreve, intimamente, o mesmo aposento, a mesma cadeira. Sentados na cama de concreto, à luz vacilante da cela, estamos juntos, encarcerados, catando o feijão em letras, requentando palavras antigas no álcool do fogareiro de lata, ansiando por um banho de sol e realizando um parto difícil: o de um autor ainda criança, acreditando que o mundo que ora adentra de fato vai lhe caber.

O absurdo em Frei Betto não contém os fantasmas de Kafka, as sombras de Beckett, muito menos o niilismo de Camus. O absurdo de Betto está em sua paradoxal crença nos homens, mesmo sob o jugo dos homens.

O tipo de negação presente em *Cartas da prisão* é de difícil exegese, pois que opera uma suspensão intuitiva, temporária, na trama dos conceitos. Talvez por isso seja tarefa só plenamente exequível nos domínios da filosofia ou da poesia. Talvez estejamos diante de análise crítica só possível ao artista, ou melhor, a um espírito livre, incondicional como o de Roland Barthes.

Para colocar relevo no sentido emergencial da recusa em Frei Betto é preciso entendê-la como uma afirmação. A negação da realidade, afirmando-a; a imposição a um não-lugar, revelando-o; a miserável contagem do tempo, sublimando-o; ou a condenação à solidão, tendo o sentimento do outro sempre a seu lado são recursos utilizados por ele, armado apenas de sua insofismável esperança nos homens, ou de sua fé em Deus ou no Universo, como queiram, pois, para nós, seria dizer o mesmo.

Indica-nos uma possibilidade de entendimento dessa sua afetuosa negação a afirmação de sua escritura como tentativa de existir por uma ação contínua de pequenos

nascimentos subsequentes, empaticamente firmados com o outro. A cada destinatário, um pequeno parto, um certificado de presença no mundo. E não é pouca coisa estar-se no mundo, apesar dele, diria Camus. A cada carta, uma oração subordinada ao mundo, ao estar-se no mundo.

O revoltar-se em Betto é uma ação apaziguadora, metafísica. Em suas cartas, ao contrário de Sartre, em cujo absurdo reside o inferno, e bem ao contrário de Dostoiévski, que recusa a salvação, ou mesmo Nietzsche, que anuncia a morte de Deus, Betto trabalha para instalar pouco a pouco uma espécie de resposta amorosa-humana improvável ao absurdo. E quanto mais pratica esse exercício sisifiano, ao longo das cartas, mais perto de uma resposta literária ele vai chegando. É essa a fotografia captada no movimento de suas cartas, a de um homem que escreve para sobreviver ao mundo, de dentro do mundo, e de seu inescapável absurdo pessoal.

A literatura que resulta de tudo isso é a narrativa de sua própria gênese, em movimento percebido apenas em seu conjunto, como aqui analisado. Tomamos esse movimento na circular espiral de sua origem, desde a primeira carta como uma metáfora da criação literária, e chegamos ao final do estudo com a certeza de que essa auto-história, tal como o absurdo, esteve presente todo o tempo, enviando-nos a cada dia novas cartas, roteiros de enigmas, afinal a arte e o amor são as únicas formas de se enfrentar o tempo, ao menos de igual para igual. A arte e o amor são as únicas respostas que podemos dar à morte, as perguntas que devemos fazer em vida.

No início era o verbo, mas a palavra, substancialmente dita, ainda não existia, proferida vococorporalmente. Foi preciso que o autor inventasse a si mesmo e a reivindicasse para si próprio na condição de narrador de sua história para que nascesse assim a literatura, gestada com gestos duros, difíceis, mínimos. É exatamente nessa nesga, nesse flash luminoso apanhado do corredor que o escritor se deu à luz. Luz sob a qual esperamos tê-lo fotografado aqui, afinal todo autor é um ex-encarcerado de uma condição silente anterior.

Betto não podia a vida lá fora e, como fizemos no presente trabalho, teve de adivinhá-la nas cartas. Como quando o pintor Diego Velázquez representa a instantaneidade de funda perspectiva nos planos sucessivos em que se vê "fotografado" por si mesmo no espelho de sua tela *As meninas*, o conjunto das cartas de Frei Betto também fala de si por tê-lo como pano de fundo ao mesmo tempo que em meio a seus

retratados. O dia a dia do cárcere figura-se como o da decadente corte de Felipe IV. A expressão pictórica tomada como referencial narrativo serve-nos bem como arranjo que explica sua fragmentação. Diante do quadro de Velásquez, o filósofo Theophile Gautier perguntou: “Mas onde fica o quadro?”. Assim estamos nós diante dessa história de absurdos: Onde fica a história?

Vimos aqui a força do Neutro como um rol ordenador dos significantes escondidos em cada dobra barroca dessas cartas, que nos revelam a própria escrita se fazendo. É, pois, essa a ideia de Mallarmé em sua agraphia tipográfica, que tão bem se encaixou nos planos de análise deste trabalho: o fazer do autor visto por sua multiplicidade de referenciais, gerando os sentidos aqui propostos do absurdo e da origem da escrita.

Segundo análise de Barthes sobre a escrita e o silêncio, podemos tentar ainda outro olhar que se some às imagens que o mito de Sísifo nos possibilitou compreender. Essa forma de “artesanato do estilo”, como diria Barthes (2000, p. 67), é tecida por Frei Betto nos moldes daquilo que o semiólogo francês vê presente em Mallarmé e exprime um momento frágil da história, tempo em que a linguagem literária não se mantinha senão para bem cantar sua necessidade de morrer. Ele a descreve:

Essa arte tem a própria estrutura do suicídio: o silêncio é nela um tempo poético homogêneo que fica entalado entre duas camadas e faz explodir a palavra menos como o farrapo de um criptograma do que como uma luz, um vazio, um assassinio, uma liberdade.

Há também, na obra do filósofo Merleau-Ponty (1960, p. 95), uma passagem que cobre de imagens esse silêncio bettiano, pensado e imprensado em camadas, construído de sua doação:

Essa vontade de morte não pode constar nas palavras, mas entre elas, em vãos do espaço e do tempo, das significações que elas delimitam, como o movimento do cinema reside entre imagens imóveis que se sucedem.

Cada carta é, pois, um fotograma. E todo olhar pode se prestar a uma ideia de “liberdade recordante”, móvel, imagem construída por Barthes para referir-se à liberdade do gesto da escolha, totalmente desvinculada de sua duração determinada. A

esse fazer literário, tomado por seu próprio processo, a essa literatura inventada da dor, a essa escrita forjada de resquícios com o interlocutor vivo, a esse narrar que nega a morte como se renunciando a qualquer limite, a essa narrativa recolhida de praticamente nada, chamamos aqui deslimite.

Frei Betto atua sobre a palavra por meio das cartas como se em sua criptografia residisse apenas essa última réstia de liberdade, da qual ninguém, a não ser ele mesmo, poderia fazê-lo privar-se. A palavra é, para ele, essa última chance de diálogo com a história em um tempo em que vivemos uma espécie de “desestoricização” do vivido. No cárcere, o verbo em questão representa a única escolha possível pelo não-limite, seu mais íntimo deslimite. É novamente Barthes (2000, p. 16) quem define o papel dessa escrita:

Como liberdade, a escrita não é mais que um momento. Mas esse momento é um dos mais explícitos da História, visto que a História é sempre e antes de tudo uma escolha e os limites dessa escolha. Porque a escrita deriva de um gesto significativo do escritor é que ela aflora a história de maneira muito mais sensível do que tal outro recorte da literatura.

Nelson Coelho Jr. e Paulo Sérgio do Carmo observam, em seu ensaio filosófico “fenomenológico”, que os espaços existentes entre o dito e o omitido pelo escritor não configuram necessariamente ainda sua intenção deliberada nessa direção: “Encerrado o romance se verá até que ponto o texto disse muito mais (ou menos) do que o autor tencionava.” No momento em que escreve, na medida em que escreve, Betto anseia apenas por originariamente existir. Busca não assumir a lógica aparente de sua própria morte, não se render a seu fracasso, derrelição ou culpa aparente. Do espaço entre o que escreve nas cartas e seu silêncio, brotará a semente de uma possibilidade de expressão escrita, surgida da invenção desse deslimite, do qual só se poderia mesmo saber depois, como aqui ensaiamos fazer.

Portanto, não tomemos o sentido de deslimite (ausência de limites, de impedimentos, de empecilhos) apenas como uma eventual borra entre o real e o imaginário na ação de superação de fatos, eventos ou contextos. Não tomemos o deslimite como loucura ou escape do real. Ao contrário, o deslimite aqui é o gesto mais consciente e mais realístico.

Deslimite é matéria da arte poética de Manoel de Barros, ponto de vista revelado com muita propriedade por Elton Luiz Leite de Souza, que desenvolveu seu conceito partindo de uma perspectiva deleuziana, à luz da ideia do devir. O autor opera com os deslocamentos de sentido dos significantes e suas implicações filosóficas que caracterizam a operação poética no ideário do autor mato-grossense. Segundo nos mostra Elton, quando Manoel de Barros nos diz, por exemplo, “a verdez das coisas”, ele eleva a carga de significação para fora de seu uso habitual, estabelecendo novos eixos de compreensão semântica, rompendo a ordem natural do sentido utilitarista das coisas e levando-nos ao que se aponta ali como deslimite, um deslocamento radical das fronteiras da linguagem representativa, propondo o inacabamento como um estado sempre renovado pelo processo criativo.

Em *Cartas da prisão*, estamos diante de um outro deslimite. Não há sustos nem grandes rompimentos, não há arroubos de criatividade linguística e o processo criativo sobrevive das migalhas de uma comunicação rarefeita, hesitante, atomizada de sentido, viajando nas mãos de amigos carteiros. Por assim dizer, o deslimite em Frei Betto é da ordem tempo-espacial-psicológica, ou seja, o rompimento do limite ali se dá no plano do absurdo limítrofe, da negação não de uma lógica semântica, mas de todas as amarras que impedem o estabelecimento de uma fala, qualquer fala.

O deslimite em Betto opera-se no plano da origem mesma da voz, em um estágio mil vezes anterior ao da poesia, no qual o que se está por conquistar é ainda a expressão primeira da palavra em seu nascedouro. Quase guturalmente, esse código vococorporal, certamente ali ainda no estágio embrionário de narração, comum às cartas, é o núcleo de uma vontade que quer se fazer, romper os limites da inexistência, nascer escrita.

Em termos aristotélicos, os poetas (naquele tempo, todos os escritores) não escrevem, não criam pela vontade dos deuses, como pensava Platão. Criam por uma iniciativa própria, valorizando a arte como representação do mundo. Nesse ponto, cremos que, dentro do conceito de oposição estabelecido bem antes por Sócrates, podemos chegar à ideia de que as cartas de Frei Betto vão pouco a pouco, e em seu conjunto, passando do plano da mimese (não-locutor) para o plano da diegese (locutor), como uma realidade “ficcional” dessa narrativa resultante do conjunto das cartas.

Suas epístolas, pois, narrando diretamente o que vai na mente do personagem, em suas experiências do mais prosaico ao mais elevado, configuram uma espécie de

representação encenada do vivido. Nas cartas temos, ao final, no gestual mais puro da escrita, um contato vivo com sua fé, seus sonhos, fantasias, medos, angústias, criatividade e a miséria mesma do autor, o desenho claro de seu devir, deslimitado no outro. A ideia do outro é, portanto, a chave para a compreensão da trajetória de sua escrita. O caminho transcendente de Frei Betto no cárcere passa obrigatoriamente pelo registro escrito diretamente ao outro, sempre retomando o ideário humanista agostiniano (1987, p.232): *“A caridade tudo crê, sobretudo entre os que ela unifica, ligando-os entre si”*.

A percepção que temos do processo vivido por Betto, após o destilar neutro de suas missivas, identifica-se em parte com o trabalho que Silviano Santiago estruturou no clássico *Em liberdade*. Escrito em forma de diário, definido por ele como prosa limite, estabelece ficcionalmente uma não biografia do período da saída de Graciliano Ramos da prisão, durante a ditadura Vargas. Ali a análise política e o fluxo de consciência do autor parecem ter, em diversas passagens, o tom que Betto utiliza em algumas de suas epístolas. Tomemos, apenas a título de curiosidade, um trecho do diário imaginário (1985, p.28) desse Graciliano ficcional:

Paro de combinar frases.

Estou prenhe de frases como nunca estive. Todo o meu cérebro está funcionando como um imenso útero que fabrica, sem que tenha consciência, frases e mais frases. Quero acreditar que posso escrever como nunca escrevi. Sei que não posso. A produção das frases está aqui, na cabeça, e difícil é passá-las para o papel. O problema não está tanto na dificuldade em transcrevê-las. Basta fechar os olhos e entregar-se ao automatismo surrealista da escrita. Encontrar uma razão para a necessidade de deixá-las existir no papel e no livro: eis a questão. Fora de mim e para o outro. Para isso sempre foi preciso “fazer ficção” das minhas palavras. Ou não.

Nos diários de Lúcio Cardoso (2012, p.456), no entanto, temos em certa passagem, uma mostra mais clara das especificidades idiossincráticas de cada um. Ele se refere, de forma muito franca, à literatura produzida no cárcere:

Leitura: Memórias do cárcere, de Graciliano Ramos. Não posso, não tenho forças para gostar de livros assim – a modéstia do autor é falsa e o que ele viu e aprendeu durante o período de sua prisão, restrito e superficial. Não há uma visão inteira do homem, mas de seu lado mais imediato – é uma projeção física e não interna. Espanta-me que se possa comparar este livro à [Recordações da] casa dos mortos, de Dostoiévski. A diferença é fundamental: um é o ponto de partida em que um escritor acha o Cristo e descobre o

homem em sua profundidade – o outro é o ponto de chegada de um autor visceralmente materialista.

A trajetória espiritual visivelmente traçada nos escritos epistolares de Frei Betto na prisão, associada a toda forma de tortura mental e física típica do encarceramento, eleva o grau de complexidade existencial para bem próximo do absurdo, como aqui tentamos revelar.

Quando Frei Tito diz que “é melhor morrer do que perder a vida”, frase que tornou-se emblemática após seu suicídio no exílio, está reforçando que, para um outro, a vida prosseguirá, ou seja, sua morte que, com efeito, no mundo todo repercutiu, possibilitaria vida para um outro em luta. É como se, a despeito de Sartre ter dito que “a existência precede a essência”, Tito tivesse voltado a Platão e reafirmado, veementemente, com seu gesto, que “a essência precede a existência”. Betto é autor e personagem vivo dessa história e seu compromisso consciente reside basicamente em conseguir viver para contar.

Faz-se necessário voltar a Bakhtin (2006, p. 48) quando dessa fusão entre autor e personagem em que o processo de construção da ideia de homem como valor exprime-se assim:

Em um caso [...], homem sou eu, na forma como eu me vivencio a mim mesmo; os outros são iguais a mim. No segundo caso, assim: homem são os outros ao meu redor, na forma como eu os vivencio; eu sou igual aos outros.

Para Frei Betto, o absurdo, negado pela vontade de sobrevivência, tornou-se ao mesmo tempo origem e deslimite em sua narrativa. A postura aparentemente calma do religioso na prisão, a se tomar evidentemente pelas cartas aqui analisadas, pode ser apenas a capa de um vulcão, prestes a nos colocar o dedo em riste, com veias saltando ao pescoço. Mas consideramos essa hipótese pouco provável.

Betto foi urdindo aos poucos, escrevendo aos poucos, um processo íntimo, silencioso de criação e resistência diante do absurdo. Com todos os sentimentos que traz em si, não está infenso ao conflito pessoal, mas administra-os, como as cartas comprovam, no outro, digamos, de modo menos tolerante que inteligente e sensível. Ele

parece ter, desde o início, contra o absurdo, um plano de representação amorosa de seu corpo pela palavra. Essa ideia reverbera intensamente nas palavras de Bakhtin:

Ao me vivenciar fora de mim no outro, os vivenciamentos têm uma exterioridade interior voltada para mim no outro, têm uma feição interna que posso e devo contemplar com amor, sem a esquecer, assim como não esquecemos o rosto de uma pessoa (e não do modo como recordamos uma vivência passada), devo reforçar, enformar, amimar, acariciar com olhos interiores e não com olhos físicos externos. Essa exterioridade da alma no outro, como uma espécie de sutilíssima carne interior, é precisamente o que constitui a individualidade artística intuitiva e visível: o caráter, o tipo, a posição, etc., a refração do sentido na existência, a refração individual e a condensação do sentido, seu vestimento de carne interior mortal – tudo o que pode ser idealizado, heroificado, ritmado, etc. Costuma-se denominar compreensão simpática esse meu ativismo que vem de fora e visa ao mundo interior do outro.

A dimensão exata desse encontro, “condensado de sentido”, ele só poderá compreender racionalmente ao final de tudo, quando tudo então se inicia, sua escritura.

Frei Betto é autor de cinquenta e seis livros, editados no Brasil e no exterior. Recebeu os prêmios literários Juca Pato (1985), Jabuti (1982 e 2005) e o Prêmio Unesco-José Martí (2013), entre outros. Suas obras foram traduzidas para 24 idiomas. *Cartas da prisão* é a primeira delas.

LISTA DE REFERÊNCIAS:

- ACIOLI, Socorro: *Frei Tito*. Fortaleza, Edições Demócrito Rocha, 2001.
- AGAMBEN, Giorgio: *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, Argos, 2009.
- _____: *O reino e a glória*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2011.
- AGOSTINHO, Santo: *Confissões*. Petrópolis, Editora Vozes, 1987.
- ANDERS, Günther: *Kafka: pró & contra*. São Paulo, Cosacnaify, 2007.
- ARISTÓTELES: *A poética clássica*. São Paulo, Cultrix, 2005.
- AUERBACH, Erich: *Mimesis. A condição humana*. São Paulo, Perspectiva, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt: *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro Zahar, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail: *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 2006.
- _____: *Questões de literatura e estética*. São Paulo, Unesp, 1998.
- BARTHES, Roland: *A câmara clara*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- _____: *O rumor da língua*. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- _____: *Aula*. São Paulo, Editora Cultrix, São Paulo, 1996.
- _____: *O grau zero da escrita*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- _____: *Mitologias*. Rio de Janeiro, Difel, 2003.
- _____: *O Neutro*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- _____: *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo, Estação Liberdade, 2003.
- _____: *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- _____: *Diário de luto*. São Paulo, Martins Fontes, 2011.
- _____ et al: *Análise Estrutural da Narrativa*, Petrópolis, Vozes, 2008.
- BECKER, Ernest: *A negação da morte*. Rio de Janeiro, Record, 2007.
- BECKETT, Samuel: *Como é*. São Paulo, Iluminuras, 2003.
- _____: *O inominável*. São Paulo, Editora Globo, 2009.
- BETTO, Frei: *Cartas da prisão*. Rio de Janeiro, Agir, 2008.
- _____; Fernando, Fr. ; Ivo, Fr. : *O canto na fogueira – Cartas de três dominicanos quando em cárcere político*. Petrópolis, Editora Vozes, 1977.

- _____: *A vida suspeita do subversivo Raul Parelo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
- _____: *O dia de Ângelo*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- _____: *Entre todos os homens*. São Paulo, Ática, 1998.
- _____: *Batismo de sangue – Guerrilha e morte de Carlos Marighella*. Rio de Janeiro, Rocco, 2006.
- _____; MASI, Domenico De: *Diálogos criativos*. Rio de Janeiro, Sextante, 2008.
- _____: *Diário de Fernando*. Rio de Janeiro, Rocco, 2009.
- _____; BARROS Marcelo: *O amor fecunda o universo – Ecologia e espiritualidade*. Rio de Janeiro, Agir, 2009.
- _____: *Aldeia do silêncio*. Rio de Janeiro, Rocco, 2013.
- BLANCHOT, Maurice: *O espaço literário*. Rio de Janeiro, Rocco, 2003.
- _____: *O espaço literário*. Rio de Janeiro, Rocco, 2011.
- _____: *O livro por vir*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- BRACHTENDORF, Johannes: *Confissões de Agostinho*. São Paulo, Edições Loyola, 2008.
- BRAIT, Beth (org.): *Bakhtin dialogismo e construção do sentido*. Campinas, Editora Unicamp, 2005.
- BRECHT, Bertold: *La vie de Galilée*, Paris, Éditions de L'Arche, 1955.
- CALVINO, Italo: *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo, Cia. das Letras, 1991.
- _____: *O castelo dos destinos cruzados*. São Paulo, Cia. das Letras, 1991.
- CAMPOS, Augusto; Pignatari, D.; Campos, H.: *Mallarmé*. São Paulo, Perspectiva, 2010.
- CAMUS, Albert: *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro, BestBolso, 2012.
- _____: *A queda*. Rio de Janeiro, BestBolso, 2007.
- CARDOSO, Lúcio: *Diários – Editados por Ésio Macedo Ribeiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.
- CHARTIER, Roger: *Inscriver & apagar – Cultura escrita e literatura*. São Paulo, Editora Unesp, 2005.
- DA-RIN, Silvio: *Hércules 56 – O sequestro do embaixador americano em 1969*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.
- D'ÁVILA, Santa Teresa: *Livro da vida*. São Paulo, Penguin Companhia, 2010.
- _____: *Livro das moradas – leitura orante e pastoral*. São Paulo, Edições Loyola, 2013.

- _____: *Cartas de Santa Teresa do Menino Jesus*. Salvador, Obra das Vocações Sacerdotais, 1952.
- DELEUZE, Gilles: *Proust e os signos*. Paris, P.U.F., 1983.
- _____: *A dobra – Leibniz e o barroco*. São Paulo, Papirus Editora, 2011.
- _____; GUATTARI, Felix: *Kafka, por uma literatura menor*. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- ECO, Humberto: *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo, Cia das letras, 2009.
- FARACO, Carlos A. ; TEZZA, C. ; CASTRO, G.: *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba, Editora UFPR, 2011.
- FREUD, Sigmund: *O mal estar na civilização*. São Paulo, Cia das Letras & Penguin, 2011.
- GRAMSCI, Antonio: *Cartas do cárcere*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.
- HUTCHEON, Linda: *Uma teoria da adaptação*. Florianópolis, Editora da UFSC, 2011.
- JAKOBSON, Roman: *O que fazem os poetas com as palavras*. in Colóquios e Letras, pp. 5-9, 02/03/1973.
- JR, Nelson C.; CARMO, Paulo S.: *Merleau-Ponty: Filosofia como corpo e existência*. São Paulo, Escuta, 1992.
- KOTHE, Flávio: *O herói*. São Paulo, Ática, 1985.
- LIMA, Luiz Costa: *Mímesis e modernidade - Formas das sombras*. São Paulo, Graal, 2003.
- LUKÁCS, Georg: *Uma teoria do romance*. São Paulo, Editora 34, 2000.
- MAGALHÃES, Mario: *Marighella, o guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo, Cia. Das Letras, 2012
- MEZAN, Renato: *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo, Perspectiva, 1987.
- MOISÉS, Leyla Perrone: *Com Roland Barthes*. São Paulo, Martins Fontes, 2012.
- MONTESQUIEU, Charles de Segondat, Baron de: *Cartas persas*, São Paulo, Martins Fontes, 2009.
- MORSON, Gary S. ; EMERSON, Caryl: *Mikhail Bakhtin: Criação de uma prosaística*. São Paulo, Edusp, 2008.
- MOTTA, Leda Tenório da: *Roland Barthes, uma biografia intelectual*. São Paulo, Iluminuras, 2001.
- PAES, José Paulo: Outridades. In: _____. *O lugar do outro*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1999. Cap. 1, p.15-119.
- PAZ, Octavio: *Signos em rotação*. São Paulo, Perspectiva, 2009.
- _____: *A outra voz*. São Paulo, Editora Siciliano, 1993.
- PINTO, Manoel da Costa: *Paisagens interiores e outros ensaios*. São Paulo, B4 Editores, 2012.

- PONTY, Merleau: *Signes*, Paris, Gallimard, 1960.
- PRIGOGINE, Ilya: *O nascimento do tempo*. Lisboa, Edições 70, 1978.
- PUCHEU, Alberto: *Giorgio Agamben: poesia, filosofia, crítica*. Rio de Janeiro, Faperj, 2010.
- RAMOS, Graciliano: *Memórias do cárcere – VOL I*. Rio de Janeiro, Record, 2002.
- _____: *Memórias do cárcere – VOL II*. Rio de Janeiro, Record, 2002.
- RANCIÈRE, Jacques: *La parole muette: essai sur les contradictions de la littérature*, Paris: Hachette, 1998.
- RILKE, Rainer Maria: *Cartas sobre Cézanne*, Rio de Janeiro, 7 letras, 2006
- ROSENFELD, Anatol: *Texto/contexto*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- SANTIAGO, Silviano: *Em liberdade*. Paz e Terra, 1985.
- SOUZA, Elton Luiz Leite: *Manoel de Barros, a poética do deslimite*. Rio de Janeiro, 7 letras, 2010.
- STEINER, George: *Linguagem e silêncio – ensaios sobre a crise da palavra*. São Paulo, Cia das Letras, 1988.
- ZUMTHOR, Paul: *Escritura e nomadismo*, Cotia, Ateliê Editorial, 2005.
- TEZZA, Cristovão: *Que diabos significa escrever*. In Caderno Ilustríssima, *Folha de São Paulo*, pp. 6-7, 22/04/2012.
- TIN, Emerson. *Cartas e literatura: reflexões sobre pesquisa do gênero epistolar*, Campinas, 2010, disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/Emerson02.pdf>>. Acesso em 16 ago. 2012.
- TODOROV, Tzvetan: *A beleza salvará o mundo. Wilde Rilke e Tsvetaeva: os aventureiros do absoluto*. Rio de Janeiro, Difel, 2011.
- _____: *As estruturas narrativas*. São Paulo, Perspectiva, 2011.
- VOLTAIRE: *O filósofo ignorante*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- YOURCENAR, Margeritte: Entrevista: *Le paradoxe de l'écrivain*, Paris, 1981 disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ovp90NAgkTs>>. Acesso em 09 fev. 2009.
- ZUMTHOR, Paul: *Escritura e nomadismo*. Cotia, Ateliê Editorial, 1990.

ANEXO I

CARTAS DA PRISÃO - MONÓLOGO

(Uma rearticulação narrativa como experiência crítico-adaptativa do livro homônimo de Frei Betto)

INTRODUÇÃO - Notas sobre metodologia e recorte

Disjecta membra

A escolha do monólogo como gênero de destino para adaptação do texto original de Frei Betto, “**Cartas da Prisão**” (1969/1972), foi motivada pela análise mais detida de algumas adaptações visitadas ao longo do curso, tempo em que pudemos constatar que a experiência interpretativa de uma adaptação em muito se assemelha aos desafios estruturais da tradução e da crítica literária. A proposta baseou-se na justificativa da disciplina “O clássico e sua adaptação”, ministrada pela Prof. Dra. Juliana Loyola no primeiro semestre de 2012, de vincular a linha de pesquisa da adaptação simultaneamente ao processo e ao produto.

A solidão do cárcere, o tom confessional das cartas e a trajetória individual de superação da prisão por meio da literatura, enfoque de minha pesquisa acadêmica, somam-se como aspectos complementares que justificam a opção pela experiência teatral mínima, qual seja, o monólogo, o discurso solitário no palco.

Mesmo obrigatória e essencialmente apresentando-se como uma versão mais concentrada (não necessariamente simplificada) do conteúdo vertido, o monólogo é o gênero dramático que mais se aproxima do contexto épico-lírico do original. Ao contrário de adaptações para teatro, cinema e televisão, em que imagens tomam necessariamente o lugar das figurações textuais, o monólogo mais se filia a uma leitura do que a uma encenação propriamente dita. É exatamente aí que se concentra a carga interpretativa do ator como aquele que comanda o fluxo das ideias, dos pensamentos, das reflexões, das cartas.

Na expectativa de obtermos um conhecimento aprofundado do original estudado e ciente da ferramenta inalienável da intencionalidade, base autoral do projeto, pusemo-nos inicialmente a pesquisar os recursos de linguagem cênica e discursiva que poderíamos explorar para encontrar o modo que nos parecesse mais

adequado para re-contar, transformando, vertendo a história apresentada originalmente em escrínio.

Ao mesmo tempo, exercitávamos o desenho daquilo que Linda Hutcheon (2011, p. 47), chama de engajamento, ou seja, a abordagem imersiva mais ampla do fenômeno, considerando-o sob a ótica do *produto* (transcodificação extensiva e particular), do *processo* (reinterpretação criativa e intertextualidade palimpséstica) e por fim, mas não por último, da *interação* (o modo participativo de considerar as múltiplas relações de leitura e reação por parte do público).

Somando os três modos de posicionamento, a meu ver, indissociáveis, posicionamos o engajamento com olhar artístico e autoral diante das epístolas do original e, assim, ampliamos as possibilidades de leitura e interpretação. Mas qual linha conceitual seguir? Para se evitar um texto branco, anêmico de opinião, sobre qual pressuposto estruturar o discurso? O de um documento vivo da repressão política no Brasil nos chamados Anos de Chumbo? O de um relato da redenção espiritual em clausura pela fé cristã?

Analisando o conjunto das cartas relativas ao período, à luz dos quarenta anos de sua publicação, concluímos que o livro deveria ser visto, hoje, primordialmente, a despeito dos dois olhares aqui apresentados, por uma terceira lente: a da fotografia literária de uma travessia, enfoque não casualmente coincidente com a linha de pesquisa adotada. E assim prosseguimos.

Isso não significava negar as outras formas de interpretação da obra, mas evidentemente, ao ressaltar seus contornos mais literários, no visível arcabouço de seus referenciais artísticos e humanos, estava ali evidentemente fazendo valer o nosso recorte de intencionalidade.

Animado pelas palavras de John Bryant, colhidas por Hutcheon (2011, p. 226), que argumentam que nenhum texto é algo fixo e que, paralelamente, trabalhos de performance são igualmente fluidos, uma vez que dois deles jamais serão iguais, iniciamos o desafio da adaptação preservando destarte, sempre que possível, o tom, o humor, o vocabulário e o regionalismo da fala que colhemos “musicalmente” obra afora.

De início, o mais difícil da narrativa foi situar, no corpo do texto, de modo convincente e natural, dados que posicionassem o espectador no tempo-espaço da obra.

Desse modo, informações importantes, tais como traços biográficos de Frei Betto, circunstâncias de sua prisão, locais e condições em que o preso se encontrava, situação política brasileira no período, informações de cunho religioso, etc., foram inseridas *in medias res*, dispostas ao longo das cartas em pensamentos que regressavam e reconstituíam aos poucos o sentido da narrativa, sem despejar informações enciclopédicas no ouvido do público.

O pudor de tocar o conteúdo documental também foi algo que deixamos de lado na medida em que as falas foram se justapondo. Na edição, necessitávamos não apenas situá-las, mas também dar-lhes sentido sequencial, tirando-lhes o tom de escrita e emprestando-lhes coloquialidade.

Outro ponto interessante do processo a ser ressaltado é a intenção de deixarem-se revelar a natural forma fragmentada das cartas, a colagem inevitável de camadas sobrepostas, dirigidas a múltiplas audiências, palimpsesto com que intencionava representar o esfacelamento do homem naquele tempo em que suas liberdades individuais eram cerceadas e sua expressão política e ideológica era reprimida.

A imagem dos membros esparsos do poeta e cantor, *disjecta membra*, no mito de Orfeu, despedaçado pelas Bacantes, diga-se de passagem, enfurecidas pela *fidelidade* do herói a Eurídice, a ninfa, pareceu-nos sob medida para a representação deste monólogo de encadeamento mínimo para máxima expressão do que se quer dizer.

Se as cartas em questão já eram fragmentos literários em si, e se sua adaptação obrigava a outros modos de controle e dispersão, só mesmo a musa da literatura para reificar o sentido de seu conjunto unívoco, recolhendo cada parte dispersa para que o autor e a essência de seu texto pudessem ser "transduzidos" e, trazidos, de modo consistente, ao tempo presente, ao espectador teatral e ao nosso pensamento artístico.

CARTAS DA PRISÃO

(Monólogo de autoria de Marcílio Godoi baseado no livro homônimo de Frei Betto.)

SOLILÓQUIO 1

O que é ser livre? A novidade é a própria vida na prisão. A vida nesse subsolo absoluto. Mas quando o espírito é forte a prisão é suportável. Esse período não é um hiato em minha vida, é o seu prosseguimento normal. Eu sei que passo por uma importante experiência. Um entendimento. Eu sei o quanto o natal, esse Natal, representa para a minha família. Algo nasce aqui dentro de nós, alguma coisa que nos aproxima do pobre menino de Belém. Este Natal repete o mistério de Deus manifestado na criança da manjedoura. Vou ser forte. Os que nos prenderam são incapazes de entender por que permanecemos fortes, alegres e bem dispostos. Jamais daremos a eles o prazer de nos verem abatidos e tristes. Em algum lugar, aqui dentro, eu sei, eu sou livre.

CARTA 1 (Presídio Tiradentes) - Caro irmão Nando,

Como estão todos em casa? Há tempos penso em escrever-lhes, mas não foi de jeito. No DOPS gaúcho, fiquei em cela improvisada por tabiques no meio de um corredor. Havia dois beliches com colchões e cobertores. A luz ficava acesa durante a noite; estranhei de início, logo me acostumei. A comida vinha em bandejas, tipo restaurante estudantil. Não havia sanitário na cela. Duas moças, Aidé e Iria, que nunca vi, serviram-me de anjo da guarda enquanto estive na capital gaúcha. Me levavam frutas e lavavam-me a roupa.

No dia 26 ou 27 de novembro, não tenho certeza, trouxeram-me para São Paulo num avião C-47 da FAB. Em Cumbica, às três da tarde, a Polícia da Aeronáutica entregou-me ao Departamento Estadual de Ordem Política e Social. Eram duas viaturas, os policiais tinham armas pesadas, levaram-me com outros presos ao prédio do DEOPS. Na carceragem, guardaram num cofre o que eu trazia de dinheiro, relógio, gilete, canetas, livros, cadernos e fósforos. Fui trancado, com mais três presos políticos, na cela 7, do fundão. Além de dormir e conversar, nada havia a fazer. A cela tinha privada e colchões espalhados pelo chão. Um lençol, estendido de uma parede à outra, servia de “porta” da privada. A prisão é a melhor escola da arte de improvisar.

Decretada minha prisão preventiva, dia 12, vim transferido aqui para o Presídio Tiradentes; onde afinal me encontrei com os demais dominicanos. Nos primeiros dias, ficamos na cela dos incomunicáveis, no pavilhão dos presos comuns. Pouco depois, viemos para o pavilhão de celas especiais reservadas aos presos políticos.

Estamos aqui cerca de 200, só na minha cela tem 31. Temos revistas do Tio Patinhas em quantidade. Recebemos visitas todas as quartas. O banho de sol é de apenas uma hora, às terças e sextas. Estou certo de que tudo isso veio estreitar os nossos laços de família e nos tornar mais próximos uns dos outros.

De resto, confio plenamente no Senhor. Começo a aprender o quanto pesa a minha cruz. Mas, como diz Jesus, “meu fardo é leve; meu jugo, suave”. Daí a íntima felicidade interior que experimento nessa primavera de minha vida.

Um abraço amigo e saudoso,

Betto.

SOLILÓQUIO 2

Qualquer movimento estranho é motivo de suspeita. O clima aqui tá pesado, a vigilância aumentou. Calma rapaz, aguardemos os fatos - evite pensar “atos”. Vai que é do tipo “institucional” número 5... aí você está

ferrado. Caramba, essa comida é insuportável. Grande doutor Madeira. Se é preso político e os canas usam os seus serviços por economia, isso não é abuso por parte do estado? Vivemos um tempo engraçado, não quero nem garantia, mas um pouquinho de lógica. Não peço muito. Não reclamo. Mas não me peça para me submeter à injustiça... Sei que entrei de cabeça erguida nesse lugar. E espero sair do mesmo jeito. Não quero regalias, mas proibir missa? Aliás, quero ter o mesmo tratamento dos demais presos. Este é meu dever como cristão. Durante a ditadura do Getúlio, o Doutor Sobral Pinto invocou a Lei de Proteção aos animais para a defesa dos presos políticos. Não é que seria uma boa? Esse doce de leite saiu bom, não vai dar nem pro começo. Em comparação com os pais de família que hoje lutam contra a penúria eu nem estou tão mal agora. Aqui estou pelo crescimento do Evangelho. Senhor, faça de nós, dominicanos presos por proteger um ideal de liberdade, instrumentos de sua justiça e de sua paz.

CARTA 2 - Querida Aída,

Sabe que a prisão não proporciona até alegrias, e mais, nos permite grandes descobertas. Digo sinceramente. Descobri a dimensão da fé; agora, sei como vivê-la. Pode ser que não consiga levar muito adiante essa minha descoberta, mas sei que não terei mais a consciência tranquila daqueles cristãos dominicais, acostumados à espiritualidade mínima. Entre essas grades, encara-se a liberdade humana na sua radicalidade. Em outras palavras, descobri que é impossível ser livre por acaso e que as limitações supérfluas que a vida nos impõe não nos aprisionam de fato.

A limitação física completa - viver indeterminadamente entre quatro paredes - dilui todas as outras herdadas de uma educação burguesa. Não há como trapacear. O jogo é limpo, a verdade de cada um é o que vale. As palavras inócuas, as aparências, as ilusões, perdem o sentido. Cada um é reduzido à sua condição mais humana e, portanto, mais significativa.

O homem se vê face a face, se rodeios ou fantasias. Restam então dois caminhos: de um lado a fuga, o ócio, o medo, a loucura; de outro, a ruptura com o passado, o compromisso com o futuro, mesmo que esse futuro signifique a morte.

Aída, muito obrigado, não apenas pelo bolo e tal, mas sobretudo por sua amizade. Rezaremos por você e por todos os seus.

Fique em paz,

Frei Betto.

SOLILÓQUIO 3

Por que não aceitar com alegria a graça de viver isso tudo na carne e no espírito? Não foi Jesus perseguido, lançado ao cárcere, torturado, condenado à morte na cruz? Não tenho do que reclamar. Muito menos me arrepender. Quer saber? o que é loucura para os homens é sabedoria para Deus. Doentes, sentimos quanto vale a saúde. Presos, conhecemos o preço e, sobretudo o valor da liberdade. Ser livre é poder viver por uma fé ou uma causa comum. É no outro que encontraremos a nós mesmos. Nisso se baseia a mais fundamental e elementar relação humana - o amor. Creio que toda a nossa força consiste justamente em ter os olhos voltados ao futuro. Que seria de nós se não tivéssemos esperança? Ela nos imprime confiança e coragem. Aguardo, espero, anseio. Isso aqui é como estar na plataforma de uma estação de trem sem o trem e sem os trilhos. Será que estou ficando maluco? É que esse silêncio triste, sem nada a fazer, nem ódio para sentir... Em que será que pensavam os judeus e os comunistas trancados nos campos de extermínio, sabendo que a qualquer momento morreriam na câmara de gás? Talvez não pensassem em nada, como muitos aqui agora. Talvez só ficassem calados, surdos, à espera, não da morte ou do milagre de escapar, mas só à espera, sentir medo perante o inevitável. Mas o que é o medo? O medo se sente quando a situação é evitável. Agora, quando se sabe que nada depende de nós, que nada mais está em nossas mãos, o medo já não significa resistência. Resta só esse o silêncio. E essa espera. Frei Tito tentou suicídio e continua incomunicável. Ninguém consegue visitá-lo, nem ao menos saber o que se passa exatamente com

ele. Por isso estamos em silêncio. Amanhã o mesmo pode ocorrer com qualquer um de nós. Isso é mais do que o medo.

CARTA 3 - Querida família,

gostei de ver as fotos do Flavinho. Ao vê-lo gordo, disposto, alegre, mas ignorante quanto ao futuro que o espera, sinto que só vale viver pelas gerações que nos sucedem. Elas têm o direito de encontrar um mundo mais justo, onde homens e mulheres possam se chamar de irmãos e irmãs. Mundo em que não haja essa coisa ignominiosa chamada prisão. Porque homens prendem homens e os enjaulam como animais selvagens? Olho para o que está aí e olho para o Flavinho; sinto vergonha por não poder lhe oferecer coisa melhor. A razão de ser de nossa luta e de nosso sacrifício está no Flavinho, nos filhos pequenos de nossos companheiros de prisão, nas crianças brasileiras que aprendem na escola que somos uma nação livre porque um monarca português deu um grito de independência à beira de um rio...

O Tito já se encontra conosco. Acamado, manca, recupera-se dos sofrimentos recebidos. A intenção do Exército era interrogar de novo todos os dominicanos; consideraram que os nossos depoimentos no DEOPS haviam sido colhidos a toque de caixa. Agora Tito está bem, com o moral altíssimo. Todos os que resistem ficam como o moral bem alto entre os seus.

Seremos denunciados. Meu desejo é que passe logo a fase do processo a fim de que, conhecida a pena, possa planejar melhor a vida na prisão. Sinto-me psicologicamente preparado para o que der e vier. Recebi os doces de leite na palha. Continuemos unidos na expectativa da Páscoa. Agora é o momento da paixão. Logo tudo se fará luz!

Com amor,

Betto.

SOLILÓQUIO 4

Sinto que o meu organismo está se adaptando aos poucos. Dá para ver alterações curiosas. O embotamento de alguns sentidos faz despertar outros. Comemos sempre com colher, aprendemos a manejá-la tão bem como se usássemos garfo e faca. Estes dois instrumentos tornam-se perfeitamente dispensáveis, tudo é questão costume. Como será que o papa recebeu a carta que lhe enviamos? Não vejo necessidade em usar dois pratos na mesma refeição. O mesmo prato serve para a comida e a sobremesa. Aprendemos a descascar laranja com as mãos tão bem como a faca pode fazê-lo. Hoje me bastariam duas calças e duas camisas. Nesse sentido, a prisão é muito educativa. Ensina-nos a viver em comunidade, a saber estudar com barulho, a dormir de luz acesa... acho que o pontífice deve ter ficado feliz e preocupado em saber de nós.

CARTA 4 - Meu caro frei Carlos,

Ao sermos transferidos do DEOPS para o Presídio Tiradentes recebemos o *A Palavra de Deus na história dos homens*". Foi como se víssemos num espelho toda a situação que enfrentamos. Já frequentamos demasiadamente a mesa dos ricos, as tapeçarias dos palácios, os poderosos nos palanques. Chegou a hora de retornar aos pobres, aos perseguidos, aos que lutam por justiça, aos cárceres em tempo de opressão. Em nenhum momento lamentamos viver atrás das grades. Aqui, em nossos companheiros políticos e comuns, encontramos a imagem viva de Jesus Cristo. Para nós, a prisão é uma profunda experiência teológica. Compreende-se por que, para nós, cristãos, o caminho da glória passa pela cruz. Muitos presos aqui leram o seu livro e nos perguntam: porque só agora a Igreja nos mostra as coisas por esse ângulo? Agora, de novo, os cristãos vêm parar na prisão.

As autoridades decidiram que não somos religiosos e cristãos, e nos proibem celebrar missa. Impossível nos proibirem de rezar. Inserido na história, Cristo a transcende. Nesse ponto a liberdade do cristão se completa. A encarnação é seguida da ressurreição. Por isso falamos aos nossos companheiros que, enquanto houver um homem oprimido, seremos sempre subversivos.

Nosso compromisso não é com esta ou aquela forma de governo, com as relações de trabalho ou tal ideologia. É com a pessoa humana, cuja dignidade conhecemos na mesma medida em que é negada em nós. Sinto aqui o momento de tensão entre o amor e o desamor.

Fique com Deus,

Frei Betto

MONÓLOGO INTERIOR DIRETO 1

Se um dia algum de nós escrever suas memórias do cárcere, sem dúvida o capítulo sobre este sequestro será dos mais interessantes. O que vivemos aqui durante essa semana foi um jogo de vários parceiros e poucas oportunidades de alguma vitória. À tarde as rádios anunciaram que o sequestro fora praticado em vista da troca do cônsul por presos políticos. Todos os presos políticos são enquadrados pela polícia num grupo de esquerda. Conforme a sigla que assinasse o sequestro, poderíamos mais ou menos prever quem seriam os escolhidos. O Otávio Ângelo ficou pálido, emocionado ao ouvir o seu. Há apenas dois meses estava preso. Toda a cela, uma só voz, cantando a liberdade foi lindo. O júbilo aqui se assemelha à véspera de uma anistia geral. Os rádios ligados, as autoridades não encontram o preso conhecido como Toledo. Quem será esse Toledo? Novas esperanças, novas hipóteses. Toda noite é o prenúncio de um dia claro. O jogo das contas de vidro. Faz frio, vamos de yoga. Preciso estar bem. Com esse professor, a solidão, vou aprender a corrigir os erros a que acostumei meu organismo. Nunca respirar pela boca e pelos pulmões, sempre pelo nariz e pelo diafragma. Tirei o travesseiro, de cabeça para baixo irrigo o cérebro. Toda tensão nervosa desaparece se me concentro. Cesso a respiração. Volto a ela normalmente, corrijo a alteração cardíaca provocada pela emoção ou apreensão. Pronto. Tranquilidade recuperada. Quando esse carcereiro sobe com a ficha de alguém, é sinal de interrogatório. Bingo. É comigo. O secretário de segurança gaúcho disse à imprensa que “tudo começou com o Frei Betto”. Pronto. Pego algumas roupas, todos olham para mim. Estou algemado e escoltado. No olhar de espanto e apreensão deles vejo o meu. Ninguém sabe o que será de um preso quando sai daqui. A Rose, esposa do Luiz Roberto Clauset o visita. Aproxima-se de mim e me beija. Os policiais me puxam pelo braço. Já estou na viatura, saio do presídio. Quero achar o movimento da rua diferente, mas nada mudou. Tudo é o mesmo: a gente, os carros, o clima, não. O ar mudou. De poluído passou a irrespirável. A cidade tem seu ritmo. Alheio aos presos e aos mortos. Atravesso-a como um fantasma, irreal, assustador, que vai e volta de suas sombras. Percebo que meu mundo é bem outro. Meu mundo agora é grade, muro, metralhadora, algema, celas de luz elétrica, advogado, semblantes de jovens cheios de amor e liberdade, marcados pelo dor e o sofrimento. Meu mundo é a vibração viva e subterrânea da história.

CARTA 5 - Tunico,

Gostei muito da sua carta, do desenho que fez do cometa, dos ovos de Páscoa. Vejo que vai bem nos estudos. Não tive, como você, a oportunidade de ver o cometa: um dia o cometa voltará e vamos vê-lo juntos. Agora passou rápido, Deus mandou-o só dar uma olhada para ver com o estamos. O cometa veio de madrugada, quando todos estavam deitados, e fiscalizou a Terra. Não viu guerra, nem fome, nem desastre, nem briga, nada que há de ruim, porque todos dormiam quietinhos. Viu apenas os olhos das crianças que acordaram de noite para olhá-lo. E os olhos das crianças estavam cheios de luz e alegria.

Aí, Tunico, o cometa foi girando, girando, passou pelos Estados Unidos, pelo México, pelo Brasil, pela Europa, pelo Japão (viu os olhinhos apertados dos japonesinhos), e depois voltou para junto de Deus. E ao chegar no céu não encontrou Deus. Soube que Deus havia ido morar no coração das crianças e dos pobres.

Então o cometa mandou um recado a Deus, dizendo que tudo na Terra estava bem, todos se comportavam direitinho. O menino Jesus mora em seu coração. Um abraço de tamanduá.

Do tio Betto.

SOLILÓQUIO 5

Ironia do destino é Tiradentes, protomártir da independência brasileira, ter se tornado nome de presídio... Brincadeira. Bem que o presídio, para comemorar condignamente o seu patrono, podia abrir as portas... Se obedecida a fila dos processos, é provável que sejamos julgados no ano que vem. Duvido que a solução final seja dada antes. Esta foi a semana santa vivida mais intensamente por mim. Colocados em situação semelhante à de Cristo, participamos melhor de seus sofrimentos. Eles se prolongam em nós. São Paulo consola: *“ Em tudo somos oprimidos, mas não sucumbimos. Vivemos em completa penúria, mas não desesperamos. Somos perseguidos, mas não ficamos desamparados. Somos abatidos, mas não somos destruídos. Trazemos sempre em nosso corpo os traços da morte de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo.”* Hoje o dia está excepcionalmente belo, ensolarado. Igual àquele de São Leopoldo quando fui nadar no lago do Seminário Cristo Rei e soube que a polícia estava à minha procura. Na fuga não durei muito e agora estou aqui. Mas na cadeia domingo também é domingo. Sete ou oito tiros. Ouviu? Não sei de onde vieram. Nem para onde. Deus esteja. Ontem os jornais publicaram nota oficial do governo; "No Brasil não existem presos políticos, só bandidos!" Maravilha, fui promovido! Bandido para o Estado e frade para a Igreja. Mas Cristo não foi sacrificado ao lado de dois ladrões? Portanto, para nós a piada não é nova. Durante séculos a Igreja justificou a ordem social em que vivemos. Os valores dessa ordem eram tidos como cristãos: a propriedade privada, a tradição, o liberalismo etc. De tal modo uma e outra coisa se identificava, que se chegou a falar em "Civilização Ocidental e cristã". Então, em defesa das "minorias católicas" Eisenhower (que era protestante) enviou soldados ao Vietnã. Em defesa do "mundo livre" o Camboja foi invadido e suas aldeias dizimadas. Na África do Sul, os cristãos invocam a Bíblia para tentar demonstrar a origem divina do *apartheid*. E um Bispo como Don Sigaud pode afirmar, sem risco de ser considerado herético, que a ordem social, dividida em ricos e pobres, provém da vontade divina que não quer todos os homens iguais... Ora, façam-me o favor, o Cristianismo não se identifica com nenhuma ordem social; o cristianismo desafia e contesta todas elas. As leis são feitas por homens e, no capitalismo, por homens interessados em defender seus interesses e privilégios. Por acaso o Estado representa algum direito divino? Então é inevitável o choque entre Igreja e Estado. Entre cristão animados pela caridade e poderosos apegados à letra da lei. Ser cristão implica riscos, ações concretas, tomadas de posição, e não apenas um vago sentimento religioso de quem aguarda a vida eterna com muito apego à vida material, presente. Não adianta, não vou conseguir dormir.

CARTA 6 - Ana e Nando,

Quando cheguei ao presídio, em Dezembro, havia uma população carcerária de cerca de 100 presos. Hoje somos quase 300. Dentro da cela não há nem ricos nem pobres.

Todos recebem o mesmo tratamento, têm os mesmos direitos. O que vem de fora para um é de todos. O único desnível é de ordem intelectual. Mesmo assim, procuramos atenuá-lo através de cursos improvisados. Estranho pensar que já estou aqui há meio ano. Passo as tardes dedicando-me à teologia. De vez em quando, à noite, fazemos uma roda de samba.

O pessoal é de uma voracidade canina. Se servir pedra ensopada, não fica sobra. Mas não é sobre culinária que pretendo falar hoje. A prisão é uma instituição tão absurda como enterrar um homem vivo. Nem pune, nem corrige. Sua única finalidade é afastar do convívio social aqueles que atentam contra a segurança dos donos dessa sociedade.

Sinto algo crescer dentro de mim, como se eu saísse da neblina para ver tudo claro: o que eu quero, como, de que sou capaz, a que estou disposto. Cheguei a um ponto do qual é impossível regressar. Qualquer recuo significa traição ou suicídio.

Aqui ocorre um fato curioso: um grupo de meia dúzia de presos políticos aderiu ao atual governo, que acreditam ser nacionalistas e antiimperialista. Um deles esteve em Brasília para dialogar com assessores da Presidência da República. Agora percorrem as celas, expõem suas posições, afirmam que o governo tende a uma abertura democrática, começando por soltar os presos políticos sem implicações em ações armadas. Esses rapazes estão cavando a saída deles. Um está condenado a 22 anos. Deve ter entrado em desespero, só pode ser isso.

Se minha liberdade dependesse de acordo com o atual governo, preferiria passar a vida na cadeia. Também há entre nós os mercenários. A César só podemos dar o que lhe pertence e interessa: o dinheiro. A Deus, tudo mais, sobretudo a vida.

Com o meu carinho,

Betto

MONÓLOGO INTERIOR DIRETO 2

Em pequenas aldeias do interior da Alemanha, durante a última guerra, as donas-de-casa reclamavam da fuligem expelida pelas chaminés das “fábricas” nazistas. Ninguém via nada, o único sinal era a fuligem. Derrotado o nazismo, o mundo soube que aquelas “fábricas” eram campos de extermínio de judeus e comunistas. Tarde demais. A fuligem desaparecera, as vítimas também. O Vigário permaneceu calado. O ar que respiramos agora está poluído. Quem percebe isso? Mas a Igreja não são os bispos, afirma o Concílio. É o povo de Deus reunido em Jesus Cristo. Na história, quem errou ao ficar do lado do futuro? Nenhum ditador, nem Hitler ou Stalin, jamais se consideraram como tal. Enquanto estão no poder, são tratados como presidentes, generais ou chefes de Estado. Estamos no Brasil, guardadinhos neste presídio, onde até a poeira torna-se familiar a nós. Dom Agnelo Rossi deu entrevista ao *Estadão* afirma que a nossa atitude nada teve a ver com o Cristianismo. Disse que não fomos presos nem confessando, nem comungando... Como se o cristianismo fosse apenas confessar e comungar – coisa, aliás, que Jesus não fez. “Nem todo aquele que diz ‘Senhor, Senhor, entrará no Reino dos céus’ Continuamos tão prisioneiros quanto antes: sem denúncia nem nada. Acho que estão mais interessados em nos dar chá de cadeia que condenar. Quem tem a barriga vazia não consegue rezar. Fomos vacinados contra a varíola. Até agora a denúncia não saiu; ouvimos dizer que não será publicada nos jornais. Não duvido mesmo que também o nosso julgamento – se houver! – seja às portas fechadas, como já tem ocorrido. Quando tudo isso for contado no futuro, uma pergunta ficará: e a Igreja, não disse nada? Não quero que venha em nossa defesa, mas é sua obrigação defender os direitos da pessoa humana, promover os pobres, combater as arbitrariedades e essa sujeira aqui dentro. A pergunta paira ainda sobre a Alemanha, onde 6 milhões de judeus foram dizimados sem que “ninguém visse”. Paira sobre o que acaba de acontecer no Vietnã. É a política do silêncio. O pecado da omissão. É inaceitável a covardia diante dos fatos. Faz muito frio e chove, é bom. Para quem não tem que sair de casa...

CARTA 7 - Queridos pais e manos,

Sabe aquele prisioneiro que conta os dias de prisão, como nas revistas em quadrinhos, riscando a parede? É um homem perdido. Retido por tempo indeterminado, sem julgamento, não posso me entregar à ansiedade da saída. Senão enlouqueço. Luther King, que admiro, revelou-se um homem capaz de optar pela morte por amor aos outros, sobretudo por seus irmãos negros. Confesso, porém, não estar inteiramente convencido da validade, ou melhor, da eficácia de seu método de luta. Repare o exemplo de Gandhi. Um homem admirável, de méritos pessoais incomparáveis. Mas inconsequente do ponto de vista histórico. A Índia não mudou muito. Outrora dominada pelos ingleses, agora está em mãos dos estadunidenses. Não é por meio de iniciativas isoladas, de esforços generosos, ou com homens carismáticos que construiremos um mundo melhor. E é difícil aprender a nadar sem se jogar na água.

São Paulo diz que a paciência gera a esperança. Se esta é grande, aquela é maior ainda.

Daí a nossa disposição. O texto da denúncia contra mim é longo: a gente torce e não sai nada. Nenhuma grave acusação pesa sobre mim. Embora saiba que minha atividade no Sul é considerada delito, não espero convencer o Tribunal Militar de que auxílio aos perseguidos é dever e direito da Igreja.

Agora espero o início dos interrogatórios. A respeito do meu aniversário: não se incomodem, ainda farei muitos outros aniversários e tenho a esperança de passá-los junto a vocês. Pelo menos a partir dos 70 anos... Sei que papai não gosta que eu fale assim, mas em matéria de cadeia é sempre bom ser pessimista.

Vejo aqui companheiros em depressão porque sonham sair na próxima semana. São poucos, mas acontece. Sem data marcada, vivo mais tranquilo. Só olho o calendário ao escrever cartas.

A goiabada fez sucesso,

Betto.

SOLILÓQUIO 6

Essa cela tem 160m², está ocupada por 41 pessoas, vários beliches e constitui meu pequeno e intenso lugar no mundo. Estou na parte superior de um dos beliches. Daqui estendo a mão e apanho pijama e a blusa de frio dependurados no meu varal de barbante. Aqui em cima, na tábua entre as vigas do teto, guardo roupas e livros, meu armário. É mínimo o movimento para alcançar qualquer objeto de uso pessoal, que conforto. Duas calças já são demais. Espero, pelo resto da vida, viver com isso, sem sujeitar-me às exigências da sociedade de consumo ou a essa mania burguesa que não se conforma com o fato de se vestir a mesma blusa de frio durante três ou quatro anos. Ouço falar por aí que o governo pretende soltar todos os *frios* e julgar todos os *quentes*. Se sou quente, o Executivo que me ponha definitivamente em mãos do Judiciário! Faço economia de velas. Não perderei a conta do meu tempo de exílio em minha terra. O sono me foge, pela grade vejo o soldado dormitando na guarita. Um cochilo apreensivo, sem dúvida, como convém a um sentinela em serviço. Mais adiante é rua, pedaço de liberdade por onde trafegam faróis noturnos. Vão e vêm, vêm e vão, como se não tivessem aonde ir. Aqui dentro é silêncio, tranquilidade carregada de fé. Um fio de música brota do rádio do companheiro ao lado que lê um livro sobre Jesus Cristo. Ouço o latido de cães. Para quê a guarda canina se há tantas baionetas e metralhadoras no mundo, meu Deus? Inegável, porém, que algo queima aqui dentro. Há um barulho interior que, por vezes, me deixa surdo. Corro o risco de uma explosão incontrollável, eu sei. A distância que existe entre palavras e atos é a principal causa de uma eventual ruptura interior. Aceito o jogo dos verbos e dou os lances de acordo com o adversário? Se falo o que ele quer ouvir, calo-me para o que precisa ser dito. Aceito a mentira como etiqueta de convivência e convivência? Nesse jogo, derrotado pela ilusão, posso perder-me no labirinto que armo com a melhor das intenções. Meu aniversário está sendo realmente especial: hóspede do Estado, cama e comida de graça, em pleno centro de São Paulo, e a casa toda cercada por guardas armados (gentileza da Polícia Militar), janelas e portas artisticamente gradeadas; jardins iluminados por possantes holofotes. Vieram uns quarenta convidados, a sala está cheia. Como drinque, água torneiral do Tietê. Graças à arte culinária de dona Stella, o pernil e o bolo. Quase engolem a bandeja. Os convidados gostaram da festa, não arredam pé daqui. Decidiram ficar para comemorarmos juntos os próximos aniversários.

CARTA 8 - Liana e Rodrigo,

A prisão nos faz viver a solidariedade comum aos necessitados. Quem já morou em bairro pobre sabe o que isso significa. As pessoas naturalmente se unem para vencer as dificuldades, sobreviver com um mínimo de dignidade. Aqui também é assim, embora tenhamos que crescer muito nesse sentido.

Ao chegar aqui, imediatamente fomos colocados numa cela sem nada; logo apareceram lençóis, panelas, comidas, remédios, livros etc. Tudo enviado pelos companheiros presos. Essa mesma atitude sentimos de sua parte e de todos os irmãos aí fora. A verdadeira solidariedade é sinônimo de serviço gratuito. Não

exige nada em troca, não se limita ao supérfluo; antes, é entrega de si ao outro. Aceita riscos, sacrifícios, derrotas, problemas e dissabores.

Não é calculada, medida, legalista. Jesus tinha repulsa aos fariseus por causa do legalismo que os caracterizava. Várias vezes entrou em atrito com eles, que insistiam em colocar o ser humano dentro de uma asfixiante prisão de preceitos e normas. Passei 20 dias como eremita involuntário na prisão do Regimento de Cavalaria da Polícia Militar. Experiência ao mesmo tempo rica e assustadora. Não havia muito a fazer, ou mais propriamente, não havia nada. De modo que me entreguei mais afoitamente à oração. Eram dias longos como horas de espera do imprevisível. Acordava ao som estridente do toque de alvorada, caminhava a curtos passos pelo pequeno espaço da cela, fazia as preces matinais. Tomava um gole de café preto com pão e manteiga, voltava a caminhar, sentava na cama e estirava as pernas sobre a parede em frente. Como ocupação, para não deixar a imaginação solta, dava aulas, em voz alta, sobre todas as matérias que sei e que não sei, a fim de manter o raciocínio alerta. Como distração, cantarolava as poucas músicas que sei, inventava outras, deixava a memória bailar por fatos que renasciam com vivacidade fotográfica. Um dia refiz todo o projeto que, aluno do Barão do Rio Branco, eu percorria para ir do grupo escolar à nossa casa. No regimento, servia-se o almoço num prato de folha de alumínio; eu comia com a colher de pau que os soldados usam para fazer café. Arroz, feijão, macarrão, de vez em quando, umas folhas de salada e peixe frito. O suficiente, sobretudo porque eu não tinha fome, devido à completa falta de atividades. À tarde e à noite, o silêncio maior era quebrado apenas pelo tropel e relincho dos cavalos, de modo que podia entreter-me melhor com Cristo, meu companheiro de solidão. À noite, havia uma distração diferente e não muito agradável: acompanhar o passeio das baratas, bastante desenvolvidas para uma região escassa em alimentos. Cuidava de enxotá-las da cama, ali só havia espaço para mim. Num Domingo, permitiram-me receber o *Estadão*; Levei três dias para devorar o jornal de ponta a ponta. Não escaparam nem os cadernos de anúncios classificados. Dia 8, fui transferido para o Quartel- General. Bem melhor; cela ampla com banheiro dentro, banho de sol todas as manhãs, jornal diário. E tomei o primeiro banho desde que vim para a solitária, há 20 dias. Senti-me renovado. Apesar de tudo isso, sinto no íntimo uma grande alegria. Não por estar preso, mas por certificar-me o quanto verdadeiramente continuo livre.

Hoje faz exatamente um ano que estou preso. Não senti passar. As preocupações não me libertarão. Foram, ao todo, cinco prisões e oito celas. Hoje estou na cela 17: 6 ou 7mx3m, meia dúzia de pessoas, uma privada turca guarnecida por uma cortina de plástico enfeitada com pássaros que não cantam nem voam. Um fogão, duas mesas, prateleiras para mantimentos, roupas e livros. Uma ampla janela gradeada, por onde o frio ou o calor entram sem barreiras. Um pequeno rádio, que enche o ambiente de música o dia todo. Tal qual uma cabine de navio que navega pela sucessão dos dias.

Um ano presos por causa do Evangelho de Jesus Cristo. Aqui o temos diante dos olhos cheios de lágrimas e emoção. O sofrimento é o ponto de encontro dos cristãos, porque é o prenúncio de nossa ressurreição.

Ontem foi meu dia de trabalho na cela. Acordei cedo para providenciar a retirada do lixo, todos os dias recolhido em latões que atravessam de ponta a ponta o corredor do pavilhão. Arrastados, fazem muito barulho e nos acordam. Em seguida vem o pão, num grande cesto de vime. Dois por cabeça, geralmente cinco ou seis de quebra. O leite chega às 8h:30. Outro latão se arrasta, puxado pelos corrós que gritam de cela em cela “Olha o leite!”. Esses preso correccionais, comum, fazem os serviços do corredor do pavilhão, levam cigarro de uma cela a outra, revistas, dois tomates, um copo de açúcar etc. Quando estão *na tranca* (guardados na cela), usamos a *teresa* – uma corda de barbante ou fio de plástico, tendo na ponta um saco de plástico. A outra ponta fica na minha mão. Jogo o cigarro, dentro do saco plástico, para a cela em frente ou vizinha. Se erro, puxo de volta e tento novamente, até o companheiro apanhar a encomenda. A *Teresa* passa tudo, inclusive vassoura. Jogo o saco de plástico com um pé de chinelo dentro (para dar peso), o companheiro apanha do outro lado e puxa. Na ponta de cá segue a vassoura amarrada. Viva a Teresa!

Roubara-nos meia hora. Nova discussão, lá embaixo, à porta do gradeado. É uma enorme jaula. Se o sol entra no gradeado, bem; se não entra, amém. Subimos às 11h:30, sob promessa de mais meia hora de sol,

à tarde. Meia hora de sol! Isso significa muito para quem passa todo o tempo trancado. Jamais pensei que um dia iria brigar para poder ficar mais meia hora exposto ao sol. Cansaço.

Com Deus,

Frei Betto.

CARTA 9 - Chistina e Carlos,

A natureza concedeu-me serenidade, e esta tem sido minha melhor companheira. Munido disso, assisto ao desfile das horas, dos dias, dos meses. Tudo passa e eu fico; estou à espera, não posso abandonar o posto. Não é bem resignação diante do destino, como quem sofre calado por considerar covardia a situação mais cômoda diante de um mundo agressivo. É uma atitude consciente de quem sabe que as causas vão muito além dos homens que as defendem. Há um saldo positivo em tudo isso. Hoje, sinto-me mais maduro, mais realista, mais experiente. Sei que a prisão me imprime reflexos e hábitos que me acompanharão ao longo da vida. Haveré de conservar alguns, outros ficarão aqui, são próprios da vida de reclusão. Talvez eu não resista à contaminação e que readquira velhos hábitos. Algo, porém, pretendo conservar: o gosto pela solidão.

Isso aqui é um edifício assustador; foi senzala de escravos e é tão velho quanto a tragicidade da condição humana. No térreo, os convidados ao banquete. Uma ou duas centenas de homens; vivem segundo a lei da selva. À noite, espalham suas mágoas ao vento, ao som do batuque de latas e caixotes. Cantam a própria impotência diante do mundo e da vida. Sofrem no silêncio de suas vidas anônimas, são *os marginais*. Desde a margem, assustam os que passam pela estrada. No andar de cima, outra centena, quase todos enquadrados na Lei de Segurança Nacional, enfiados em celas que mais parecem compartimentos de um grande frigorífico. Ao fundo, estamos nós, os presos políticos. Numa cela, isolados, separados, meia dúzia de cristãos. Não nos permitem falar e conviver com os demais presos. Sei o quanto resisto ao ódio. É preciso estar alegre, saber amar com todas as forças para que o desespero e o ódio não nos dominem. É preciso serenidade, senão o vasto corredor que atravessa essas celas nos engolem. É preciso paciência, senão o barulho de portas e chaves que não nos pertencem nos ensurdece. É preciso confiança, a existência humana é radicalmente transcendente, e essa transcendência, sentida mesmo por quem não tem fé, é o que nos impele ao suicídio.

Mal se consegue pensar numa situação dessas, em que o imprevisível se transforma em realidade decisiva. Voltamos àquele estado de expectativa total. Tudo é espera, tensão, surpresa. Não há prazos nem certezas. No ar, a fatalidade como presente.

É o terceiro sequestro que acompanho de dentro da prisão. O preso, mesmo convencido de que seu nome não será reivindicado, dificilmente consegue abstrair-se da possibilidade de uma liberdade inesperada. Participa da expectativa coletiva, que envolve a todos. Cada notícia, cada nova negociação, é como se a sua vida estivesse sendo decidida num jogo de dados. Tito, incluído na lista dos sequestradores, já assinou o termo de banimento.

Estamos em tempo de festas. Tempo de confraternização num mundo tão dividido. Tempo de alegria onde há tantas lágrimas. É tempo de revisão, de exame de consciência. O cárcere é uma espécie de genuflexório onde ajoelhamos diante da própria vida. É uma janela do mundo, da qual vemos tudo e todos. É sobretudo a reunião dos segregados, banidos do convívio social. Na carência da liberdade reside a nossa solidariedade. Mas a prisão tem seus limites, por pior que seja. Retém o corpo, não o espírito, nem a mente, a fé, a história. Faz reconhecer que a liberdade é muito mais que simples movimento físico; nem sempre estar livre significa ser livre. Esta é a angústia do homem moderno, sobretudo nos países desenvolvidos: julga-se livre sem saber o que fazer dessa liberdade. E sente-se preso, cada vez mais preso ao abusar de sua liberdade. Busca, então, a realidade imaginária, a vertigem dos sonhos, o frenesi das sensações, numa tentativa desesperada de liberta-se. De que? De si mesmo, em si mesmo, para si mesmo. O Natal me faz meditar sobre o sentido cristão da liberdade.

Qual a liberdade de Cristo? Não foi, como ele mesmo deixou claro, a de fazer qualquer coisa, mesmo o que estava ao seu alcance. Poderia ter convocado uma legião de anjos para salvá-lo da morte na cruz e, no entanto, não o fez. A liberdade dele foi sinônimo de serviço. Mesmo na cruz permaneceu livre.

Com o meu abraço,

Frei Betto

MONÓLOGO INTERIOR DIRETO 3

Réveillon carcerário. Não sei se é menos um ano de prisão se é mais um de espera. Com esse calor, tenho a impressão de estar dentro de uma panela de pressão. O suor escorre me em bicas pelo corpo. O banho engana, mas não refresca. Nem dá vontade de comer. O carcereiro quer saber como suportamos esse abafamento, está com calor pela gente. Deitar é impossível. Para quê dormir se posso me afogar no suor? O fogão na hora de esquentar a comida piora a coisa. Esses mosquitos por acaso deram abrigo a algum subversivo? Sumam daqui! E essa formiga lava-pés? Entraram para a igreja, ajoelharam e não rezaram? Como ninguém aqui é tatu, o jeito é comer formiga escaldada mesmo. Chegou o ravióli, coberto de formigas. Molho formigoni, delicioso. Tito seguiu para o Rio. Talvez, a essa hora, já tenha deixado o país. Agora somos apenas três: Ivo, Fernando e eu. Sem notícia do processo após 14 meses de reclusão. Eu existo? Como acostumar com não ser? Momentos de alívio, momentos de tensão. Do presídio, três incluídos na lista do sequestro não aceitaram viajar. Dois foram à TV declararem-se “arrepentidos”, “este é o melhor governo que já tivemos”, “preferimos ficar presos à sair do Brasil”. Melhor comer formiga. A situação financeira do convento vai de mal a pior. Os frades tentam esconder de mim que os dominicanos quebraram. Eu tenho como ajudar. Quero trabalhar, estou preso, não doente. Sou um encarcerado, não morri ainda. Ainda. Ainda.

CARTA 10 - Querida Valéria e Aída,

Espero que esta carta chegue às suas mãos. A última, a censura reteve porque escrevi *que enquanto o motivo pelo qual estou preso continuar existindo aí fora, não importa que eu esteja aqui*. Referia-me à ânsia de liberdade que envolve a nação. Eles temem as consequências dessa ânsia, fazer o quê. Chove; procuramos aproveitar as goteiras do teto para nos refrescar, pois o calor é *saárico*. Dia e noite, os presos gritam “água, água”!

Mas a nossa voz ressoa em vão pelos lúgubres corredores dessa prisão. Vê-se o quanto é fácil ao homem deixar de ser racional para ser simplesmente animal. De vez em quando, consegue-se uma vasilha de água barrenta, tirada de não sei de onde, que fervemos para beber. Em cada gole, desmoronam-se os nossos hábitos burgueses.

Temos visto aqui casos de profunda depressão, até mesmo loucura. Durante a madrugada o presídio é o retrato do inferno. Gritos, batuques, cantos desesperados ecoam pelo pavilhão como explosões de corações amargurados. Esta é a manifestação habitual dos presos comuns, com quem estamos misturados. Os políticos têm mais resistência. E uma enorme solidariedade. Ninguém está só entre nós. O importante é superar antigos hábitos. Logo, já não estranha viver numa cela que tem fossa sanitária dentro – ou numa fossa sanitária que tem camas ao lado. Há uma única torneira.

Aos 26 anos, sinto volatilizarem-se todos os meus sonhos e ilusões da adolescência. E descubro-me jovem e realista diante do futuro. A fé nos descortina o imprevisível.

Como imprevisível é tudo o que nos realiza – o amor, por exemplo. Ou tudo isso que leva uma pessoa a possuir sobre si mesma: a pobreza, a prisão, a agonia, a luta, a esperança em um futuro que, como uma rosa, brota de mãos que agora se agarram a um caule cheio de espinhos. A crueldade da prisão leva-nos a desejar ser bons, sem cumplicidade com o mal. Despe-nos da velha roupagem social, arrebenta o invólucro colorido que outrora nos encobria a consciência.

Um abraço cheio de amizade,

Betto

SOLILÓQUIO 7

O tempo de cárcere é apenas a travessia do deserto, rumo a libertação. Vale como um segundo noviciado, onde descubro ainda mais o mistério encerrado em Jesus de Nazaré. Hoje sei o quanto é falsa qualquer ideia de Deus que não esteja centrada no jovem galileu. Nele me encontro e defino. Mas reconheço o quanto estamos mal preparados para entender o apelo de Deus. Não que seja difícil, é simples demais. Enfim conseguimos celebrar uma missa. O padre Heitor Turrini é um homem extraordinário. Saiu do leprosário em que trabalha no Acre. Sensibilidade aguda a desse italiano de incansável valor apostólico. Uma missa simples, como as coisas de Deus e a vida aqui. As catacumbas. Padre Heitor chorou, encontrou aqui algo semelhante ao que viu no Oriente. Como é significativa a missa que tem, por cálice, um copo; por altar, um banco de tábuas; por templo, uma cela apertada; por fiéis, prisioneiros! Fomos nós que, no decorrer dos séculos, complicamos as coisas. Fizemos do familiar, cerimonial; do coloquial, protocolo. Agora estamos naquela fase em que não sabemos se andamos de calção para acabar com o pudor alheio, ou se primeiro acabamos com o pudor alheio para, depois, andar de calção... Essa luta pela existência é, ao mesmo tempo, árdua e divertida. Sinto-me como quem viaja num veleiro, ao sopro dos ventos da história, balançando sobre as ondas do tempo. Não importa se, de vez em quando, sou atirado às águas. Sei nadar. O amor tem seus estágios. Primeiro nos libertamos no próprio ato de amar, na busca da pessoa a quem se ama. Depois, amamos para que os outros sejam livres. Enfim, aceitamos deixar de ser livres por amor a liberdade alheia. O mundo do cárcere me faz ver as entranhas da realidade. Nesses 16 meses de prisão, ainda não passei pela crise do desânimo. Em nenhum momento considerei o passado em vão e o futuro perdido. Difícil é sair dos labirintos em que os condicionamentos tradicionais nos colocaram. Terei força suficiente para resistir às tentações que Jesus foi submetido no deserto? Sofremos fascinação pelo poder, aspiramos a segurança em demasia, achamos que não é nada uma genuflexão perante quem tem dinheiro.

CARTA 11 - Querida Liana,

Em Jesus, Deus se faz homem com os homens, vive na companhia de rudes pescadores, é amigo de coxos, hanzenianos, estropiados e prostitutas, dorme a beira das estradas e dos lagos, discute com os fariseus que se sentem donos da religião, expulsa do templo os que fazem da religião comércio, é perseguido como um bandido, preso como um marginal, torturado como um desgraçado, e morto na cruz. Seu corpo devia ter sido atirado a vala comum, não fosse a boa vontade de José de Arimatéia.

Este Jesus ressuscitou. Porque tenho certeza da ressurreição de Cristo? Não é porque está escrito. É porque tenho uma experiência, íntima, pessoal, intraduzível, de relacionamento com ele. Impossível duvidar de algo que se experimenta no coração. É como a experiência do amor. Não é possível defini-la, medi-la, não se pode apalpá-la, vê-la, mas há a certeza do amor. É algo que mexe com todo nosso ser e a nossa vida. Mana, continue rezando pela gente. Aqui fazemos o mesmo por você. Mantenha-se firme na fé.

Um beijo com muita amizade,

Betto.

SOLILÓQUIO 8

A lua. Coisa que não me acontecia há tempos. A lua se reduziu a uma notícia de jornal. Da cela é impossível enxergá-la. Tenho plena consciência de ter agido sem buscar nenhum proveito pessoal. Eu sei o quanto tenho sofrido nessa longa e indefinida espera, por causa de um gesto incapaz de provocar em mim o menor remorso ou arrependimento. “Não faça isto!”, “O que tem aí na mão!”, “Vamos rápido!”. Isso acontece aqui o tempo todo e não é fácil suportar esse tratamento. Com o tempo, aprendi que quem vive

na selva não pode ter medo de cobra. Eu preparo as refeições. Aqui o leite é leite hoje, coalhada amanhã, queijo depois de amanhã, enrolo num pano e deixo desidratar, e manteiga na semana que vem. Enquanto isso, um preso aqui em frente usa a pouca luz da sua cela para mergulhar em suas tintas, pintando um quadro.

CARTA 12 - Querida Juliana,

No dia em que você nasceu, houve uma reunião no céu. O senhor convocou os anjos para escolher aquele que deveria acompanhá-la ao longo da vida. Os anjos compareceram em grande número. O senhor anunciou que uma menina nascera cercada de amor e que, a ela, seriam concedidos muitos dons – restava destacar um anjo capaz de cultivar, com carinho, toda beleza e bondade depositadas no coração da menina. Ora, não faltaram candidatos. Como muitos se apresentaram, o Senhor decidiu ouvir-lhes as razões antes de indicar a quem seria entregue a vida da menina.

- Já não suporto mais – disse o Anjo da Paz – a tarefa que me coube. Quanto mais dissemino a paz, mais os homens desencadeiam guerras. Antigamente era mais fácil trabalhar. A guerra era algo extraordinário, todos a repudiavam como uma peste. Hoje, parece já não tolerarem a paz. Há guerras locais, regionais, internacionais. Guerras curtas e longas, aéreas e terrestres. Criou-se uma indústria especialmente para o mercado da guerra. Há homens cuja profissão é fabricar armas que matam em maior número e em menor tempo. Estou cansado, Senhor, e peço demissão. Quero levar paz à Juliana. O Senhor anotou as palavras do anjo da Paz; considerou convincentes as suas razões. Antes, porém, de decidir, concedeu a palavra a um outro candidato inscrito, o Anjo da Liberdade:

- Minha tarefa também é cada vez mais árdua – disse ele. – No orçamento das nações estão previstas a ampliação das forças policiais e a construção de novas prisões. A terra foi retalhada em propriedade de uns poucos e dividida por cercas de arame farpado. A aspiração de liberdade tornou-se ameaça aos poderosos. Por isso também peço demissão, até que os próprios homens possam encontrar o caminho da liberdade. Quero levar liberdade à Juliana. O Senhor consultou suas anotações. Ia dar por encerrada a sessão, quando um anjo muito popular levantou o braço e pediu a palavra. Era o Anjo do amor: - Pela longa experiência que trago através dos séculos, posso assegurar ser impossível haver paz e liberdade se não houver amor. Os problemas do mundo só encontrarão solução ao se unirem paz, liberdade e amor. É preciso que trabalhem juntos. Ofereço-me também para levar amor à Juliana.

No dia em que você nasceu, Juliana, os três anjos, como os reis magos, apresentaram-se na sua casa. No céu, o Senhor acendeu mais uma estrela.

Um beijo na testa,

Betto.

MONÓLOGO INTERIOR DIRETO 4

Fomos colonizados pelos europeus, não pudemos repetir a experiência dos gregos, que impuseram sua cultura aos romanos que os dominaram. Os europeus não nos trouxeram a civilização, de fato nos impuseram *sua* civilização. Até há pouco se acreditava que o índio era um ser selvagem e primitivo porque anda nu, mora em cabanas, não sabe ler nem escrever. Hoje os antropólogos sabem que a cultura indígena não é primitiva, mas paralela. Muitos índios nos consideram primitivos, atrasados em relação a eles, que vivem nas selvas sem os problemas que enfrentamos nas cidades. O fato é que a Europa se impôs à América, África e Ásia. O branco tornou-se senhor do negro, do amarelo e do índio. Jesus identificava-se plenamente com seu povo; falava em aramaico, e suas parábolas estão todas baseadas no sistema de vida de gente que o cercava: pastores, agricultores, pescadores, viajantes, cobradores de impostos, soldados, fariseus etc. Vestia-se como eles, seguia-lhes os ritos, celebrava as suas festas. Era ele próprio um homem do povo. Em Jerusalém, os que o perseguiam não conseguiam distingui-lo dos outros. Nas pequenas cidades, cercadas de casebres, ergue-se acintosamente a torre de igreja; nossos templos permanecem

vazios à noite, enquanto os filhos de Deus abrigam-se ao relento, embrulhados em folhas de jornal; nossos colégios e conventos comparam-se às mais ricas mansões. Somos a imagem da Europa branca e rica em meio a um povo pobre, negro, mulato. A paisagem que me envolve é toda ela cimento e ferro. Uma atmosfera opressiva. Sinto falta de ar e espaço onde a vista possa se perder no infinito. Nasci numa terra de montanhas. E passei os primeiros anos da infância à beira-mar. Minha mais remota lembrança é a de brincar com um balde na areia da praia de Copacabana. Conservo a imagem, devia ter três ou quatro anos. Só a partir daí tomei consciência, realmente, de sua dimensão pessoal. Até então vivi na ilusão da lei da selva, na qual a competição destrói a cooperação. Abandonei a competição para buscar a cooperação. Abandonei os meus desejos, para dar lugar às escolhas necessárias. Descobri que toda opção implica renúncia. Minha sensibilidade foi educada pelo cinema. Os filmes mostravam-me, de modo mais vivo e cruel, o que já havia assimilado das revistas em quadrinhos. Convenciam-me de que o amor é um rosto bonito, um corpo bem-feito, e que, para ser boa, a vida deve estar repleta de aventuras incríveis. Para mim, o homem realizado era rico, bem vestido, perfumado, cercado de mulheres, servido por empregados prontos a satisfazer seus menores desejos. Saía do filme convicto de que poderia repetir a lição, desde que fosse suficientemente esperto para ganhar muito dinheiro. O ABC do Tio Sam. Este personificava, a meus olhos, o progresso, a civilização, a liberdade. Quem põe a mão no fogo, se queima. Se fomos iludidos sobre o amor, não podemos viver senão de ilusões amorosas e de amores ilusórios. Não podemos nos libertar dessa alienação, ou a nossa egolatria chafurda-se como um porco no chiqueiro, se não descobrimos a dimensão social da existência. O heroísmo, então, passa a ser o de um povo que concretiza as suas aspirações. O poder torna-se sinônimo de serviço; o amor, de dom.

CARTA 13 - Queridos pais e manos,

Recebi o queijo. Da sinusite, melhorei muito depois de instalar aqui na cela uma lâmpada infravermelha, que nos foi emprestada. Diminuí sensivelmente a umidade do ambiente e, nos dias frios, serve para esquentar-nos. Se bem que esse foi o inverno mais quente que já passei em São Paulo. Dois ou três dias daquele frio de enregelar os ossos e, o resto, um sol radiante se erguia lá fora.

Agora estou com problemas de dentes. Estão se descalcificando; quando mastigo sinto-os bambos e doloridos, e a gengiva latejante. Na situação em que me encontro, ingerir cálcio é praticamente inútil. Como quase não tomo sol, o organismo expelle sem efeito.

Faz dois anos que estamos presos. Dois anos de sofrimentos e alegrias, trevas e luz, perdas e ganhos. Dois anos de muito amor sob muito ódio, de inefável liberdade entre grades. Nestes subterrâneos da história, sentimos o quanto atua o Espírito de Deus, fazendo de todos aqueles que aspiram ao seu amor sinal de contradição.

Quantos anos viverei ainda sem ver o céu brilhando de estrelas e sentir a brisa do mar em meu corpo? Quanto tempo ainda fechado num quarto que é cozinha que é banheiro que é escritório que é oficina que é copa que é sala de ginástica que é templo, sem lá fora, sem poder ir e vir, vendo a liberdade física terminar numa pesada porta de placas de ferro e barras roliças, que jamais se abre senão pela vontade alheia? Quanto tempo transformado em folha de processo, entre tantos outros, em mãos de quem julga o réu desprovido de tempo e de espaço, reduzido a uma pena que soa como um número abstrato?

Deus nos abençoe a todos,

Betto.

SOLILÓQUIO 9

Um Natal muito feliz. Feliz? A situação que vivemos aqui nega toda e qualquer unidade. Nos separa e discrimina, desde as grades de ferro que limitam nosso movimento físico às manchetes de jornais que nos difamam. Quem vive segregado, aspira a viver o contrário disso – a unidade. São Paulo diz que devemos abster-nos de carne se, ao comê-la, escandalizamos alguém. Não havia condições de comungarmos o corpo

do Senhor ao lado daqueles que fizeram sofrer o corpo do homem criado a imagem e semelhança de Deus, e templo do Espírito Santo. Saí da missa, sim, se ficasse ali, transmitiria a imagem de uma Igreja que se submete docilmente aos poderosos, aceita as migalhas que caem da mesa dos ricos, está sempre cheia de sorrisos para os que governam e ameaçam. Não comparecendo, tomamos uma posição coerente com nossa pregação: uma Igreja solidária aos pobres e oprimidos, disposta a expulsar do templo os que o transformam em mercado - quanto mais os que profanam, pela tortura, o verdadeiro templo de Deus! *O Bom Pastor é aquele que dá a vida por suas ovelhas.*

CARTA 14 - Querida família:

Mãe, você fala pra gente cozinhar banana-d'água preta à milanesa. Descobri a mancada que dei: tem que ser d'água, né? Bem que o Fernando falou, ele que é da raça. Tasquei uma qualquer no ovo, na farinha de pão, na frigideira, e nada de a desgraçada ficar que nem aquelas que eu comia em casa. Ficou meia gozada mais comemos assim mesmo. O que fazer? O doce de abóbora chegou, o Ivo lascou uma colherada, o Fernando quase que mete o mãozão, eu entrei de sola e, num piscar de olhos, ficou ali em cima da mesa a vasilha, coitadinha, vazinha... Etã doce bão! Tudo acompanhado do queijão que a tia Ninita e o Tabé mandaram. O queijão parece um monumento aqui na cela. Mas de lasquinha em lasquinha ele já tá diminuindo. E os doces? Cada um mais pralém de bão que l'outro. Vê se a carta num tá com cheiro de linguça. É que tô de mão toda linguçada, às voltas com o molho do macarrão domingueiro.

Betto

MONÓLOGO INTERIOR DIRETO 5

Acreditamos sempre que as conquistas do tempo em que vivemos são as que a humanidade poderia almejar de melhor. Sim, haverá progressos tecnológicos, dominaremos o espaço, o clima, os mares. Mas supomos que nada poderá substituir a democracia ocidental como forma de governo, a propriedade privada, a produção e o comércio de mercadoria, o matrimônio e as relações sociais – tais como existem hoje. Acreditamos mesmo que estão de acordo com o direto natural, por isso não podem ser muito diferentes do que são. Qualquer mudança radical na estrutura democrática em que vivemos se nos apresenta como perigo e degeneração. O que fez modificar as antigas civilizações? O que fez evoluir a história? Foi Ciro, Alexandre, César, Napoleão? Seria ingenuidade supor que as revoluções ocorrem, ou melhor, decorrem da vontade pessoal de um homem. Em qualquer sociedade os homens desenvolvem atividades produtivas que determinam suas relações de produção e a ideologia predominante. É pelo trabalho humano que a natureza é redimida – e é no fruto desse trabalho, o pão e o vinho, que o Senhor nos redime. Outrora o trabalhador ia ao mercado oferecer o fruto de seu trabalho, que lhe pertencia; agora o trabalhador vai ao mercado sem nada a oferecer – exceto sua força de trabalho (músculos e cérebro). O patrão, dono do capital, da matéria-prima e das máquinas, aluga a força de trabalho do trabalhador. O preço que paga por este aluguel não equivale ao que produz o trabalhador, e sim ao preço da quantidade mínima de mercadorias que o trabalhador necessita para poder viver em condições de produzir e reproduzir-se (gerar novas forças de trabalho). Isto é o salário, que, entre outras coisas, impede o trabalhador de possuir instrumentos de produção próprios. O sistema em que vivemos é intrinsecamente mau, sua existência supõe necessariamente a de uma classe trabalhadora explorada por outra classe que controla os meios de produção e as fontes de matéria-prima. Se concordamos com esse raciocínio, então todo o nosso esquema pastoral e a nossa teologia passarão por uma profunda modificação. Como procurar o Reino de Deus e sua justiça sem denunciar este mecanismo de exploração? O Estado não passa de um instrumento à serviço da classe dominante. É inútil clamar ao Estado que sirva de conciliador nos antagonismos sociais ou impeça aos ricos serem cada vez mais ricos e aos pobres cada vez mais pobres. As leis existem de acordo com os interesses da classe que detém o poder. E não existem leis para coibir abusos da burguesia, reduzir sua taxa de lucro, controlar o aumento do seu capital. O mecanismo social é muito mais cruel do que parece superficialmente. E é tanto mais cruel quanto mais capaz de nos impor

uma ideologia – através da TV, do rádio, dos jornais, da cultura vigente – que nos faz acreditar que este é o melhor do mundo e que, por isso, devemos querer preservá-lo, ter paciência, pois as desigualdades sociais serão, com o tempo, devidamente solucionadas...

CARTA 15 (Carandiru, pavilhão 5, cela 5.4144-1) - Queridos pais e manos,

Aqui as coisas não vão bem. Mudaram todos os presos do pavilhão 1 para o 2. As celas estão superlotadas. Suspenderam a visita por 15 dias, o banho de sol por oito. Imaginem esse calor, as celas lotadas, o pessoal sem sair ao menos um pouco para o banho de sol. A razão de toda essa mudança, dizem, é que vão entregar o presídio ao Exército. Não creio nisso, não há nenhum presídio do país em mãos do Exército, interessado em evitar uma imagem policial. Dizem isso para nos intimidar, já que temos protestado contra as péssimas condições carcerárias. Em qualquer penitenciária os presos passam boa parte do dia fora da cela, há campos de esporte, salas de estudo, oficinas. Aqui tudo é na cela. Isso depois de dois ou três anos, torna-se insuportável. É fácil saber o que significa, basta você trancar-se num quarto, pôr um fogão e um sanitário lá dentro, e deixar passar o tempo.

Se isso ocorre conosco, imaginem o sofrimento dos presos comuns! O que se passa nas penitenciárias, nas delegacias, são coisas que nem mesmo um dramaturgo é capaz de imaginar, a menos que descreva seus personagens com requintes de perversidade. Em tudo isso apreendo o mistério redentor de Jesus Cristo. Jamais poderia crer num Deus que não tivesse, Ele próprio, sido o mais oprimido dos homens. Nem poderia ter uma fé que não tivesse como centro a Páscoa. A todos aquele abraço, especialmente ao papai, por quem rezo todos os dias,

Betto

MONÓLOGO INTERIOR DIRETO 6

Cinco dias de absoluta falta de água. Os presos comuns, na faxina. O dia todo arrastando latas para suprir nossas necessidades. A cela repleta de vasilhas, nosso tanque de reserva. Um banho se torna mais premente. Após cinco dias assim, "descobrem" o registro fechado... Hoje à zero hora tem greve de fome contra o isolamento de companheiros que, desde ontem, começaram a ser transferidos para a Penitenciária do Estado. O delegado Lessa, do DEOPS tenta demover-nos. Deixamos claro, entendimento só é possível: com a volta de todos os companheiros ao presídio; mediante a palavra do arcebispo dom Paulo Evaristo Arns, escolhido por nós como mediador. Os cartazes sobre a greve, que afixamos às portas das celas, são arrancados pelos carcereiros e levados, junto com os alimentos, para a carceragem. Um fotógrafo do DEOPS vem tirar fotos do material. Somos retirados às 15 horas sob cantos de despedida dos companheiros que ficaram. Havia inúmeras viaturas do DEOPS, dezenas de policiais, a tropa de choque da Polícia Militar, policiais com *walkie-talkie*, etc. Durante o percurso, sirene ligada. Sou algemado com Fernando, na mesma viatura, Russo e Antenor. A penitenciária é uma fortaleza, enorme, sinistra, vários pavilhões de cinco andares cada um. O prédio é de 22, o regime interno é militar, celas individuais. Ingressar neste imenso mundo de dor e miséria, verdadeiro sarcófago de cimento e ferro, é como fazer uma romaria! Na seção de Inclusão, preenchemos ficha e somos despídos para a revista. Olham peça por peça nossas roupas. Dão-nos uniforme de preso comum: calça, calção, blusão cáqui de brim, camisa de malha amarela, sapatos pretos. Cada um recebe um número; aqui vale mais que o nome. O meu é D.P. 2.405. hoje não sinto fome. Passo o dia apenas com um pouco de dor de cabeça pela manhã. Frio. Não nos dão agasalhos. Vou reclamar ao diretor. Não tenho fome. Bebo água pura, continuamente. Vêm oferecer café; recusamos. Estamos dispostos a vencer ou morrer. Nunca encarei a morte com tanta tranquilidade, como quem aguarda um passeio na eternidade. Sei que não nos deixarão morrer – não há condições políticas de “pagarem pra ver”. Seria um preço muito alto, sobretudo devido à repercussão no exterior. O carcereiro bate de porta em porta, até que o preso responda, para certificar-se de que não morreu durante a noite. Ouço um carcereiro dizer que ficaremos trancados na cela durante 90 dias. Até lá será outra vida... Geralmente, quando um preso chega à cadeia, fica na “prova”, ou seja, no isolamento, em cela forte,

durante o mínimo de um mês. Aqui as celas fortes são fechadas, quase não entra a luz do sol, não tem água, apenas um colchão no chão. Trancado lá dentro, o preso fica nu, de cabeça raspada. Aos poucos, ganha o direito de usar roupas. No fim da “prova”, passa a integrar-se no sistema dos demais prisioneiros. Na oração ocupo meu tempo. Alegro-me viver na carne essa solidariedade aos famintos na Terra. Senhor, dê-nos força e coragem. Se a vida terminar aqui terá valido a pena. No Tiradentes, os companheiros não têm visitas, estão em greve de fome. Cada um na janela de sua cela, cantamos em conjunto e proclamamos nome e número das celas ocupadas pelos 18 presos políticos que aqui se encontram. Fim da tarde. Vem mais um pouco de dor de cabeça. Fome, nenhuma. Rezo o terço. Pai Nosso...

CARTA 16 - Mamãe, um beijo.

Agradeço o que mais importante você me deu: a vida e a fé. Dormi bem, acordei com dor de cabeça. Todos continuam firmes na greve. Fizemos a chamada através da grade; cada um gritou o próprio nome. Já não posso fazer muito esforço. Sinto que perco as forças. Tive ânsia de vômito e dor de cabeça no fim da tarde. O enfermeiro deu-me magnésia e aspirina. O moral da turma é excelente. “Não desanimes diante deles, porque eu farei com que não temas na sua presença”(Jeremias 1:15).

Hoje cedo, Ivo, Vanderley, Paulo de Tarso Venceslau e eu fomos ao ambulatório. O médico tirou nossa pressão, receitou aspirina para dor de cabeça. Descemos para fotografia e identificação. No setor de Inclusão, fizeram-nos a barba. Apanhamos objetos de higiene e a bíblia. Enfim, terei o que ler. Passei muito bem o dia de hoje. Faltou água durante a tarde. Leio Jeremias. Hoje é o quinto dia sem comer. De manhã, ambulatório. Fernando não se sente bem. Fui ver minha sinusite, o otorrino não estava. Recebemos vacina contra varíola, tétano e tifo. Não é fácil controlar o apetite da imaginação.... Ainda bem que o espírito se mostra mais forte do que a carne!

Paulo de Tarso Venceslau se sentiu, hoje, mais debilitado. Fernando, Monteiro e Vanderley receberam glicose, mas decidiram não aceitar mais, só em último caso, obrigado pelos médicos. O resto do pessoal parece que vai bem. Meu único problema é controlar o apetite da imaginação...

De seu filho,

Betto

MONÓLOGO INTERIOR DIRETO 7

Sexto dia sem comer nada. Só tomo água. Ainda posso fazer uma caminhada. Perdi a fome. Assim vivem os famintos na Terra. Quanto tempo sobrevive um homem ingerindo apenas água? A dor de cabeça e ânsia de vômito desapareceram. Vai dar para aguentar um bom tempo. O que me impressiona são os recursos do organismo humano. Seis dias sem comer, só tomando água pura, e ainda consigo andar, pensar, escrever. O homem forte é aquele que faz da palavra de Deus seu único alimento. Estamos no salão nobre. Entram o diretor-geral e um senhor, logo apresentado como doutor Werner Rodrigues, diretor do DIPE, promotor público há 30 anos. Faz longa preleção para dizer que entrara em entendimento com nossos companheiros detidos no Carandiru e que tem carta branca para atender nossas reivindicações: ficaremos todos no mesmo presídio, ele diz, as presas transferidas para o presídio feminino ao lado do Carandiru e ele providenciaria condições para visitas entre os casados, desde que o juiz-auditor autorizasse. Traz-nos uma carta assinada pelos companheiros, contendo todos esses pontos. Confiantes na palavra do tal Werner, os companheiros cessam a greve de fome. Diante disso, decido também cessá-la, já que nossas exigências serão atendidas, e não haverá mais isolamento de presos políticos. Alberto Becker e Mané Porfírio sentem-se mal. São levados ao hospital, onde tomaram glicose. Não durmo bem à noite. Mesmo encerrada a greve, continuo sem vontade de comer. No café servem-nos torradas. No almoço, tomo caldo de feijão. À tarde, espero pela transferência. Nada. Afinal sai. O Carandiru fica ao lado da penitenciária - ainda assim o DEOPS e a Polícia Militar vêm nos transportar em grande aparato. Vamos dentro de um carro-forte, conhecido por “brucutu”. Há 4.700 homens aqui. Passamos por minuciosa revista na

carceragem. Na rouparia, deixamos as roupas, proibidas de entrar. Nova revista, peça por peça, de nosso vestuário, feito pelos próprios presos. Tomamos banho, recebemos uniforme: calça e blusão de azuis, de brim, muito largos. As calças não tem bolsos, nem casa para colocar cintos. Na barbearia, raspam os nossos cabelos dos dois lados. Preenchemos em seguida uma infinidade de fichas- tudo feito por presos. Fomos avisados de que dom Paulo nos visitará logo que chegarmos ao Carandiru. Ele passa aqui mas não consegue nos ver. Somos transferidos para a penitenciária do Estado. Logo que chegamos entra em movimento uma possante burocracia. Reduzimo-nos novamente a um número numa cela. Passamos pela barbearia. Os companheiros que cultivavam densos bigodes adquirem novo aspecto. O cabelo é cortado no mesmo estilo que eu usava na infância. Passamos pela fotografia, datiloscopia, exame médico, incluindo amostra de urina e sangue, vacinas contra varíola, tifo e tétano. Corredores imensos galerias com centenas de celas, todas de portas escuras, barras de ferro que atravessam em todas as direções, por todos os lados. Impossível andar mais de 30m ou dobrar à esquerda ou direita sem ter que atravessar uma pesada grade. Cela 724. Uma cama de ferro, com colchão, banco, mesa, sanitário – tudo fixo na parede. O regime é duro a disciplina rigorosa. Todos os funcionários usam uma espécie de farda; são ostensivamente encontrados em toda parte. Logo que chegamos somos punidos com dez dias sem direito de sair da cela. Exceto para o médico e o advogado. De modo que ninguém toma banho, nem de sol, nem de água. Liberaram a Bíblia, releio Jeremias e Macabeus, encontro duas revistas Seleções certamente anteriores ao atual regulamento que proíbe revistas; uma de 1943 e outra do ano seguinte. Misturam-se os textos em minha cabeça. Agora nova cadeia. Por quanto tempo? Esta é uma longa jornada por dentro das grades da minha existência. Em Porto Alegre, o diretor do DOPS não me permitiu tomar banho de sol pois o local reservado para isto era uma sacada no segundo andar. Ele temia que eu me jogasse de lá a fim de não revelar o que sabia. Como convencer o governo que afinal, não sou tão importante quanto imaginam, nem detenho tantos segredos assim? Vou revelar os meus contatos no Pentágono... Dois anos e meio de grade. O organismo modifica seus reflexos, adapta-se à insegurança, à incerteza, ao clima de terror. De que vale o medo quando não há alternativa? Perder a liberdade não é necessariamente perder a dignidade. Os dias continuam lindos, cheios de sol. Faço ginástica três vezes por semana, depois, ducha fria. Sozinho na cela, leio. Escrevo. Depois tudo fica menos escuro. A luz se apaga às dez e meia da noite. O chão é de marmorite, as paredes são pintadas de verde, o que me agrada, em dois por quatro metros tem ainda cama, mesa e banco. Quem foi o arquiteto que desenhou isso? Devia ser preso...

CARTA 17 (Penitenciária Regional de Presidente Venceslau, cela 8) - Queridos pais e manos,

Logo quando começávamos a adaptar-nos ao Carandiru veio uma ordem judicial e nos mandou para a fronteira de São Paulo com o Mato Grosso. A viagem foi muito maior do que a da Rede Mineira de Viação para Pirapora. Treze horas rodando dentro do porta-presos de uma viatura do DEOPS; Fernando, Ivo, Vanderley Caixe e eu. Tudo fechado, sem ar e luz, um caixão de lata aquecido pelo sol e o motor. Sei agora o que sente um frango no forno.

Confiem na Igreja, saberá como agir por nós. Pensar que papai está calmo e confiante é o melhor que posso ter até aqui – pois estou calmo, confiante e alegre. Não se assustem por eu estar na enfermaria. Estamos todos aqui. O que nos anima é saber que tudo isso é contado na economia da salvação. Não reparem a letra, é sempre ruim, e hoje vai ser pior: escrevo na cama, ando fraco, completamos duas semanas sem comer, pois retomamos a greve de fome ao ser transferidos para cá. Nossas reivindicações não foram atendidas e, em vez de nos unir num único presídio, a repressão nos separa ainda mais. Valeu a pena a primeira experiência de greve de fome. Agora entrei mais preparado, as reações são bem diferentes. Nem dor de cabeça, nada de ânsia de vômito. O moral, lá em cima. Passo os dias lendo, das 8 às 22 horas, sem interrupções. Apenas fome, daquela cor que a Carolina Maria de Jesus conta em *Quarto de Despejo*: amarela, com a barriga da gente quase encostando nas costas, e a boca rançosa, amarga, saudosa de um tutu com linguça, arroz de forno com costeletas de porco, bife a cavalo. Êta mundo bão! Só de pensar num franguinho assado com farofa de ovo e azeitona, ou numa feijoada daquelas sem gordura, com bastante paio e couve, e naquelas carnes recheadas acompanhadas de maionese, já dá uma alegria que faz a barriga roncar, doida pelo seu quinhão. É, mas ela ainda vai ficar no descanso uns dias, até essa situação

ser resolvida, ou seja, atendida nossa exigência de reunificação dos presos políticos. Ficamos na água pura uns seis ou sete dias, como da outra vez. Aqui tem um equipe médica excelente; mantém-nos sob observação.

Todo dia mede pressão, pulso, temperatura e peso. Este a gente perdeu aos poucos, a fraqueza aumentou, a cara empalideceu. Chegamos àquele ponto em que os médicos se viram obrigados a interferir. Entramos no soro e mais umas injeções. Meu braço está todo picado. Agora o peso estacionou, a palidez sumiu, as energias voltaram.

Com os medicamentos que tomo, dá para aguentar muito. E todo o pessoal vai bem, nenhum de nós seis teve qualquer problema mais sério. Faço votos que, ao receberem esta carta, já esteja tudo resolvido. Mas não se preocupem comigo, tenho é fome e sede de justiça.

MONÓLOGO INTERIOR DIRETO 8

Vinte dias de fome absoluta. Sonho com comida e passo mal. Perspectivas longínquas. Somos seis presos políticos. Quem nos escolheu? Escolha apátrida. Grupo heterogêneo nas origens. Homogêneo na amizade lacrada com sangue, suor e lágrimas. Não quero ficar aqui. É longe do mundo. Greve. Greve. Garçom, água pura, sem medicamento, por favor. Começam os problemas: fraqueza, acidose, má circulação sanguínea. Chamem os médicos! Chamem o juiz! Chamem o tribunal! Chamem um advogado! Não quero mais água com sais de desidratação nem soro de glicose e plasma. Nem leite de magnésia. Como encontro forças escrever? No início era tranquilo, à base de água pura. O que tortura é que os remédios que nos deram abrem o apetite e a fome é canina. O que vivemos é duro, mas extraordinário; purifica, converte, torna-nos mais lúcidos. Quando perdemos tudo sobra isso, a lucidez, que vale mais que todas as outras coisas. Estou bem graças ao soro, porém bastante magro. A Igreja faz o que pode. O núncio veio nos visitar. É tudo uma questão de tempo. Estou tranquilo, alegre, certo de que o Senhor é o pastor que nos conduz nessa perigosas veredas. Vai ser assim: Ele nos deu muitas alegrias e nós dará muitas dores. Devo agradecer o sol e a chuva. Sofre quem não tem coragem de suportar o peso da cruz. Eu a abraço, pois sei que “o fardo é leve e o jugo suave”. Ainda não dei o bastante de mim mesmo. Isso me preocupa. Quem pensa que o caminho da ressurreição não coincide com o do calvário errou de endereço. Se alguém considera que a paz é um prato de comida é porque tem visão muito limitada das coisas. Na fome, encontro, atualmente, muito mais paz que em outros períodos de abundância. Não é a toa que a sabedoria oriental fez do jejum um doa estímulos à libertação interior do homem. Embora hoje seja o 26º dia de nosso jejum, ainda tenho forças, tanto que dá para escrever. Invento uma oração: *Senhor, quando olhares para os que nos aprisionaram e para aqueles que à tortura nos entregaram; quando pesares as ações de nossos carcereiros e as pesadas condenações de nossos juízes; quando julgares a vida dos que nos humilharam e a consciência dos que nos rejeitaram esquece, Senhor, o mal que porventura cometeram. Lembra, antes, que foi por este sacrifício que nos aproximamos de teu filho crucificado: pelas torturas, adquirimos as suas chagas; pelas grades, a tua liberdade de espírito; pelas penas, a esperança de seu Reino; pelas humilhações, a alegria dos seus filhos. Lembra, Senhor, que desse sofrimento brotou em nós, qual semente esmagada em que germina o fruto da justiça e da paz, a flor da luz e do amor. Mas lembra, sobretudo, Senhor, que jamais queremos ser como eles, nem fazer ao próximo o que fizeram a nós.*

CARTA 18 - Queridos pais e manos,

Ontem, às 18 horas, terminou a nossa greve de fome, que durou 33 dias nessa segunda fase, e seis na primeira, um total de 39 dias – provavelmente a mais longa de que se tem notícia no Brasil. Entre os 36 presos políticos que participaram não houve defecção, todos firmes até o fim. Mais tarde chegaram os médicos. Graças a eles estamos vivos e em condições de rápida recuperação. Deram-nos assistência permanente, dedicaram-se com afinco a estudar o caso (nunca tinham tido experiência de greve de fome, aliás bastante rara, e os livros de medicina que tratam a respeito foram baseados em casos de campos de

concentração durante a guerra) e mandaram vir de São Paulo os melhores medicamentos prevendo possíveis consequências.

O aparelho digestivo não é capaz de suportar alimentos gordurosos ou sólidos após tanto tempo de férias. Comer uma feijoada agora (para qual não falta apetite) seria morte certa. Assim, iniciamos por pequenas e contínuas doses de leite maternalizado, sendo que o meu não contém nenhuma gordura, enquanto no dos outros a dose é de 12%. Podemos tomar também uma xícara de café. Amanhã, biscoitos de água e sal serão acrescentados a dieta. Faço votos que até o fim da semana seja possível regalar-me com um bom prato de arroz, feijão, carne e salada, e tomar café com pão lambuzado de manteiga. Sob vários aspectos, esta greve de fome foi muito positiva. Do ponto de vista pessoal, um ótimo retiro, espiritual e intelectual; permitiu-me um profundo reencontro comigo mesmo. Quanto ao aspecto político, o jejum levantou na opinião pública, e principalmente na Igreja, a preocupação pelas condições carcerárias do preso político. Fez essa realidade emergir na consciência nacional, e mesmo internacional, pois o jornalista norte-americano Jack Anderson, cuja coluna é reproduzida em 700 jornais do mundo, publicou uma carta-denúncia.

Chove torrencialmente e faz muito frio. Ao meu lado, na cela 13, está um camponês de Goiás, Manoel Porfírio de Souza, 28 anos. Não chegou a tirar diploma de curso primário, mas é dos amigos mais inteligentes que já tive. Aprende as coisas quase que por instinto, tem memória bíblica, não há nada na natureza que lhe seja estranho. Conhece o canto de cada pássaro, a madeira de cada árvore, o brilho de cada pedra. Fala dos rios do sertão como falamos das ruas de nosso bairro. Pele curtida pelo sol, baixo, franzino, tem o espírito resistente como fibra de buriti, e pelas quebradas da vida busca a justiça como um garimpeiro persegue o cobiçado diamante. Mané tem sofrido tanto quanto casca de seringueira. Seus irmãos perderam-se pela vastidão do mundo, sua mulher ficou no meio do caminho, incapaz de segui-lo no ideal que o anima; seu pai, Zé Porfírio, 60 anos, líder camponês, ex-deputado federal, homem de dores e lutas, está preso em Brasília. Onde vem a força interior deste companheiro que não crê em deus, não recebe visitas e, no entanto, está sempre alegre, firme, indiferente a qualquer ameaça ou sofrimento, como os primeiros cristãos? Basta dizer que durante o jejum ele teve febre alta, inflamação na vesícula e atrofiamento dos nervos; mesmo assim, recusou alimentação e encarava a morte como se, para ele, fosse a invasão de Deus em sua vida.

O STM votou o nosso recurso e confirmou nossa penas. Não tivemos oportunidade de defesas, assim como no julgamento em 1º instância o juiz-auditor não permitiu que fossem apresentadas nossas testemunhas de defesa; alegou “escassez de tempo”. Tudo isso reforça minha convicção de que só o julgamento de deus e dá história nos interessam, pois confio que estes nos absolverão. Hoje envio um abraço muito especial a todas as pessoas amigas que tem frequentado nossa casa, apoiado minha família nesses momentos difíceis. A esses anjos da guarda meu muito obrigado e a certeza das minhas orações.,

Betto

SOLILÓQUIO 10

Estou num outro mundo. Vai ser uma experiência rica e inesquecível. Meus companheiros agora são homens condenados a 20, 40 ou 100 anos de prisão. Receberem-nos extraordinariamente bem. Com muita vontade de conversar e franca admiração pela união que há entre nós, presos políticos. São homens de origem social pobre, marcados pelos mais terríveis sofrimentos, curtidos nas mais duras humilhações, sedentos de luz, paz e liberdade. O regime penitenciário recupera o preso comum? De modo geral não. Apenas concede-lhe um longo período de férias de suas atividades delituosas. Quando não funciona como curso de pós-graduação. A única eficácia desse regime é afastar determinado criminoso do contato com a sociedade e da oportunidade de reincidência – por algum tempo. Nem recupera o homem, nem reduz o índice de criminalidade. Por culpa de quem? Da ordem social da qual o sistema penitenciário é reflexo. Infelizmente os projetos educacionais do Estado esqueceram as penitenciárias. Frequentemente visitas percorrem a penitenciária. É proibido ao detento dirigir-se a elas. Algumas nos olham com raios X, querem

captar, por trás da nossa simples aparência, todo o passado de crimes que certamente carregamos. Outro dia eu estava na sala de estudos, e alguns senhores passaram em direção ao salão. Olharam-me de relance. Na volta, pararam a observa-me; tive a impressão de ser dissecado. O guarda que os acompanhava deve ter me apontado como um dos “terroristas”. Somos perigosos terroristas, assaltantes de bancos, assassinos de pais de família. Aqui, a maioria ficou surpresa ao ver os “terroristas”: não tem queixo quadrado e cicatriz no rosto, nem cara fechada e ódio cravejado nos olhos. Assustam-se quando falo que jamais peguei numa arma, mesmo descarregada. A imprensa noticiou que havíamos montado um “aparelho” no Presídio Tiradentes, o que não deixa de ser uma desmoralização para a administração. Todas as vezes que falam nisso os presos riem; entenderam “aparelho” como sinônimo de aparelho transmissor, principalmente porque, ao apresentar-se na TV, o promotor declarou que servia para mandar notícias para o exterior. E qualquer um sabe que montar um transmissor na cela é por um elefante numa caixa de fósforos. Essa notícia deixou os guardas também muito impressionados. E eu aqui num cubículo amarelo dessa penitenciária enfiada na esquina do mundo, com o número 25.044 carimbado nas roupas de algodão que o estado me fornece. Aqui, meu mesmo, só o pensamento, cuja raiz machado nenhum corta. A igreja Católica infelizmente não tem esse hábito evangélico. Os presos permanecem esquecidos pelos católicos, enquanto os protestantes prestam-lhes um serviço admirável. Em matéria de pastoral carcerária, somos uma lástima. Só sei de um sacerdote que se dedica de corpo e alma aos prisioneiros, o padre Ismael, capelão da Penitenciária do Estado, em São Paulo. Jamais o vi, mas o bom pastor se conhece por suas ovelhas. Um dia a gente chega lá. Por enquanto tornamos a bagagem menos pesada, livrando-nos dos casarões conventuais. Rezo para que o próximo passo seja atravessarmos essa linha imaginária que ainda nos separa do povo simples. Aqui levanto antes do sol, fico no pátio à espera de vê-lo resplandecer no horizonte para não perder o espetáculo de flagrar a noite toda ruborizada ao ser surpreendida por ele. Quando essa manhã de domingo ardia de luz, me recolhi à cela. Foi então que comecei a ouvir vozes desafinadas cantando alto e repetidamente: “Ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil!”. Achei que fosse uma revolução. Era apenas um grupo de prisioneiros ensaiando para a festa do Sesquicentenário da Independência do Brasil.

CARTA 19 - Meu caro Léo,

Mamãe disse que provavelmente você irá aos EUA no fim do ano. Evite viagem de turismo. Há uma maneira de conhecer um país ou um povo sem jamais entrar em contato físico com ele. É através do estudo da história e da cultura desse povo. Kant, sem jamais ter saído de Konisberg, conhecia Londres melhor que muitos ingleses que ali habitavam. Isso nos leva à certeza de que de que os livros nos fazem conhecer melhor um país ou um povo do que qualquer viagem. É claro que o ideal é unir uma coisa à outra. Procure preparar-se bem para tirar o máximo de proveito da viagem. *Vá por dentro do assunto.* Não se limite a apreender um pouco de inglês. Leia o mais que puder sobre a história dos EUA, para ter uma ideia das origens e evolução do povo estadunidense. Ponha-se por dentro dos problemas que afetam atualmente aquele país: a desvalorização do dólar, o desemprego, o racismo, as eleições presidenciais, a guerra do Vietnã, a toxicomania da juventude, a poluição. Vá bem informado sobre o Brasil. Lá, nossa terra é tão conhecida pelo povo quanto aqui conhecemos o Iêmen do Sul. Eles farão mil perguntas, principalmente sobre o nosso povo e nossa política. E prepare-se para encontrar um povo orgulhoso e ingênuo, que se crê guardião da “civilização cristã ocidental”, considera-se o dono da luz (o que não deixa de ser verdade), e acredita em programas de TV (pois até hoje os estadunidenses estão convencidos de que John Kennedy foi assassinado pela loucura de Lee Oswald, que agiu por conta própria e que este, por sua vez, foi morto por Jack Ruby, que também agiu por conta própria, e que pouco depois o acaso levou Bob Kennedy a ser assassinado pelo jovem S. Sihran, que também era ouro demente agindo por conta própria!...) De fato, se há um progresso que ninguém pode negar aos estadunidenses é o de terem superado qualquer sentimento de culpa. Eles semeiam a morte em Hiroshima e Nagasaki, na Coréia e no Vietnã, dão armas à América Latina e ao Oriente Médio, como se tudo isso fosse uma brincadeira inevitável. Este pensamento me levou a fazer um poeminha trágico:

A criança asiática morreu sob a bomba

Disparada pelo jovem piloto

Formado pelo capitão

Sob ordens do general

Promovido pelo presidente

Eleito pelo povo estadunidense

Que não sabe que matou a criança.

Na TV a foto da criança morta

Faz o povo suspirar

Enquanto o homem do imposto

Aguarda na porta.

Mas se por acaso a viagem não sair, não vá lamentar muito. Outras oportunidades não faltarão.

Abraços pra você, do mano,

Betto

CARTA 20 - Meu caro Breno,

Mãe disse que você anda pensando em parar de estudar. Gostaria, pois, de colocar algumas questões que, creio, poderão ajudá-lo a tomar uma decisão mais clara (não digo mais correta, porque o estudo na Brasil continua arcaico e alienado). A estrutura social em que vivemos é um verdadeiro funil, que tende a sufocar quem não atravessa o estreito bico da formação universitária ou da especialização profissional. A prisão é um bom reflexo disso. A maioria dos presos é semianalfabeta, há alguns com curso primário completo, raros têm o ginásio, e nenhum cursou a universidade, pelo menos aqui. Isso de maneira alguma significa que quanto maior o grau de instrução, menos o índice de criminalidade. Entre gente mais instruída a prática do crime é mais requintada. O criminoso analfabeto tem menos recursos que o criminoso universitário ou diretor de empresa. Este não precisa forçar portas ou assaltar a mão armada; age com inteligência e esmero: sonega o fisco, adultera notas fiscais, cobra preços exorbitantes pelo produto que vende, rouba o salário de seus empregados, vence concorrências por suborno, corrompe funcionários administrativos, faz negociatas, incentiva o lenocínio, explora o trabalho do menor etc. Este não vem para a cadeia. A violência que pratica não é declarada, é uma violência dissimulada, aparentemente encoberta pelo próprio costume social. Quando acontece de o rico ou “doutor” abusar de suas imunidades de classe, e a Justiça cai em cima, então “dá-se um jeito”, menos cadeia. Quem atualmente pensa em seguir uma carreira humanista (não gosto do termo, mas no momento não encontro outro), deve estar disposto a viver com pouco feijão e muito idealismo. O governo está interessado em formar uma geração de tecnocratas. Por isso suprime cursos de geografia, história, sociologia, ciências sociais, filosofia e letras. Qualquer pessoa formada numa dessas matérias tem que arranjar um bico para sobreviver. Breve teremos uma geração sem memória, sem história e sem glória. Homens plenamente identificados com seus computadores e que se sentirão satisfeitos com um bom salário, carro, piscina, quadra de tênis e uísque importado. Os poderosos não raciocinam por princípios, mas por interesses. O equilíbrio internacional não é garantido pela ONU, e sim pelos arsenais de guerra. Sobrevive quem tem mais condições de matar. Quem decide não são as intenções, é o dinheiro.

Olha, Breno, desculpe o tom meio catastrófico, mas procure pensar bem antes de deixar de estudar. Isso é um privilégio, e quem o abandona por livre escolha mais tarde sempre se arrepende. Alguns conseguiram

remar contra a maré, mais a tendência da classe média no Brasil é de se tornar cada vez mais pobre. Gostaria de ouvir sua opinião. Quando puder, escreva.

Envio um grande abraço a todos,

Betto

SOLILÓQUIO 11

O jornal chega à noite, dedico-me aos livros ou a escrever. É bom. O silêncio absoluto todavia é assustador quando penso nos gritos que estão sendo abafados. Mas sinto paz, uma enorme paz dentro da transformação que venho sofrendo. Hoje à tarde caminhei com Risadinha: 37 anos, dois latrocínios, 16 anos de cadeia, condenado a 48. Jamais recebeu uma visita, nem mantém correspondência com qualquer pessoa. Seu mundo tem os limites dessas muralhas equipadas com holofotes, sistemas de alarme, e soldados com fuzis e metralhadoras. Não há sofrimento físico que ele não tenha conhecido, sem falar dos espirituais; nunca soube o que é afeto. No entanto, é um homem que pensa e sabe o que pensa. Há algo dentro dele que o faz firme e esperançoso. De que? Não sei. Meu amigo da cela em frente, Moacir Pedroso tem pintado muito. Cada um escapa como pode da solidão. O que pinta? Não sei. Nesses últimos anos me familiarizei com a morte. De várias maneiras está próxima de mim. Durante este ano, passei 39 dias meditando sobre ela; descobri que já não me assusta. Assusta quando não estamos preparados para enfrentá-las. Se reconhecemos que o amor é uma necessidade ilimitada, e que somos limitados para amar, então é perfeitamente aceitável que haja um momento de supressão de todos os nossos limites. Três anos de prisão não é muito tempo quando se conversa com homens que aqui estão há 15 ou 20 anos, entregues à ociosa expectativa de uma data incerta de saída. Saber que poderei estar na rua dentro de um ano, e que muitos continuarão aqui ainda por dezenas de anos, leva-me à sensação de impotência diante do mal. Sob determinadas condições, estar preso é ser mais livre, por paradoxal que isso pareça. Não sei quanto tempo ainda ficarei aqui. Mas quem sabe sobre o seu futuro? Vivemos num tempo de incertezas. Esse calor entremeado de chuva não refresca nunca. Essas manchas aqui são micoses. Aqui no xilindró todo mundo tem isso. Diagnóstico: ziquizira de cadeia. Remédio indicado: alvará de soltura.

CARTA 21 - Queridas irmãs E. e H.,

A vida religiosa assemelha-se mais ao sepulcro caiado que à comunidade dos apóstolos. Ela não pode pairar acima do comum dos mortais. Há que se tirar a máscara que encobre a face de Cristo. É claro que tudo tem seu tempo. O lamentável é que a Igreja Católica quase sempre caminha a reboque do tempo. Agora parece que despertamos de longo período de sonolência. De início, houve ímpetos de se apressar; mas vimos depois não adiantar por o carro na frente dos bois.

Resta-nos ter muita paciência e assumir o trabalho de renovação junto a um povo cuja religiosidade tem raízes tortas mais seculares. Nosso modelo de inserção entre o povo é Jesus de Nazaré. Devemos observar sua pedagogia, a maneira de pregar e viver, sobretudo o despojamento que o tornava tão semelhante aos “convidados ao banquete”.

Jesus manifestava, em sua comunhão com as pessoas, a mesma ternura que o unia ao Pai. Esse despojamento é condição de possibilidade à verdadeira comunhão com o pobre, e significa uma ruptura sempre maior com os condicionamentos e interesses das classes dominantes. A vida cristã supõe essa imitação do testemunho de Jesus. Porém, esse testemunho não é um simples modelo, é quem dá vida à nossa vida. Só ao desvelarmos sua presença no interior de nossa existência é que a vida cristã se tona profunda experiência de amor entre nós e o Senhor ressuscitado. O movimento que conduz a esse amor e o aprofunda é a oração.

Agora me pergunto se, de certa maneira, a obrigatoriedade do breviário e do ofício não mataram a vida de oração de padres e religiosos... não tinham tempo para encontrar Deus no silêncio. Da oração individual faziam um rosário de petições. Assim, muitos não descobriram a oração como encantamento, nem ultrapassaram aquele limite em que a pessoa deixa de rezar para ser transfigurada pela oração.

Rezem por nós.

Afetuosamente, seu irmão,

Betto

CARTA 22 - Queridos Manos C. e D.,

Lamento não poder comparecer à sua formatura “por motivo de força maior” (a expressão que mamãe escrevia na minha caderneta de colégio para justificar minha falta de à aula é bem apropriada). Não fosse isso – meia dúzia de portas gradeadas ou os 11 meses que me separam da liberdade -, aí estaria para comemorar com vocês. Mas podem estar certos, participo dessa felicidade. Antes de vir para prisão não tive a oportunidade de observar de perto o que significa ser médico. Se o médico atende secamente o preso – como um veterinário que não pode estabelecer diálogo com seus clientes, porque estes não falam -, pouco adiantam os remédios indicados. Se, ao contrário, o médico encara o paciente como uma pessoa a quem deve servir, basta um olhar amigo e confiante. O melhor remédio é o interesse demonstrado para com o paciente. Há, todavia, médicos e médicos. Conheci aqui uns que receitavam o comprimido A se o sintoma era do pescoço pra baixo... Outros agiam de tal forma que fiquei em dúvida se eram carcereiros ou policiais. Entretanto, vi também homens que não mediam sacrifícios em benefício dos pacientes. Traziam sempre na face o mais eficaz analgésico: um sorriso.

Uma das maiores provas de amor de que tenho notícias foi dada por um médico cuja esposa, há oito anos, vegetava numa cama, sem nenhuma função ou atividade, exceto a que qualquer humano tem durante o sono. O marido poderia, com uma simples agulha, pôr fim àquele sofrimento. Durante oito anos, diariamente, ele fazia ginástica, dava banho e alimentava a esposa por sonda. Isso me foi contado por um padre que conhecia o casal.

Não sei o que ocorreu depois. Mas o exemplo deste médico me fez entender que o limite do amor é amar sem limites. Soubemos que o juiz-auditor não quis se pronunciar sobre o nosso pedido de liberdade condicional; remeteu-o ao Conselho Penitenciário Federal, em Brasília. Garanto que é a primeira vez que este conselho é instado a manifestar-se sobre presos políticos. Apesar de nos acusarem de crimes políticos e nos enquadrarem na Lei de Segurança Nacional, querem agora nos tratar como presos comuns. Apesar de nos tratarem como presos comuns, não nos permitem recorrer ao tribunal civil nem fazer uso do *habeas corpus*.

Quem entende?

Muita saudade e um abraço afetuoso,

Betto

CARTA 23 - Querido irmão John,

É incrível que haja miséria no reino da abundância, como nos EUA. O sistema capitalista tem suas curiosas contradições: a liberdade de vocês é o resultado de nossa opressão. Para que haja poucos ricos, é preciso que haja muitos pobres. Para que haja uma nação como a sua, é necessário que haja a miséria da América Latina, da África e do Sudeste Asiático. Todas as vezes que lavo as mãos com sabonete Gessy-Lever, faço a barba com Gillete, acendo a luz fornecida pela Light e saboreio um chocolate da American Food, envio dinheiro para vocês. Os pobres sustentam os ricos.

O que não entendo é como Nixon conseguiu ser reeleito. A única explicação é que o povo daí vive sob poderosíssima ditadura industrial-militar, que inclusive o convence de que é o mais livre do mundo. É como a história da democracia em Atenas. Pura farsa, mas quase ninguém a põe em dúvida. Atenas tinha, no esplendor de sua “democracia” 20 mil homens livres vivendo às custas do trabalho de 400 mil escravos. Pois bem, o povo estadunidense (os 400 mil escravos) não influi na vida da nação (controlada

pelos 20 mil livres), embora pense que sim. De fato, vocês podem criticar o sistema à vontade, só não podem pretender modificá-lo.

Falemos agora de vocês dois. Fico feliz ao vê-los realizados no matrimônio. O que mais me alegra é saber que essa opção em nada prejudicou suas relações com a Igreja. Já teve início a contagem regressiva de nosso último ano de prisão: em novembro finda a sentença de quatro anos a que fomos condenados. O advogado solicitou nossa liberdade condicional. É provável que fiquemos aqui até novembro. O ano passou bastante agitado. Passamos por quatro prisões diferentes. A fim de salvaguardar nossos companheiros, fizemos duas greves de fome, sendo a última de 33 dias. Agora vivemos nesta penitenciária como presos comuns, embora legalmente sejamos presos políticos.

Desejo a vocês um ano-novo repleto de alegrias,

Frei Betto

MONÓLOGO INTERIOR DIRETO 9

Que calor infernal! Que suadouro, não consigo levantar da cama. O corpo está mole como ramo de brejo. Mas sinto que meus anticorpos venceram a batalha. É uma alegria estranha. Estou preso, mas a certeza de nunca ter perdido a verdadeira liberdade. Escrevo sobre as perspectivas da espiritualidade. Sinto que a teologia e a palavra me transcendem. Volto ao início de minha estada aqui. Nunca senti revolta, mas lembrava Monteiro Lobato, estive na cela em que estive preso há anos, quando revelou que no Brasil existia petróleo. Naquela época era proibido falar a verdade... O petróleo continuou enterrado e o Lobato foi internado. Depois soltaram os dois. Mas até hoje dizem que o petróleo brasileiro “não é muito, nem bom”; e em cada esquina se encontra um posto Esso, Atlantic, Texaco ,etc. Certas experiências na vida parecem neutralizar a nossa sensibilidade. No início da prisão, não conseguíamos dormir quando a noite era povoada pelos gritos daqueles que sentiam na carne as mesmas dores que Jesus experimentou na Sexta-feira Santa. Com o tempo, acostumamo-nos a não ter medo do sofrimento, como a enfermeira do leprosário se acostuma a não ter repugnância dos pacientes e aprende a amá-los. Para nós, estar preso por causa da justiça não é nenhuma vergonha. Há muitos cálices amargos a serem bebidos, e temos vontade de pedir a Deus para afasta-los. Mas é neles que recuperamos nossa saúde espiritual. Passamos por oito cárceres e, em cada um, submetidos a um regulamento diferente. Em uns, tratados como presos políticos, com direito à prisão especial; em outros, o mesmo tratamento dos presos comuns, como ocorre aqui. Somos seis políticos no meio de 400 comuns. Usamos uniformes, somos conhecidos pelo número de nossas matrículas, moramos em celas individuais, comemos apenas com colher, e tudo que recebemos ou enviamos para fora passa pela censura. A cela é de 3mx2m, com cama, mesa e banco fixos na parede, e uma torneira acima da privada turca, onde também tomamos banho. A prisão é um fardo leve ao se transformar num testemunho de liberdade. Ora a morte é inexorável, tudo morre um dia: o Partido Democrata Cristão, a Rolls Royce, a dinastia soviética, o automóvel Renault, o subdesenvolvimento Africano, a 20th Century Fox, os ditadores latino-americanos, os filhos, os netos e os bisnetos de Mr. Nixon e todos aqueles que têm medo de morrer. Ninguém pode matar o homem que já não se apegou à sua vida e, portanto, não pode mais perdê-la. Este vive do amor, imortal e eterno. Passarão a General Electric, as Casas Pernambucanas, o Departamento de Estado e todos os tangos de Paris; passarão os nossos dias de ociosidade, a nossa preguiça de amar, as nossas fugas do outro, o nosso medo à verdade e à liberdade; passarão os que não querem passar, e os que só querem ficar; mas as Suas palavras não passarão até que surja um novo céu e uma nova Terra, onde não haverá nem choro nem lágrimas, nem cartões de crédito, nem artigos em liquidação, nem fome, nem dor, nem supermercados, nem loteria esportiva. Então Ele será tudo em todos e viveremos em sua plenitude. Moacir Pedroso tem pintado muito ultimamente. Morreu o Picasso, mas nascem novos artistas... O calor anda nos 35 graus! O curso supletivo nasceu mesmo. Longa e atribulada gravidez. Fora o parto, não menos doloroso. 64 presidiários se inscreveram. Isso quebra a falsa ideia de que esses homens não se interessam pela atividade intelectual e as oportunidades de encontrar novos caminhos na vida. Agora me sinto útil. É a experiência de ressuscitar os mortos. Ajudo esses homens a saírem de si. Podem expandir seus sentimentos, ideias e afetos, eu sei. É um serviço que compensa

qualquer sacrifício. O dia está reduzidíssimo. Volto à cela para comer e dormir. Nem percebo que fico das 6 às 17 horas na sala de aula. Uma alegria estranha.

CARTA 24 - Queridos pais e manos,

No curso supletivo, permanecem quase 40 alunos em cada classe. Duplas que antigamente nem podiam se encontrar, hoje se abraçam nos ensaios de teatro. Tive que fechar as inscrições, estamos com quase 50 participantes. O horário de ensaios foi ampliado: Para a primeira apresentação do Grupo Teatral. Dramatizei o capítulo 9 do *Evangelho de João*. Haverá também esquetes cômicos e declamações de poesias. Não quero deixar nenhum dos participantes sem fazer pelo menos uma “pontinha” – todos subirão ao palco! O maior espetáculo vejo eu: homens, que na rua mataram e roubaram, despertam toda a criatividade recalcada, explodem na admirável percepção de sua própria pessoa. Nem imaginam o que isso significa!

Aprendi a fazer café e coá-lo em pé de meia; a fazer o arroz “unidos venceremos”; feijão com terra; e a comer doce com formiga. Deixei de lado aquele negócio de “isso eu não como”, “aquilo eu não gosto”, “mãe, o café tá frio”, “faz outro bife pra mim” e outras manhas. Se não fosse essa preparação na infância, teria passado fome em algumas cadeias cuja comida não era identificável nem pelos olhos nem pelo paladar. Todo dia vinha “mexido à Lavoisier” (nada se perde, tudo se transforma). De certas comidas já nem sei o gosto. Mas isso não é o pior. Não tenho a menor ideia do preço de uma passagem de ônibus. Esqueci o que é um sorvete. Mas não lamento minha situação.

Apesar de tudo, sou livre. Lamento é a situação desses que estão aqui há 15, 18 ou 20 anos, e nem sabem quando sairão! Dentro dessas quatro paredes, todavia, minha vida e meu mundo são extraordinários. A solidão me faz bem, muito bem. A vida religiosa ensinou-me a gostar dela, a prisão habituou-me a ela. O mais terrível tributo da solidão é a morte. Se permanecemos fechados em nós, somos sufocados pelo silêncio opressivo e humilhados pela impossibilidade de abordar o outro.

Tento escapar pela imaginação. A imaginação, que às vezes nos aterroriza e, pouco a pouco, consome nossas resistências, é o contrário do inferno. Neste caso, a solidão é completa ausência, impotência, privação: o sofrimento de não poder mais amar. Somos então levados ao suicídio. Há varias formas de suicídio, e a pior nem sempre é a que faz cessar a vida como fenômeno biológico. A solidão nos conduz para além de nós mesmos. Por mais que a nossa razão e o nosso espírito estejam tranquilos, lúcidos e realistas (o que significa não alimentar ilusões), há qualquer coisa que faz desencadear uma incontável atração pelo “lá fora”, para não dizer, inapropriadamente, liberdade.

Quando resisto, quando oro, quando escrevo é quando sou livre.

MONÓLOGO INTERIOR DIRETO 10

O companheiro Moacir Pedroso produziu uma magnífica obra de arte. Ao contemplá-la, sinto que conseguiu fazer transparecer nos limites de uma tela tudo aquilo que significou para nós esses anos de cárcere. O motivo é um prisioneiro em sua cela, sentado à mesa de pedra. Ele escreve. A cela é terrível como tudo que suprime ou esmaga a liberdade humana. Não tem simetria, e a janela gradeada não mostra nada, senão um conjunto opaco de cores que traduzem amargura. Tudo ali é sombrio, solitário, precário como a cruz pregada na parede ao fundo. Sofrimento e imundície se mesclam onde o homem foi reduzido à condição animal de jaula. As tonalidades do quadro são obscuras e confusas, como se gotas de lágrimas tivessem pingado, espalhado, misturado as tintas, resultando num efeito que traduz todo o horror de um cárcere. O prisioneiro, embora magro e com o corpo carcomido pelos anos de humilhação, revela em seu olhar uma poderosa força. É esta energia inefável que o impede de ser tragado por aquele esgoto onde a sociedade lança o que seu organismo doentio repele. Ele traz dentro de si uma luz que tudo aquece e transfigura. Sua altivez, sua postura e suas feições mostram um homem que não conhece a derrota nem

admite o ódio como arma de defesa ou ataque. Sua tranquilidade é cheia de coragem, e a liberdade que traz em si é uma misteriosa experiência que só o amor pode conhecer ou manifestar. Ele escreve.

Eu escrevo. Sei que meus braços, longos e finos, não podem torcer as barras de ferro, nem derrubar as paredes que reduzem minha liberdade às dimensões do corpo. Mas nada pode tolher ou mutilar meu pensamento, apagar minha consciência, extirpar minha alma. Nada pode impedir-me de ser testemunha de um antro e de um tempo de atrocidades. Escrevo às gerações futuras o fracasso de um presente que tenta inutilmente limitar a liberdade humana. Meus olhos grandes e vivos estão cheios de esperança. Meu olhar não conhece o acaso. Eu escrevo. Eu escrevo. Eu escrevo.

- F I M -